



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

VANESSA MARIANA GONÇALVES DE LIMA SILVA ALBUQUERQUE

ENTRE OS “BICOS” E AS “BOCAS”: a rememoração na construção de significados de si com participantes do programa “Centro de Justiça Terapêutica do TJPE”

Recife

2021

VANESSA MARIANA GONÇALVES DE LIMA SILVA ALBUQUERQUE

ENTRE OS “BICOS” E AS “BOCAS”: a rememoração na construção de significados de si com participantes do programa “Centro de Justiça Terapêutica do TJPE”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

Linha de Pesquisa: Cultura e Cognição

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Diniz Pereira de Lyra

Recife

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

A345e Albuquerque, Vanessa Mariana Gonçalves de Lima Silva.
Entre os “bicos” e as “bocas” : a rememoração na construção de significados de si com participantes do programa “Centro de Justiça Terapêutica do TJPE” / Vanessa Mariana Gonçalves de Lima Silva Albuquerque. – 2021.
136 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria da Conceição Diniz Pereira de Lyra
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2021.
Inclui referências.

1. Psicologia cognitiva. 2. Psicologia. 3. Justiça terapêutica. 4. Pernambuco. Tribunal de Justiça. I. Lyra, Maria da Conceição Diniz Pereira de (Orientador). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

(BCFCH2021-130)

VANESSA MARIANA GONÇALVES DE LIMA SILVA ALBUQUERQUE

ENTRE OS “BICOS” E AS “BOCAS”: a rememoração na construção de significados de si com participantes do programa “Centro de Justiça Terapêutica do TJPE”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 20/05/2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Karina Moutinho Lima (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Henrique Jorge Simões Bezerra (Examinador Externo)
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Tatiana Alves de Melo Valério (Examinadora Externa)
Instituto Federal de Pernambuco

RESUMO

Na abordagem de questões associadas a relações problemáticas com drogas, o judiciário brasileiro tem desenvolvido programas educativos, conforme previsto na Lei 11.343/2006. Sob o paradigma da Justiça Terapêutica, esses programas têm, frequentemente, profissionais psicólogos compondo suas equipes. Mas, há uma escassez de produções científicas que contemplem o trabalho do psicólogo nos Centros de Justiça Terapêutica. Diante da importância de que essa prática seja teoricamente fundamentada e embasada em evidências científicas, defende-se a relevância deste estudo, de maneira a cooperar com um delineamento de possibilidades para atuação e contribuição da Psicologia, sobretudo da vertente da Psicologia Cultural Semiótica e da perspectiva do Dialogismo. Assim, foi percorrida uma estrada teórico-conceitual embasada na Psicologia Cultural Semiótica e na Teoria do Self Dialógico, para o estabelecimento de uma metodologia e análise pertinentes aos objetivos desta pesquisa e ao contexto em que foi desenvolvida. O intuito foi de identificar, através de atividades rememorativas e de projeções do futuro, como as rodas de conversas com temas específicos e entrevistas iniciais (anamneses) que compõem o programa do CJT/TJPE, podem desenvolver, com os participantes, significados de si e como esses atuam na (re)construção de trajetórias de vida. A pesquisa foi realizada com três participantes desse programa. Houve uma combinação de métodos para construção e análise de dados que incluiu a observação com audiogravação das atividades já propostas pelo programa CJT/TJPE (entrevista inicial individual e oito rodas de conversa em grupo) mais a inserção de entrevistas semiestruturadas e individuais subsequentes às rodas de conversa. Essas atividades foram submetidas à análise dialógica e revelaram as vozes do eu do sujeito, vozes de outros internalizados e de outros atuais presentes nos enunciados. O procedimento analítico também permitiu a identificação dos significados de si dos sujeitos produzidos nas tríades eu-outro-objetos que atuaram na (re)construção de suas trajetórias de vida. Ainda que os resultados da pesquisa fortaleçam a relevância do outro na construção de significados de si dos sujeitos, este estudo não se propôs a provar a importância do outro. Mas, já partindo dessa constatação, utilizando a rememoração de vivências dos participantes, foram enfatizadas as interações entre as diversas vozes atuantes no self dialógico e investigadas as construções de significados de si emergentes das interações eu-outro que atuaram nas produções de trajetórias de vida, em um dado contexto. Houve um foco nas trajetórias que direcionaram para o consumo, dependência e envolvimento no tráfico de drogas e na identificação daquelas que apresentaram fatores protetivos referentes a essa problemática.

Os resultados obtidos elucidaram intervenções, através da relação eu(participante)-outro(pesquisador)-objeto(reflexões), que favoreceram a emergência do novo no self dialógico de cada participante e a concepção de novas trajetórias de vida. Deste modo, o estudo apontou, por meio da perspectiva dialógica, possibilidades para a prática profissional na abordagem de questões referentes a drogas. Assumir a existência desse fenômeno das possíveis construções a partir da tríade eu-outro-objeto, em diversos contextos institucionais reais concretos e conduzi-lo de maneira mais consciente, reflexiva e com responsabilidade ética, conforme descrito na pesquisa, é um desafio que ainda demanda mais estudos.

Palavras-chave: Justiça Terapêutica; Rememoração; Self Dialógico; Significados de Si; Trajetórias de Vida.

ABSTRACT

In addressing issues associated with problematic relationships with drugs, the Brazilian judiciary has developed educational programs, as provided for in Law 11.343 / 2006. Under the Therapeutic Justice paradigm, these programs often have professional psychologists composing their teams. However, there is a scarcity of scientific productions that contemplate the psychologist's work at the Therapeutic Justice Centers. In view of the importance of this practice being theoretically grounded and based on scientific evidence, a research of this study is advocated, in order to cooperate with a delineation of possibilities for the performance and contribution of Psychology, especially from the perspective of Semiotic Cultural Psychology and the perspective do Dialogism. Thus, a theoretical-conceptual road based on Semiotic Cultural Psychology and the Theory of Dialogical Self was followed, for the establishment of a methodology and analysis relevant to the objectives of this research and the context in which it was developed. The aim was to identify, through reminiscent activities and projections of the future, how the conversation circles with specific themes and initial interviews (anamnesis) that make up the CJT / TJPE program, can develop, with the participants, meanings of themselves and how they act in the (re) construction of life trajectories. The research was carried out with three participants in this program. There was a combination of methods for data construction and analysis that included observation with audio recording of the activities already proposed by the CJT / TJPE program (initial individual interview and eight rounds of group conversation) plus the insertion of semi-structured and individual interviews subsequent to the rounds of discussion. talk. These activities were subjected to dialogic analysis and revealed the voices of the subject's self, the voices of others internalized and others present in the statements. The analytical procedure also allowed the identification of the meanings of the subjects' self produced in the triads I-other-objects that acted in the (re) construction of their life trajectories. Although the results of the research strengthen the relevance of the other in the construction of the subjects' meanings of themselves, this study did not intend to prove the importance of the other. But, starting from this observation, using the participants' experiences recall, the interactions between the different voices acting in the dialogic self were emphasized and the constructions of meanings emerged from the I-other interactions that acted in the production of life trajectories, in a given context. There was a focus on the trajectories that led to consumption, dependence and involvement in drug trafficking and in the identification of those that presented protective factors related to this problem. The results obtained elucidated interventions, through

the relationship between I (participant) -other (researcher) -object (reflections), which favored the emergence of the new in the dialogical self and the conception of new life trajectories. Thus, the study pointed out, through the dialogical perspective, possibilities for professional practice in addressing issues related to drugs. To assume the existence of this phenomenon of possible constructions based on the I-other-object triad, in several concrete real institutional contexts and to conduct it in a more conscious, reflective and with ethical responsibility, as described in the research, is a challenge that still demands more studies.

Keywords: Therapeutic Justice; Remembrance; Dialogical Self; Self Meanings; Life Trajectories.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – TTE 7 com Lúcio, a atuação do cronopo ativado pelo contexto pandêmico.....	41
Quadro 2 – TTR 1 sobre drogas e seus efeitos.....	67
Quadro 3 – TTE inicial com Tito.....	69
Quadro 4 – Possíveis diálogos internos baseados nas falas que marcaram as posições do eu atuantes na tríade Tito – Psicóloga pesquisadora – Mundo.....	72
Quadro 5 – TTR1.....	73
Quadro 6 – Heterodiálogos que marcam as posições do eu na tríade Tito – Avó – Mundo.....	78
Quadro 7 – Eu, eu mesmo e meu indissociável corpo. Tensões e adaptações.....	84
Quadro 8 – TTE 3 com Jone - o beco como palco.....	91
Quadro 9 – TTR 1, Jone.....	93
Quadro 10 – Jone e suas narrativas, o sujeito camuflado como objeto da ação.....	93
Quadro 11 – TTE 1 com Jone – a escola (1).....	93
Quadro 12 – TTE 2 com Jone – a escola (2).....	94
Quadro 13 – Sobre a prisão visível – TTE 1 e TTE 5 com Jone.....	97
Quadro 14 – TTE 5 com Jone.....	98
Quadro 15 – TTR 1, Droga – dinheiro pra quem não tem.....	99
Quadro 16 – Fluxos dialógicos na tríade J-P-Objeto.....	101
Quadro 17 – TTE 1 - Diálogos através da tríade L – P – Droga.....	108
Quadro 18 – TTE 7 – A boca: A vendedora de Sonhos.....	111
Quadro 19 – O estigma do noiado – A vida do sujeito sem o sujeito.....	113
Quadro 20 – TTE 6 – Lúcio depois de um fim de semana muito louco.....	117
Quadro 21 – Síntese das posições do eu assumidas nas interações de Lúcio, os significados de si delas emergentes e percursos traçados a partir desses.....	121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASD	Avenida de Significado Dirigido
BNMP	Banco Nacional de Monitoramento de Prisões
CJT	Centro de Justiça Terapêutica
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
L	Lúcio
J	Jone
P	Psicóloga Pesquisadora
SENAD	Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas
T	Tito
TJAP	Tribunal de Justiça do Amapá
TJDFT	Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios
TJPE	Tribunal de Justiça de Pernambuco
TJRJ	Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro
TJSP	Tribunal de Justiça de São Paulo
TTE	Trecho de Transcrição de Entrevista
TTR	Trecho de Transcrição de Roda

LISTA DE SÍMBOLOS, CONVENÇÕES E SUBSTITUIÇÕES

Convenções utilizadas nas transcrições

(...) Interrupção na transcrição ou fala iniciada antes do trecho transcrito

... Pausa na fala ou fala não concluída

(/) Interrupção, sobreposição da fala por outros interlocutores

Substituições por questão de privacidade

Dona Lana - Nome fictício

Jone – Nome fictício

Lúcio – Nome fictício

Tito – Nome fictício

“X” – Quantificação não explicitada ou nome próprio não mencionado

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	15
2.1	O USO DE DROGAS, QUESTÕES RACIAIS E DE CLASSE SOCIAL – UMA REFLEXÃO HISTÓRICO-CRÍTICA.....	16
2.2	O SURGIMENTO DA “DRUG COURT” (CORTE DE DROGA) E SUA INFLUÊNCIA.....	19
2.3	O PARADIGMA DA JUSTIÇA TERAPÊUTICA NO BRASIL.....	21
2.4	SOBRE O CENTRO DE JUSTIÇA TERAPÊUTICA DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO – CJT/TJPE.....	25
3	CONCEPÇÕES TEÓRICAS PERTINENTES E ALGUNS PRÉVIOS ENTRELACES COM O ESTUDO EMPÍRICO.....	27
3.1	PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA – PCS.....	28
3.2	REMEMORAÇÃO.....	30
3.3	UM CONTEXTO POTENCIALIZADOR PARA A EMERGÊNCIA DO NOVO: A CONVERSA.....	32
3.4	SELF DIALÓGICO – SD.....	34
3.5	RELAÇÕES EU-OUTRO-OBJETO NO CRONOTOPO, A ESTRELA NA ÁRVORE.....	35
3.5.1	A árvore da criação de si e da (re)construção de significados.....	36
3.5.2	Cronotopo, uma estrela na árvore.....	41
3.5.3	Posições, do eu e de outros	46
3.5.4	Objetos.....	47
3.6	TRAJETÓRIAS DE VIDA EM AVENIDAS DE SIGNIFICADOS DIRIGIDOS FORJADAS COM O CRONOTOPO.....	48
4	O PRESENTE ESTUDO.....	53
4.1	OBJETIVOS.....	53
4.2	MÉTODO.....	53
4.3	PARTICIPANTES.....	55
4.4	PROCEDIMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DE DADOS.....	56
5	ABORDAGEM ANALÍTICA.....	60
6	ANÁLISES CONSTRUÍDAS.....	62

6.1	CONSTRUÇÃO COM TITO.....	64
6.1.1	Construções de significados a partir das interações de Tito com os tantos outros presentes nos diálogos desenvolvidos.....	65
6.1.2	Trajetórias de vida (re)construídas com Tito.....	84
6.2	CONSTRUÇÃO COM JONE	87
6.2.1	Construções de significados a partir da interação Jone-Psicóloga Pesquisadora-Objeto. Da prisão do beco à prisão no beco.....	89
6.2.2	Trajetórias de vida (re)construídas com Jone. Porque já desceu, agora que subiu, sobe “redondo”?.....	102
6.3	CONSTRUÇÃO COM LÚCIO.....	105
6.3.1	Construções de significados a partir de interações Lúcio-Outro-Objeto no decorrer da vida.....	106
6.3.2	Trajetórias de vida (re)construídas com Lúcio.....	119
6.4	AS DIFERENTES INTERAÇÕES COM O OUTRO (P) E AS AVENIDAS DE SIGNIFICADOS DIRIGIDOS COM T, J E L: INTERSECÇÕES E DISCUSSÕES.....	121
7	CONSIDERAÇÕES, CONTRIBUIÇÕES E DIREÇÕES FUTURAS.....	125
	REFERÊNCIAS.....	131

1 INTRODUÇÃO

Apesar da Justiça Terapêutica compreender programas com distintas práticas e técnicas, é imprescindível, conforme apontado por Fensterseifer (2018) que essas ferramentas favoreçam, de fato, a efetividade de um Centro de Justiça Terapêutica. Sendo mister que essa prática seja teoricamente fundamentada e embasada em evidências científicas.

Porém, diante da escassez de trabalhos quanto ao assunto, principalmente no que se refere à prática do psicólogo nos programas de Justiça Terapêutica, há grandes desafios para o desempenho desse profissional. Dessa maneira, entende-se que estudar, forjar e avaliar práticas do psicólogo, lotado nessas unidades do judiciário brasileiro, pode, por um lado, qualificar o programa Justiça Terapêutica e por outro, delinear as possibilidades de atuação, o papel e a margem de contribuição da Psicologia para essa demanda que lhe bate à porta.

Considerando as especificidades do CJT/TJPE e sua finalidade, de desenvolver atividades que favoreçam reflexões e construções de novas possibilidades na vida do participante ingressante no programa (BRASIL, 2019), compreendendo as contribuições da PCS na abordagem dos processos cognitivos (VALSINER, 2012), a questão que mobilizou este estudo foi: Como, através do processo de rememoração e de projeções do futuro, participantes do programa CJT, produzem múltiplos significados de si mesmo e constroem trajetórias de desenvolvimento? Neste sentido, defende-se a relevância do estudo sobre como, nesses grupos terapêuticos e atendimentos individuais, a psicologia pode contribuir mobilizando, por meio da rememoração, reflexões, produções de significado e construções de trajetórias de vida.

A maneira da PCS abordar os processos cognitivos, como a rememoração, enfatizando a historicidade e a sociogênese (VIGOTSKI, 1998), a compreensão da dinâmica dialógica de constituição/desenvolvimento do self e suas trajetórias de continuidade e descontinuidade (MARKOVÁ, 2016), apontam para o entendimento de que intervenções embasadas nessas concepções, podem contribuir na construção de práticas dialógicas cientificamente fundamentadas. Favorecendo, assim, a atuação da Psicologia no contexto descrito.

Essa forma de entender a constituição do sujeito humano requer uma maneira de fazer pesquisa que seja pautada nas suas construções individuais, porém embasada nos processos culturais e nas interações entre sujeito e cultura. Foi assumida, então, a ideia de Valsiner (1997; 2012) de *separação inclusiva*. Através desse conceito, entende-se que pessoa e cultura, apesar de separados, são obrigatoriamente interdependentes, uma vez que se constituem mutuamente. A separação inclusiva possibilita o desenvolvimento da autonomia e a diferenciação do sujeito na cultura e nas suas relações (COSTA; LYRA, 2002).

Logo, uma pesquisa que adota essa concepção, é direcionada a objetivos que visem à compreensão de como os significados sociais podem integrar a construção do psiquismo e com uma metodologia que contemple não apenas o conhecimento do objeto, mas que procure conhecer o sujeito, o produtor de “textos” que externalizam as construções subjetivas dos indivíduos (VALSINER, 2012).

Assim, destacamos a afetividade na rememoração e na construção de significados. Pois, como evidenciado por Simão (2010) o raciocínio não necessariamente implica reflexão, mas o afetar-se sim. E o desenvolvimento é resultado de processos cognitivos e também afetivos (VIGOTSKI, 1991). Foi ressaltado, ainda, o papel do outro (os participantes das rodas de conversa, a própria pesquisadora, enfim, quaisquer outros reais ou imaginários) na mediação da reconstrução mnemônica, visando desvendar os significados de si dos participantes, ao longo dos oito encontros no decorrer da pesquisa, além das entrevistas individuais com cada um desses participantes.

É esperado que o estudo sobre como através do processo de rememoração e projeções de futuro, participantes do programa CJT, produzem múltiplos significados de si mesmo e constroem trajetórias de desenvolvimento, indique contribuições para o conhecimento teórico e também possibilidades de integração na prática profissional, com ganhos para ambas (teoria e prática da Psicologia).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Justiça terapêutica é o termo usado para designar programas adotados pelo sistema judiciário brasileiro na abordagem de questões associadas a relações problemáticas com drogas. A Associação Brasileira de Justiça Terapêutica caracteriza o programa como uma proposta para “desenvolver um conjunto de medidas e ações visando aumentar a possibilidade dos usuários e dependentes de drogas compreenderem e modificarem sua realidade” (ABJT, 2019). Dessa forma, ele se propõe a ser um novo paradigma que seja efetivo para a sociedade e para o indivíduo acusado de crimes relacionados ao uso de drogas. Essa proposta tem favorecido a redução nos índices de reincidência e criminalidade, ao invés do simples encarceramento (LIMA, 2011).

O Brasil é possuidor da terceira maior população carcerária do mundo, conforme dados de 2018 do BNMP - Banco Nacional de Monitoramento de Prisões, ferramenta desenvolvida pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça) para fazer o mapeamento da população carcerária brasileira. Mais da metade da população carcerária registrada no país tem até 29 anos. Vale salientar que neste registro não estão incluídos os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação ou semiliberdade, que não integram o escopo atual do BNMP. Em relação à raça, cor, etnia das pessoas privadas de liberdade no país, 54,96% foram classificados como pretos ou pardos. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria possui no máximo o ensino fundamental. Dentre os tipos penais mais recorrentes, imputados às pessoas privadas de liberdade, o tráfico de drogas e condutas correlatas estão na segunda posição (BRASIL, 2018).

A memorialista Piper Kerman (2014) traça uma imagem do sistema prisional dos Estados Unidos, por meio da protagonista Piper Chapman de ‘Orange is the new black’: “A prisão é, literalmente, um gueto no sentido mais clássico da palavra ...” (KERMAN, 2014, p.143). Através da narrativa da personagem, é denunciada a funcionalidade da prisão, como local para onde o governo manda, não apenas os perigosos, mas também os inconvenientes, a exemplo, os “viciados”.

O uso de substâncias psicoativas sempre esteve presente na humanidade, nos mais diferentes contextos, com a finalidade de atender a diversas demandas. Seja para alterar a consciência, transcender a experiência imediata, explorar as emoções, enfim, para alterar a percepção da realidade. Essa necessidade, de estar além de uma existência limitante, parece inerente ao ser, assim como o anseio por conhecimento, por desenvolvimento e sobrevivência. No entanto, em diversas partes do mundo, as relações que o homem vem estabelecendo com as substâncias psicoativas, sejam elas lícitas ou ilícitas, têm se configurado um problema

sistêmico, antropológico, fisiológico, psicológico, jurídico, político, social, cultural, dinâmico e espiritual (BACELLAR, 2015).

De acordo com a definição da OMS (Organização Mundial de Saúde), droga “é um termo de uso variado” (SENAD, 2010, p.57), faz referência a um elevado número de substâncias com distintos efeitos sobre a percepção, o pensamento e o estado de ânimo, podendo “prevenir ou curar doenças ou aumentar o bem estar físico ou mental” (p.57). Atualmente, prevalece a compreensão de que o termo tem sido usado para “referir-se tanto a preparações medicinais como a substâncias utilizadas com o propósito inicial de obter prazer” (PINTO, 2012, p. 16).

Logo, vale salientar que neste texto, ao ser usada a terminologia droga, é no sentido de droga psicoativa, que de acordo com a OMS é uma expressão equivalente à “substância psicoativa” (SENAD, 2010, p.112). O termo refere-se a “uma substância que quando ingerida afeta os processos mentais, por exemplo, cognição ou humor” (SENAD, 2010, p.112). Assim, os termos são usados para se referir a todas as classes de substâncias psicoativas, as lícitas e as ilícitas.

2.1 O USO DE DROGAS, QUESTÕES RACIAIS E DE CLASSE SOCIAL – UMA REFLEXÃO HISTÓRICO-CRÍTICA

Em meio à histórica relação (homem x droga) e às problematizações dessas interações, as intervenções do judiciário foram, por muito tempo, estritamente punitivas. Terminaram por tornar insuportáveis os índices carcerários em diversos países, inclusive Brasil e Estados Unidos. Essa desafiante realidade assombra esses países que acabam compartilhando de uma crise no sistema penal. Países onde drogas e criminalidade protagonizam um ciclo vicioso que tem sido preponderante para um diagnóstico negativo em relação ao sistema penal, uma vez que a prisão não consegue atingir os fins a que se propõe (FENSTERSEIFER, 2018).

Esse trágico cenário descrito na literatura, confirmado nos números do BNMP (BRASIL, 2018) e na vivência profissional da pesquisadora, revela o jovem negro pobre que abandonou a escola, que não lhe fazia sentido de utilidade para vida, em busca das opções que lhe davam sentido de sobrevivência, nos “bicos” (trabalho temporário e informal) e nas “bocas” (local de comércio de drogas). Esse é o retrato do jovem do gueto do mundo exterior e da prisão. Conforme exposto em Kerman (2014, p.143) “...o gueto do mundo exterior também é uma prisão, mas uma prisão muito mais difícil de escapar do que esta. Na verdade, existe,

basicamente, uma porta giratória entre nossos guetos urbanos e rurais e o gueto formal de nosso sistema prisional”.

Entretanto, Boiteux (2015) verificou que a opinião pública brasileira parece desconhecer os reais efeitos da criminalização das drogas na exclusão de populações vulneráveis no sistema carcerário brasileiro. A autora observou que a população brasileira assume uma postura conservadora e contraditória referente às drogas, ao expressar notada preocupação com a suposta epidemia do crack, embora o maior consumo seja de álcool. Esse equívoco na compreensão da realidade sobre o uso e o abuso de drogas é atribuído à campanha proibicionista da “guerra contra as drogas”, a qual é baseada no controle penal sobre o uso e a venda de drogas rotuladas como ilícitas (BOITEUX, 2015).

No entanto, a distinção entre drogas lícitas e ilícitas é relacionada a uma estratégia de conveniência política e não é fruto de uma avaliação empírica ou científica dos riscos de cada substância a ser controlada (SEDDON, 2010). Em um estudo a fim de desenvolver uma escala racional para avaliar o dano de drogas potencialmente inapropriadas, Nutt et al. (2007), constataram discrepâncias entre os resultados e as classificações nas escalas de riscos atuais. Não ficando claro, para esses autores, a pertinência da distinção entre substâncias aceitáveis e ilícitas. O que ratifica ser a classificação legal/ilegal a instituição de um juízo de valor que o homem e seu aparato jurídico fazem em determinado contexto espaçotemporal.

A pesquisa de Nutt et al. (2007) constatou, inclusive, que as duas drogas legais mais usadas - álcool e tabaco - estão na metade superior da classificação de dano, sendo o tabaco a causa mais comum de mortes relacionadas a drogas. Porém, ainda que o uso/abuso do tabaco venha a sobrecarregar os serviços de saúde, suas consequências a curto prazo e os efeitos sociais dessa prática, não são atípicos à normativa predominante. Assim, os dados apontam para a urgência na construção de políticas sobre drogas embasadas em evidências científicas e não em preconceitos e suposições.

As problematizações a respeito do uso/abuso de drogas têm revelado o modelo proibicionista como vigente na maioria dos países, responsável por impor, a sociedades complexas e diversificadas, a cultura branca protestante anglo-saxã norte-americana (BOITEUX, 2015). Nesse sentido, o discurso normalizador proibicionista desconsidera a diversidade étnica, cultural e religiosa de outros povos, forjando um racismo historicamente institucionalizado (WERNECK, 2013).

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (2014), na época das muitas colonizações, o uso de substâncias químicas pelos escravos, em seus ritos culturais tradicionais, foi associado a manifestações de lascívia, violência e descontrole emocional. Logo, o homem branco

colonizador, percebeu-se ameaçado pelas alterações nos escravos ao ingerirem certas substâncias.

No final do século XVIII, segundo Seddon (2010), com a instauração do capitalismo liberal e da sociedade proletária consumidora, já se nota um expressivo aumento da preocupação do Estado em regular o uso individual de drogas. Esse interesse em disciplinar a vida em diversos aspectos foi primordial para o surgimento das políticas sobre drogas. O autor também afirma que o consumo de substâncias psicoativas foi ganhando conotações de condenação moral, ao ser associado a uma possibilidade de ingresso a “paraísos artificiais”, o que contrariava os dogmas católicos e o que a sociedade havia estipulado como apropriado.

Com a industrialização, conforme Ribeiro e Ribeiro (2014), boa parte da população abandonou o campo e passou a compor a classe operária, amontando-se nos guetos urbanos. Musto (1987) relata que, nesse momento, o uso de drogas pelos negros e imigrantes que constituíam as classes mais pobres, os operários, foi um grande incômodo, sendo associado às manifestações sociais de confrontação que ocorriam em todo o mundo naquela época. Assim, cada vez mais intensamente, o uso de drogas foi se tornando uma prática passiva de sanções institucionalizadas, como estratégia para manutenção da ordem e dos estratos sociais (RIBEIRO; RIBEIRO, 2014).

Considerando mais especificamente a história do Brasil, Escohotado (2004) alega uma associação entre determinados grupos de classe social e raça com o uso de certas drogas, sendo esses grupos caracterizados como inferiores moral e economicamente. O autor identifica como sendo em 1830, o início do elo entre racismo e proibição às drogas no Brasil, com a proibição do pito do pango (maconha), substância relacionada aos negros.

Bento (2002) descreve o Brasil imperial como país nascido e prosperado à custa da escravidão negra, outrora já um país negro e mestiço, mas com o desafio de “manter-se aos moldes europeus de civilização que consideram negros e mestiços não civilizados e não civilizáveis” (BENTO, 2002, p.37). Nesse intuito, conforme Carone (2002), a ideologia do branqueamento do Brasil significou não apenas o crescimento de mestiços, mas está associada à pressão cultural da hegemonia branca após a abolição da escravatura.

Com a Lei Áurea, os negros, agora livres e soltos a uma nova ordem social, haveriam de negar a si mesmos como condição de acesso ao novo sistema. Não houve, segundo autores (CARONE, 2002; FERNANDES, 2008), iniciativas relativas a uma concreta integração dos negros ao momento econômico pós-abolição, de forma que eles pudessem atender aos novos padrões do capitalismo e da economia competitiva. A mão-de-obra requerida e utilizada passou a ser a qualificada europeia, aumentando a massa ariana no país. O esforço político era para

construção de uma identidade nacional concernente com os valores cunhados na ideia da supremacia da raça branca. Tais valores foram incorporados aos processos de socialização, à cultura, saúde, educação e criminologia (CARONE, 2002). Restando ao negro à condição de marginalidade (FERNANDES, 2008). Desde então, a raça negra, no Brasil, foi ocupando as classes morais e socioeconômicas mais inferiores (ESCOHOTADO, 2004).

Posteriormente, a guerra contra as drogas ainda serve à manutenção da hierarquia racial, justificando o racismo institucional (BOITEUX, 2015). A tentativa de branqueamento ocorrida no país foi à custa do apagamento e da opressão do negro (BENTO, 2002). Assim, o racismo estrutural vem atuando na exclusão seletiva de grupos racialmente subordinados, como os negros e indígenas, garantindo o acesso a posições, serviços e bens de acordo com a cor e origem étnica, de maneira a produzir e reproduzir a hierarquia racial (WERNECK, 2013).

Contemporaneamente, os indicadores de homicídios refletem o racismo estruturado no Brasil. Dados do IPEA (BRASIL, 2020) denunciam como os homicídios têm atingido a população brasileira de forma desigual. De modo que, enquanto a taxa de homicídios de negros no país, entre 2008 e 2018, cresceu 11,5 %, a taxa de homicídios de não negros caiu 12,9%.

Hoje, ainda perdura a invisibilidade social dada a esses jovens negros, empobrecidos pelos rumos da história, emergem do invisível quando são considerados uma ameaça à ordem pública ou capturados pela repressão. Não é incomum esses jovens adultos chegarem até nós (CJT/TJPE) antes mesmo de existirem no Cadastro de Pessoas Físicas (CPF), ou terem uma identificação (RG), ou ainda uma educação fundamental.

Tal como a descrição de Kerman (2014), a porta giratória entre os guetos é real. A criminalização do sujeito em relação à droga pode ser cíclica: delito-prisão-processo-condenação-liberdade-consumo-novo delito (FENSTERSEIFER, 2018). Diante desse diagnóstico multinacional, é sinalizada a necessidade de uma atuação a partir de diversos prismas, de forma que a responsabilidade seja compartilhada, havendo ações sistêmicas, em uma perspectiva holística, global e transdisciplinar (BACELLAR, 2015). Assim, na busca por uma abordagem mais adequada e eficaz referente ao trato de problemas relacionados ao uso de drogas, diversos meios já foram empregados.

2.2 O SURGIMENTO DA DRUG COURT (CORTE DE DROGA) E SUA INFLUÊNCIA

O termo “Justiça Terapêutica” foi referido pela primeira vez em 1987, em um artigo de Wexler e Winick para o National Institute of Mental Health. O texto fazia uma análise da lei de saúde mental norte-americana e seus efeitos na vida das pessoas, propondo uma nova concepção

e atuação dos atores jurídicos nessas questões, entendendo que “a lei é uma força social com consequências no campo psicológico” (WEXLER; WINICK, 1996, p. 2). Nesse sentido, é compreendido o possível caráter terapêutico e reabilitador da lei, sendo definida a Justiça Terapêutica como “uma perspectiva interdisciplinar vinculada não somente ao direito, mas também a outras disciplinas como Psicologia, Psiquiatria, Criminologia, Serviço Social e Saúde Pública” (WEXLER; WINICK, 1996, p. 11). Dessa maneira, parece haver uma atenção para a problemática em sua complexidade, sendo mantidos os princípios legais e judiciais.

De acordo com Wexler e Winick (1996), nos Estados Unidos, o modelo Justiça Terapêutica rapidamente avançou para outras áreas além da lei de saúde mental estadunidense, influenciando o direito criminal, direito familiar, juvenil, trabalhista e outros. Mas é amplamente destacado seu impacto nas Cortes de Drogas. O que é compreensível, considerando o panorama da década de 1980, época em que, segundo Fensterseifer (2018), foi constatado que grande parte da população carcerária dos Estados Unidos era formada por indivíduos que haviam praticado pequenos delitos relacionados ao uso de drogas e que, apesar da condenação, acabavam retornando ao sistema penal.

O Tribunal de Miami, em 1989, foi o primeiro a incorporar o paradigma acima descrito. Diante do fracasso do Estado, na declarada “guerra contra as drogas”, a adoção da Corte de Drogas mostrava-se uma tentativa de abordar de forma diferente os delitos relacionados ao consumo de drogas. Assim, a Corte de Drogas e a Justiça Terapêutica convergiram para uma só direção, buscando, através da aplicação da lei, a realização de práticas e procedimentos judiciais que facilitassem o processo de reabilitação (WEXLER; WINICK, 1996).

A proposta foi sendo disseminada pelo território americano. Os resultados do novo modelo foram satisfatórios, o que incentivou a outros países, tais como Austrália, Chile, Canadá, Porto Rico e outros, aderirem à ideia (FENSTERSEIFER, 2014). Porém, Fensterseifer (2018) sinaliza que surgiram variações conceituais e metodológicas importantes na propagação do modelo Corte de Drogas. O que é atribuído à diversidade dos sistemas legais e a diferenças estruturais. Dessa maneira, embora haja uma finalidade comum a todos esses programas, seja nos Estados Unidos, Canadá ou aqui no Brasil, eles podem diferir consideravelmente (LAMARCK, 2015). Em uma publicação do *Australian Institute of Criminology*, Makkai (1998), ao analisar as práticas do paradigma em questão em tribunais nos EUA, Reino Unido e Austrália, já chamava atenção para o fato de “não haver dois tribunais para dependentes químicos operando da mesma maneira” (MAKKAI, 1998, p.01).

Em 1997, no intuito de propagar os critérios pertinentes para o reconhecimento de uma Corte de Drogas, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos com a National Association

of Drug Court Professionals publicaram o “Defining drug courts: The Key Components”. A obra foi resultado do trabalho de um comitê composto por profissionais de diversos tribunais para dependentes químicos e outros especialistas. Esses profissionais, com base nas primeiras vivências relacionadas a essas Cortes de Drogas, compartilharam as experiências consideradas satisfatórias e as que não obtiveram os mesmos resultados. Havia o intuito de que as referências apresentadas nesta publicação fossem inspiradoras, procurando-se descrever as melhores práticas, projetos e operações a servirem de paradigma para os diversos tribunais de drogas em diferentes países. Pois, em diversas partes do mundo, houve a adoção do modelo americano, mas sem a instituição de certa uniformidade nos procedimentos (DRUG COURTS PROGRAM OFFICE, 1997).

Fensterseifer (2019) elenca estes dez elementos-chave utilizados como critério internacional de reconhecimento de uma Corte de Drogas: 1) integração dos serviços de tratamento de álcool e outras drogas com o sistema de justiça; 2) utilização de linguagem não adversarial e a proteção da segurança pública e do devido processo legal; 3) a identificação dos possíveis participantes e sua integração ao programa devem ocorrer o quanto antes; 4) oferecimento de tratamento contra as drogas e de outros serviços que visem à reabilitação; 5) monitoramento da abstinência por instrumentos de detecção de drogas; 6) estabelecimento de estratégias para a manutenção da abstinência e do comprometimento com o programa; 7) integração entre juiz e participante; 8) autoavaliação periódica do programa; 9) capacitação multidisciplinar periódica dos profissionais das cortes de drogas; 10) estabelecimento de parcerias com entidades públicas ou comunitárias que possam contribuir com o programa.

2.3 O PARADIGMA DA JUSTIÇA TERAPÊUTICA NO BRASIL

Para Lima (2011), antes do estabelecimento das Cortes de Drogas nos EUA, no Brasil, já era uma prática usual e legal o tratamento de infratores adultos usuários de drogas com problemas perante a Justiça. Segundo ele, a Justiça Terapêutica pátria tem origem no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90), que prevê a possibilidade de requisição de tratamento médico, psicológico e psiquiátrico, incluindo orientação e tratamento a alcólatras e toxicômanos.

Em 1999, o Tribunal de Justiça gaúcho, juntamente com o Ministério Público, buscou fortalecer a interação entre a justiça criminal e a terapêutica. Nesse período, começaram as divulgações do programa Justiça Terapêutica no Brasil, ocorrendo diversos encontros com

operadores do Direito e da Saúde, de diferentes Estados brasileiros. Em 2000, com sede no Rio Grande do Sul, foi criada ANJT - Associação Nacional de Justiça Terapêutica.

Em 30 de abril de 2001, o Tribunal de Justiça de Pernambuco implantou o primeiro Centro de Justiça Terapêutica da América Latina (LIMA, 2011). Atualmente, no âmbito judiciário do país, é possível reconhecer diversas práticas compatíveis com o paradigma da Justiça Terapêutica, ainda que essa nomenclatura nem sempre seja enunciada.

Em Goiás, o Programa Justiça Terapêutica promove ações que favoreçam, ao usuário e dependente de drogas, a compreensão e modificação de sua realidade, através de reflexões sobre comportamento, uso de drogas e relacionamento com a sociedade. Já em São Paulo, o TJSP, juntamente com o Ministério Público Estadual, coordena a Comarca Terapêutica, que atua realizando encaminhamentos aos serviços de saúde e assistência a familiares dos dependentes químicos. No TJRJ, além de grupos de orientação com os familiares dos participantes, as estratégias metodológicas do Programa Justiça Terapêutica contemplam grupos de acolhimento, acompanhamento e reflexão (BRASIL, 2020).

No Paraná, a equipe multidisciplinar do Núcleo de Assessoria Psicossocial de Curitiba criou a OPUD – Oficina de Prevenção ao Uso de Drogas, com ações socioeducativas que inclui atendimentos individualizados aos jurisdicionados dos Juizados Especiais Criminais e articulações em rede para encaminhamentos dessas pessoas e suas famílias a serviços de saúde, assistência social, escolar e profissionalizante (SENAD, 2014).

No TJDF, os processos referentes às aplicações da Lei 11.343/2006, são conduzidos de maneira a oportunizar ao atendido a avaliação da vida e da relação estabelecida com a droga. Nesse sentido, conforme a demanda, pode haver encaminhamentos para equipamentos da rede ou atendimento individual por equipe multidisciplinar ou ainda para ‘Atendimento Avaliativo em Grupo’, em que são discutidos temas referentes à cidadania, saúde, problemas associados ao abuso e dependência de drogas, legislação, fatores de risco e protetivos, projeto de vida, entre outros (SENAD, 2014).

Mais recentemente, em 2019, a comarca de Santana do TJAP lançou o projeto “A Própria Ação de Vida”, no intuito de que esse funcione como um piloto para implementação da Justiça Terapêutica no Amapá (BRASIL, 2020).

Além de não haver um acordo em relação à fonte inspiradora da Justiça Terapêutica no Brasil, os estudos recentes, a exemplo os de Lima (2011), Lamarck (2015) e Fenterseifer (2017, 2018, 2019), continuam a expor que as unidades judiciais, que trabalham com essa perspectiva no país, não usam um ordenamento uniforme de condutas. O que, desde o início, tem gerado grandes dificuldades para a compreensão do conceito e aplicação da Justiça Terapêutica. Assim,

há um consenso, de que a falta de uma uniformização do modelo, tem provocado incompreensões nos âmbitos jurídico e de saúde.

O estudo que contemplou os componentes cruciais para um programa Corte de Droga (DRUG COURTS PROGRAM OFFICE, 1997), estabeleceu as estratégias potenciais para o sucesso do programa no contexto legal americano, o qual tem diferenças significativas em relação ao sistema brasileiro. Apesar disso, é compreendido que seja viável e importante a sua utilização multinacionalmente (FENSTERSEIFER, 2019).

Há o entendimento de que a utilização dessas diretrizes não necessita ser de forma integral, devendo ser observada a estrutura do programa e os objetivos a que se propõe. É considerado que essas diretrizes não objetivam “engessar” as práticas nas Cortes de Drogas ou nos Centros de Justiça Terapêutica, mas sim, estabelecer limites mínimos estruturais que favoreçam o trabalho dos profissionais envolvidos. Logo, é admitida a possibilidade de alterações na formatação do programa, sem que haja perda na essência de Justiça Terapêutica. Ou seja, estabelecer e seguir parâmetros, que estipulem o que pode ser considerado ou não um programa de Justiça Terapêutica, é necessário (FENSTERSEIFER, 2019).

O oitavo elemento chave na definição do modelo Corte de Droga, que se refere à necessidade de pesquisas avaliativas sistemáticas, é definitivo para possibilitar a legitimação do programa para que distintas práticas e técnicas desenvolvidas por diferentes programas e de diversas localidades do mundo, sejam direcionadas para e comprometidas com objetivos idênticos: a redução de danos individuais e sociais (FENSTERSEIFER, 2018). Essa alegação aponta para a relevância das metodologias e de uma pluralidade de ferramentas que possam favorecer a efetividade de um Centro de Justiça Terapêutica.

A sinalização para a importância de prover múltiplas técnicas, como sessões individuais, encontros em grupos terapêuticos, grupos reflexivos e de mútua-ajuda, entre outras modalidades, está prevista no primeiro elemento chave (CAREY; FINIGAN; PUKSTAS, 2008). Algumas dessas modalidades caracterizam uma demanda à psicologia. É, portanto, compreensível a presença do psicólogo integrando as equipes técnicas desses programas e atuando ativamente no planejamento e execução dessas ações. Sendo mister que essa prática seja teoricamente fundamentada e embasada em evidências científicas.

Apesar dessa importância, há poucas produções científicas específicas sobre o programa brasileiro Justiça Terapêutica. Em busca realizada, no Portal de Periódicos CAPES, na base de dados BIREME, LILACS e PEPSIC, pesquisando o termo “justiça terapêutica” em títulos de estudos, foram encontrados 8 artigos, sendo apenas 2 no campo da Psicologia, um deles apresentando o projeto Justiça Terapêutica e o contexto de seu surgimento (SOARES;

GONÇALVES; WERNER JUNIOR, 2010) e outro sobre a institucionalização do modelo com questionamentos a respeito da sua “racionalidade e aplicação” (VERGARA, 2009). Já no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES estão registrados 12 estudos sobre o tema, dos quais 2 são da área de Psicologia, ambos direcionados para as implicações ético-políticas do paradigma (OLIVEIRA, 2008; VERGARA, 2011).

Trindade (2012), em seu Manual de Psicologia Jurídica, ao abordar o enfoque psicológico nas áreas jurídicas, dedica um capítulo ao tema. O autor identifica o ponto mais polêmico do programa: “a terapia através da Justiça, por implicar um tratamento coercitivo e/ou compulsório, seria uma expressão da legitimação do controle proposto pela visão punitiva do direito penal” (TRINDADE, 2012, p. 439).

Na primeira edição do documento Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos (os) em Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (2013), o programa é caracterizado como um tratamento compulsório, constando que “a prática da Justiça Terapêutica ganha relevo no país associada ao paradigma da abstinência” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013, p. 29). A edição revisada do documento (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019) não faz menção ao programa Justiça Terapêutica.

Há, na literatura, uma escassez de trabalhos quanto ao assunto. Sendo constatado certo hiato no campo da psicologia, nos últimos cinco anos, principalmente a respeito da prática do psicólogo no programa em questão. Diante da não uniformidade do modelo e das poucas pesquisas exclusivas à abordagem da Justiça Terapêutica, há grandes desafios para a o desempenho desse profissional, que se depara com informações não precisas e desencontradas.

Perdura a crença de que o psicólogo, lotado nessas unidades do judiciário, é convocado a monitorar o participante atendido e prestar relatórios com informações sobre o cumprimento de abstinência, quebrando o sigilo profissional ético, adotando uma postura de vigilância e controle do indivíduo (VERGARA, 2011). Esse controle em busca da abstinência e vigilância toxicológica correspondem ao sexto e quinto elemento-chaves previstos nas experiências em Cortes de Drogas (DRUG COURTS PROGRAM OFFICE, 1997).

As principais objeções à Justiça Terapêutica consistem em confundi-la com o modelo americano. Porém, diferente das possibilidades de atuação das “Drug Courts”, “as experiências judiciais brasileiras... conhecidas e previstas em leis, não exigem abstinência, nem fazem testagem obrigatória e não privam de liberdade pessoas pelo fato de não responderem satisfatoriamente ao tratamento” (LIMA, 2011, p.174). Não houve a transposição do modelo das Cortes de Drogas para o Brasil. Foi construído aqui um padrão próprio de Justiça Terapêutica (LAMACK, 2015). “O programa de Justiça Terapêutica não possui natureza de

pena, nem mesmo quando aplicado após a condenação” (FENSTERSEIFER, 2017, p. 01). É um programa multidisciplinar. Uma resposta do judiciário a um problema complexo que atravessa toda uma rede e vai parar na porta do tribunal.

Esse estudo adotou a compreensão de que o paradigma Justiça Terapêutica do Brasil não coincide com o dos tribunais de drogas. Ainda que o modelo americano o tenha influenciado e, além disso, ainda que possa e venha a contribuir para um ordenamento do programa brasileiro, através de algumas diretrizes, como demonstrado por Fensterseifer (2018).

2.4 SOBRE O CENTRO DE JUSTIÇA TERAPÊUTICA DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE PERNAMBUCO – CJT/TJPE

Considerando o foco dessa pesquisa e as possíveis características polissêmicas do termo justiça terapêutica, vale especificar as circunstâncias da pesquisa com participantes do CJT/TJPE. Este programa não se confunde com psicoterapia, ainda que possa ser terapêutico, ele é concebido e construído como um programa educativo, conforme previsto no artigo 28 da Lei de drogas atual, a 11.343/2006. Sendo, então, estabelecido pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), através do Provimento nº 4 de 2010, que todos os Tribunais de Justiça tenham equipes multiprofissionais para atendimentos de usuários de drogas.

Os participantes do CJT/TJPE são encaminhados por apresentarem indícios de relação problemática com substâncias psicoativas, são advindos de juizados, varas criminais e audiências de custódia. O CJT/TJPE, atualmente, tem toda sua equipe técnica constituída por servidores efetivos do TJPE, sendo três psicólogas (função em que se inclui a pesquisadora), uma assistente social, dois técnicos administrativos e a coordenação de um magistrado.

O participante inicia no programa do CJT/TJPE a partir de uma entrevista realizada pela psicóloga, na qual se busca reconstruir a história do atendido até seu momento atual, além de sondar demandas para possíveis orientações e informações sobre acesso à rede de saúde e educação básica. O participante também passa por atendimento com a assistente social, em que é verificada a necessidade de encaminhamentos para a rede socioassistencial e viabilização de direitos. De acordo com a disponibilidade na rede e interesse do participante, pode haver direcionamentos para cursos técnicos e profissionalizantes. O participante segue no programa, comparecendo aos encontros, individuais e em grupos, os quais incluem oito rodas de conversas com temáticas planejadas.

As rodas de conversa objetivam cultivar informações e reflexões, no intuito de “construir novas alternativas de vida e investimentos benéficos a si e a sociedade” (TJPE, SOBRE O CJT,

BRASIL, 2019). Assim, as temáticas buscam favorecer considerações sobre si e suas relações, de maneira a impulsionar autoquestionamentos, desconstruções e novas construções.

Por tratar-se de um programa educativo, vale evidenciar que, embora a aprendizagem não seja desenvolvimento, pode resultar em desenvolvimento, ao pôr em movimento vários processos cognitivos (VIGOTSKI, 1998). O que pode favorecer mobilizações na dinâmica de trocas entre o homem e a cultura, possibilitando a emergência de diferentes significações, oportunizando transformações no curso de seu próprio desenvolvimento e no contexto em que está inserido.

Compreender essas mudanças nos significados (principalmente os referentes a si mesmo), nas trajetórias de vida (re)construídas através da rememoração e de projeções do futuro, pode, então, ser útil no sentido de abrir novas possibilidades preventivas e interventivas em determinados contextos institucionais.

3 CONCEPÇÕES TEÓRICAS PERTINENTES E ALGUNS PRÉVIOS ENTRELACES COM O ESTUDO EMPÍRICO

Diante das atividades e objetivos do CJT/TJPE, já mencionados, entende-se que ele pode promover, em seus participantes, a construção de significados de si, através do processo de rememoração e projeção do futuro experienciado no transcorrer do programa. Assim, o intuito foi de abordar o fenômeno da rememoração com os participantes do CJT/TJPE, sob o ponto de vista do desenrolar das transformações da compreensão de si, no decorrer das rodas de conversas temáticas que já compõem o programa, com o acréscimo, pela pesquisa, de entrevistas individuais sistemáticas.

Nesse sentido, recorremos à Psicologia Cultural Semiótica - PCS, abordada mais especificamente no subcapítulo **3.1**, em reconhecimento à sua contribuição para uma ciência interessada em processos cognitivos – particularmente a rememoração – e implicada na compreensão do indivíduo como resultado da elaboração de significados através dos sistemas simbólicos da cultura (BRUNER, 1997; VALSINER, 2000; 2007; 2014).

Com essa perspectiva, apresentamos, no **3.2**, o processo de rememoração como maneira de ressignificar as experiências passadas, reconstruí-las no presente, tendo em vista à adaptação futura (WAGONER, 2011; 2013; WAGONER; GILLESPIE, 2014).

Como janela de acesso à rememoração, enalteçemos a importância da conversa, que neste estudo ganha um subcapítulo, o **3.3**. Pois, em diversos contextos, institucionais e culturais, as conversas fornecem recursos para entendimentos. Através delas, as pessoas se engajam de maneira cooperativa na construção de significados (GILLESPIE; CORNISH, 2010)

Adotamos também a ideia de Bakhtin citado por Brait (2005) que concebe o ato humano como um texto e o texto como um “tecido de muitas vozes” que se conectam no discurso do sujeito, de modo que quando alguém fala nunca está agindo só. E é através dessas vozes, enunciadas pelo sujeito, nas interações eu-outro-objeto (SIMÃO, 2010; MARKOVÁ, 2016), que esperamos compreender sua constituição e desenvolvimento. Logo, em **3.4**, evocamos o conceito de self dialógico, destacando, conforme preconizado por Valsiner (2012), a relevância do tempo irreversível (mas histórico) e do espaço específicos para o seu desenvolvimento. Segundo ele, ambos têm características de pessoal, mas também social e historicamente determinados. E é nesse tempo e espaço, assim descritos, que ocorre o processo de construção e reconstrução de significados.

Esse entendimento compatibiliza-se com a anuência a uma perspectiva dialógica, coerente com a realidade da interdependência da estrutura triádica eu-outro-objeto no processo

de compreensão e criação de significados (MARKOVÁ, 2016), que através da rememoração e interpretação do passado, constrói e reconstrói trajetórias de desenvolvimento, forjadas em determinado domínio espaçotemporal, conforme cronotopos vigentes (MARKOVÁ; NOVAES, 2020; MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020). O que nos levou a tecermos, no subcapítulo 3.5, um entrelace entre esses conceitos tão fundamentais para o desenvolvimento metodológico e abordagem analítica deste estudo.

No subcapítulo 3.6, utilizamos o conceito de ASD – Avenidas de Significados Dirigidos (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018) para abordarmos como os sujeitos constroem trajetórias de vida, a partir das possibilidades e limitações dispostas pelos significados acessíveis ao sujeito, conforme orientação do cronotopo por ele vivenciado (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020).

Assim, discorreremos a seguir, almejando construir uma estrada conceitual para direcionar e fazer compreender tanto nossa metodologia como análises e interpretações efetuadas neste estudo. Optamos por, já neste momento de descrevermos as concepções teóricas pertinentes, apresentarmos alguns entrelaces com a pesquisa empírica, como maneira de melhor retratarmos o processo de seleção de instrumentos teóricos metodológicos e o desdobramento construtivo do trabalho.

3.1 PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA – PCS

Bruner (1997) reconheceu Vigotski como uma exceção, em meio às teorias vigentes na sua época. Em um manuscrito de 1929, o precursor Vigotski registra a noção de pessoa como “um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo” (VIGOTSKI, 2000, p. 33). Há nele uma valorização da história e da cultura, sendo percebida uma teoria da mente que destaca a importância de compreender os processos psíquicos, considerando-os em movimento e mudança, uma vez que para Vigotski (1998), pelo movimento compreende-se o caráter processual das cognições. O autor, então, defendia que na investigação dos processos cognitivos, seria necessário focar no percurso do desenvolvimento desses processos, concentrando-se não no produto do desenvolvimento, mas na sua trajetória, enfatizando a historicidade e a sociogênese.

Pela sociogênese, as interações sociais fazem germinar as funções mentais superiores como a memória. O sujeito, em suas interações, internaliza significados que são compartilhados culturalmente. Vigotski (1991) aponta para a importância dos signos como meios auxiliares, mas também constitutivos das funções psíquicas e o impacto do uso desses para a atividade

humana. Através dos signos “dirigimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e o canalizamos para a solução do problema com que nos defrontamos” (VIGOTSKI, 1991, p.61). Assim, atuando na regulação e controle das funções mentais, “o uso de signos permite que as pessoas controlem não apenas a natureza, mas também suas próprias naturezas - elas mesmas” (MILLER, 2014, p.22).

Na PCS, é destacado esse caráter social e individual do signo e sua condição na constituição do sujeito. Valsiner (2012) reconhece a existência de um elo dinâmico entre o sujeito (individual e único) e o coletivo e cultural, sendo esse elo realizado pela atividade semiótica que integra e constrói nossa psique. É ressaltado o papel da cultura nessa mediação semiótica, ao construir e reconstruir signos e, assim, integrar os processos psicológicos humanos (VALSINER, 2007). De forma que dizemos que os signos são criados por mentes e essas operam por meio de signos, os quais “são instrumentos cultivados nas nossas relações interiores, mediante a ligação com objetos no mundo externo” (VALSINER, 2012, p. 39). O desenvolvimento cognitivo é, então, dependente de uma interiorização e da produção de significados para interação com o mundo. Assim, “o termo cultura pode referir-se à mediação semiótica (por signos), que é parte do sistema das funções psicológicas organizadas” (VALSINER, 2012, p.28).

Essas funções, segundo Valsiner (2012), podem ser: intrapsicológicas (regulação semiótica através da criação de ‘alter egos’ que podem engajar-se em diálogos internos produzindo significações de experiências, significações de conceitos, inclusive os de si mesmo); e ocorrem também no âmbito interpessoal, pelo qual há as trocas entre o pessoal e o coletivo. Em decorrência, é posto que a cultura pertence à mente, a qual é construída pelos processos de internalização e externalização, em um constante movimento de mútua constituição.

De acordo com Valsiner (2007), nesse processo de construção de significados, havendo tensões entre a cultura pessoal e a cultura coletiva, signos são criados para superar a tensão e disponibilizar possíveis direções nas transformações do sujeito. Nesse sentido, no fluxo das experiências de vida, a complexidade dos mecanismos de significação pode incluir a criação de uma hierarquia no sistema de regulação semiótica, em que os signos organizam-se formando estruturas semióticas com níveis diferentes de estabilidade e permeabilidade à mudança (VALSINER, 2014). Através da regulação semiótica, conforme Valsiner (2012), podem ocorrer as adaptações, novas construções e mudanças nas posições do eu.

Neste trabalho, o conceito de posição do eu¹ é compreendido a partir de ações e significados humanos que implicam certa perspectiva pessoal contextualizada em relação às diferentes experiências no mundo com o qual a pessoa interage (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013). “Assim, cada posição de eu cria uma voz que se relaciona com outras vozes (de outras posições do eu) em uma relação dinâmica de dialogicalidade” (VALSINER, 2012, p. 128).

Simão (2010), descrevendo a hermenêutica da psicologia cultural em Boesch, relata que, no intuito de integrar essa diversidade de vivências com o mundo, o sujeito desenvolve uma experiência acional, construindo uma relação simbólica self-mundo, que envolve o deixar-se tocar pelo que lhe é estranho, mas mantendo a consistência. A autora pontua que apreender o simbolismo dessa ação constitui um aspecto central da psicologia cultural.

Para compreender o sujeito, a PCS busca contemplar como diferentes perspectivas coexistem e dialogam no campo de posições do eu, construindo e negociando significados, constituindo o self, a partir de uma multiplicidade dinâmica de posições. Esse movimento dialógico que produz transações constantes de significados, a partir dos quais o self é construído e suas trajetórias são desenvolvidas, pode ser bem expressivo em certas práticas profissionais, principalmente quando se busca prezar por uma perspectiva dialógica.

Considerando a importância do outro em todo esse processo, MARKOVÁ (2017) situa a interdependência ontológica (existencial) e epistemológica (baseada no conhecimento dialógico) entre o eu e os outros como um marco de partida da dialogicidade. Sendo o conhecimento dialógico entendido no sentido de envolvimento do eu-outro na construção de ideias reflexivas, crenças, significados de si e de experiências da realidade social. Essa concepção é oposta a uma perspectiva neutra e objetiva do cognitivismo.

É com esse entendimento que, neste estudo, a rememoração na construção de significados com participantes do CJT/TJPE foi abordada. Afinal, conforme Arieviditch e Stetsenko (2014) ressaltam, processos aparentemente individuais, como pensamento e memória, permanecem inerentemente sociais e dialógicos, devido à interdependência com outras pessoas e com o meio.

3.2 REMEMORAÇÃO

Em consideração à dinâmica dialógica na constituição do self através da produção de significados, buscamos abordar a rememoração conforme proposta de Vigotski (1998), “não

¹ Conceito abordado no tópico 3.5.3

somente com respeito às mudanças que ocorrem dentro do próprio sistema de memória, mas também, com respeito à relação entre memória e outras funções” (VIGOTSKI, 1998, p. 37). Em concomitância, Brunner (2001) sinaliza que os processos mentais, tais como a memória, não devem ser estudados de forma fragmentada e isolados, mas considerando a busca de significados, com o auxílio de sistemas simbólicos da cultura.

Então, neste estudo, o processo de rememoração é concebido na perspectiva de Bartlett (1932) recentemente recuperada e reelaborada por Wagoner e colaboradores (WAGONER, 2011; 2013; WAGONER; GILLESPIE, 2014) como atividade que ressignifica as experiências passadas e as reconstrói no presente, tendo em vista à adaptação futura.

Em reconhecimento à irreversibilidade do tempo, trabalhamos numa perspectiva reconstrutiva do passado, que é guiada por prospecções de futuro (VALSINER, 2012). Pela rememoração há a reconstrução de novos significados, considerando que novos elementos são agregados ao que está sendo rememorado (WAGONER, 2011; 2013; SILVA; LYRA, 2017). Assim, a memória é concebida como um processo e não uma capacidade cognitiva individual isolada (WAGONER, 2011; 2013). Por isso, trata-se de uma atividade processual de rememoração e não de memória como propriedade estática (BARTLETT, 1932).

A rememoração ocorre na borda de interação entre exterior e interior, a partir da mediação cultural. É em meio à integração entre a cultura pessoal e a coletiva (VALSINER, 2012) que Bartlett (1932) e Wagoner (2011; 2013) situam o processo de rememoração, em um diálogo contínuo entre os signos que constituem o pensar e aqueles do contexto cultural. Conforme os autores, a partir das interações entre as experiências passadas e o presente, são constituídos esquemas que atuam na organização e reformulação dessas experiências interiores passadas, conforme as demandas do presente. De maneira que, pela rememoração, o indivíduo volta-se para os próprios esquemas, reconstrói e atualiza-os, dando significado ao presente a partir da ressignificação do passado.

Logo, compreendemos que os processos psicológicos constitutivos do eu (self) e dos outros são interdependentes na compreensão e criação de significados extraídos da interpretação do passado rememorado. Adotando essa perspectiva dialógica, ressaltamos também essa interdependência na reconstrução das rememorações com relação à projeção de futuro.

Wagoner e Gillespie (2014) apontam que a rememoração pode ser favorecida através dos diálogos deflagrados em uma conversa, sendo ainda um recurso para construção de dados. De acordo com esses autores, nas interações, o ato de se virar em torno dos próprios esquemas (WAGONER, 2013) leva a refletir sobre a própria atividade de rememorar, ao ser externalizada

nos diálogos com o outro. A conversa, então, é uma janela para observar os processos cognitivos, tal como os pensamentos no processo de construção de significados de si.

Considerando o contexto em que ocorreu a pesquisa, focamos em três participantes que compuseram um grupo nas rodas de conversa do CJT/TJPE, além da própria pesquisadora. Sendo pertinente destacar a importância da conversa nessas interações, discorreremos a seguir sobre ela.

3.3 UM CONTEXTO POTENCIALIZADOR PARA A EMERGÊNCIA DO NOVO: A CONVERSA

Utilizando argumentos fundados na hermenêutica gadameriana, Simão (2010) defende que “o processo conversacional guarda, em seu âmago, potencial para emergência de novidade” (2010, p.213). Essa afirmação é derivada do entendimento de que na interação eu-outro, um não se estabelece sobre o outro, mas sim há o estranhamento com o diferente e sob esse aspecto ocorre a interação. A autora também faz referência a Boesch (1991), que defende que as ações comunicativas estão na base das interações eu-outro e, através de compartilhamento de experiências e significados, feedbacks de ação, modelos referenciais, enfim, através das ofertas que essas interações dispõem, é construída a identidade do sujeito.

A interdependência da relação eu-outro é, segundo Marková (2016), intensificada na conversação. Seguindo o entendimento de Gadamer, a autora descreve que ao fazer perguntas, o participante estrutura a conversa e tem o privilégio de orientar o conteúdo do tópico. Através de perguntas e respostas, os seres humanos não apenas fornecem informações, mas também emitem opiniões, diminuem e expandem distâncias entre si e os outros. As perguntas abrem espaço para que o outro tenha a oportunidade de desenvolver algo (MARKOVÁ, 2017). Essa abertura favorecida pelo conversa possibilita, assim, a criação de significados em um diálogo potencialmente infinito, uma vez que é possível a ocorrência de um constante autodiálogo através das vozes de outros internalizados (VALSINER, 2012; AVELING; GILLESPIE; CORNISH, 2015).

Entretanto, as mensagens passam por uma ação simbólica que as tornam diferentes do que um interlocutor busca ao endereça-las ao outro. Sendo essa ação transformadora advinda de diversos aspectos que refletem as nunca coincidentes posições entre os interlocutores. E é justamente essa característica assimétrica da conversa que a torna tão habilitada para favorecer a emergência do novo nas relações eu-outro, em que ambos anseiam pela coincidência, ao

menos a aproximação, de perspectivas e posições. Afinal, quando duas pessoas se engajam em uma conversa, buscando refletir sobre um tema, apesar da situação implicar, necessariamente, pontos de vista de diferentes horizontes, há a possibilidade de que ambos os horizontes se modifiquem ou se mesquem, conforme o desempenho da negociação de significados desenvolvida no diálogo (SIMÃO, 2010).

Apesar da importância dos próprios significados às experiências do passado, resgatados no processo de rememoração, constituindo balizas – reguladores semióticos (VALSINER, 2000;2007;2014), é crucial a abertura para o novo. Mas essa necessária abertura para a apreensão do mundo, em meio à irreversibilidade do tempo e a incompletude do ser humano, implica compromisso ético consigo e com o outro, nas diversas interações entre os participantes dialógicos (SIMÃO, 2010; MARKOVÁ, 2016).

Considerando a possibilidade de transformações nos horizontes de interlocutores engajados em um diálogo, esse compromisso ético consigo e com o outro é bem pertinente, principalmente em situação de pesquisas interventivas. Diante do exposto, torna-se clara a importância da reflexividade em toda a condução de uma pesquisa ou de uma prática profissional, sendo primordial a atenção para as mudanças de perspectivas e até mesmo das próprias posições (SIMÃO, 2010; AVELING; GILLESPIE; CORNISH, 2015).

Nesse sentido, uma vez que a pesquisa ocorre no contexto de um programa educativo, cabe ressaltar algumas reflexões de Simão (2010), ao traçar um diálogo entre concepções de Gadamer, Boesch e Valsiner, a autora refere sobre a possibilidade de fusão de horizontes, não restrita a conteúdos, tendo, inclusive, potencial transformador para dado meio cultural. Mas, reconhecendo a interdependência do outro para constituição do self, ela também aponta para a inevitável separação e impossível fusão com o outro.

A conversa, para Simão (2010), tem sentido de oportunidade para construção de significados que emergem da interação eu-outro-objeto, promovendo a possibilidade de escolhas e encaixes de diferentes versões sobre um dado assunto, mas também diferentes versões para o presente e o futuro. Sobre essa instrumentalidade da conversa, cabe ainda a atenção para seguintes sinalizações: “ambos precisam ser ouvidos, assim como fazer que suas vozes sejam ouvidas, trata-se de um esforço para não silenciar o outro, nem esconder-se atrás da voz dele” (SIMÃO, 2010, p. 213).

E, assim, quando na conversa o diálogo pode ser estabelecido, havendo a interação dialógica, rupturas com o passado rememorado podem ser provocadas, ressignificações podem ser produzidas na direção de um futuro almejado e, então, ocorrer o processo de construção e reconstrução do self dialógico. Logo, cada conversa faz referência ao desenrolar de toda a vida,

através de lembranças, construção de experiências presentes e imaginação do futuro. De maneira que, pela conversa, são captadas as continuidades e mudanças ao longo do tempo e o processo construtivo do self.

3.4 SELF DIALÓGICO – SD

No conceito de SD, a noção comum de diálogo entre pessoas é transposta para o diálogo intrapsicológico, que as pessoas desenvolvem no interior de suas culturas pessoais (VALSINER, 2012). Nesses diálogos, as diferentes posições do eu são negociadas através de relações, que ocorrem nos domínios interpsicológico e intrapsicológico. Havendo, então, processos dialógicos baseados no heterodiálogo (diálogo com os outros, incluindo outros imaginários) e o autodiálogo entre as “partes” do self (VALSINER, 2012).

De acordo com Hermans (2001), o self é um sistema organizador das múltiplas vozes que atuam dinamicamente constituindo posições do eu diante dos diversos contextos cotidianos. Através da dinâmica de diálogos entre essas vozes, são identificados os significados que emanam a partir dos posicionamentos do eu.

Valsiner (2012) caracteriza o self dialógico numa perspectiva centrada no eu (o sujeito como centro afetivo, cognitivo e na ação). Nesse processo, a pessoa constrói posições do eu a partir de operações de significação centradas sobre ela mesma, que percebe, atua e constrói significados. Sendo o self proveniente de um processo de relações dialógicas entre seus componentes (vozes do eu e de outros internalizados). Assim, destaca-se a relevância do espaço específico em que ocorre o processo de construção e reconstrução de significados. Esse espaço é, conforme o autor, pessoal, mas também social e historicamente determinado.

O self surge das e nas relações com os outros, de maneira que o outros são parte do self e em suas práticas cotidianas estão imbuídas as vozes de outros (AVELING; GILLESPIE; CORNISH, 2015), sendo refletidas nas notórias situações de responsividade e interdependência na relação eu-outro (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020). Para acessar essa pluralidade de vozes é preciso ferramentas analíticas que lancem olhar não apenas sobre o outro, mas que contemple suas muitas interações com outros.

Essa forma de estudar o indivíduo e os significados que têm orientado suas trajetórias, demanda a atenção para toda a situação que nos [eu (participante) – outro (pesquisadora)] envolve. Focar não apenas no falante e no conteúdo do que é dito, mas também nas suas relações com os tantos outros e nas tensões que delas emergem. Inclusive, de acordo com Marková e Novaes (2020), desde o início, essa preocupação na maneira de conceber o self acompanhou

Bakhtin, que o descreveu em suas duas naturezas: um self simultaneamente indivisível, mas também bifurcado, movendo-se entre o próprio mundo interno e o externo.

Nesse sentido, Guimarães (2016) faz menção a uma “pedra angular” para apreender o significado do que está sendo construído. O autor defende que o fundamento da análise está na articulação entre as posições do eu em relação aos outros e à situação sócio-histórica em que algo está sendo experienciado. Marková (2016) também sinaliza que nos estudos das linguagens da vida cotidiana, o foco no indivíduo está inerentemente relacionado aos outros para a compreensão de complexas questões sociais. Inclusive, a autora assinala evidências de que, além de Bakhtin, outros estudiosos como William James, George Herbert Mead, Lev Vygotsky, James Mark Baldwin já eram vinculados às filosofias dialógicas baseadas na ontologia do eu-outro.

3.5 RELAÇÕES EU-OUTRO-OBJETO NO CRONOTOPO, A ESTRELA NA ÁRVORE

Marková (2016) defende a importância do campo sociocultural, que integra, juntamente com o self e o outro, uma estrutura triádica. Pois, o eu-outro gera conjuntamente sua realidade social – objetos de conhecimento. Assim, é estabelecida uma relação triangular eu-outro-objeto, que Zittoun (2014) qualifica como dinâmica e infinitamente aberta, uma vez que, ao interagir com o outro, o eu é envolvido em um diálogo interno e perene consigo mesmo, acerca do objeto do conhecimento.

Considerando a natureza dinâmica da tríade em questão, é compreensível sua infinita abertura e incompletude. Marková (2016) argumenta que, de acordo com os objetivos dos pesquisadores e profissionais orientados pela epistemologia dialógica, é pertinente integrar, a essa composição triangular, conceitos dialógicos adicionais a serem explorados. Nesse sentido, Marková (2016) revela que Alex Gillespie, através de uma comunicação pessoal, chegou a comparar o triângulo eu-outro-objeto a uma árvore de natal possível de ser expandida. A autora exemplifica essa prática citando estudos realizados em que outras dimensões foram destacadas como: grupos sociais e suas influências; o tempo (passado, presente e futuro) e sua atuação na construção de significados.

As reflexões produzidas a partir desta pesquisa apontaram para a essencialidade da demarcação do contexto espaçotemporal e os significados situacionais vigentes (GUIMARÃES, 2016). Nesse sentido, Marková, Zadeh e Zittoun (2020), defendem o uso do conceito ‘cronotopo’ para instrumentalização da análise e compreensão de múltiplas trajetórias espaçotemporais nas quais os coatores éticos interagem.

Marková, Zadeh e Zittoun (2020) ao tratarem da temática cronotopo, destacam a questão da responsabilidade ética que está aí implicada, uma vez que o cronotopo fornece um palco para a ação social, para a produção de gêneros ativos não neutros que orientam estilos de apreender o mundo. Isso implica uma preocupação ética nas interações eu-outro e suas conseqüentes construções. Assim, as autoras citadas, aderindo à concepção de Bakhtin, descrevem os cronotopos como unidades éticas vigentes que servem de estrutura continente para a ação social. Ou seja, não são apenas unidades de marcação espaçotemporal em um dado contexto real. São gêneros ativos de experiência e comunicação, maneiras não neutras que orientam estilos de apreender o mundo e (re)construir significados, em vigor em determinado espaço e tempo. Logo, o cronotopo é caracterizado como um ‘gênero epistêmico dialógico’, que orienta a significação de falas e ações em um dado contexto (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020, p.12).

Considerando os objetivos da pesquisa e seus desdobramentos, adotamos a metáfora da árvore de natal sugerida por Gillespie, de acordo com Marková (2016), simbolizando a relação eu-outro-objeto. Mas, ressaltando a essencialidade do cronotopo preconizado em Marková, Zadeh e Zittoun (2020), escolhemos incluir à árvore o símbolo da estrela. A nossa escolha pela estrela para significar o conceito de cronotopo é justificada pela ideia investida nesse símbolo, ao demarcar o sentido de direcionamento, orientação de posições e produções de significados conforme o contexto. Mas a estrela fica na (e não sob a) árvore, como sinal das seguintes compreensões: da pessoa como diferente do contexto que orienta os gêneros em vigor, mas sendo parte dele, separada com ele (VALSINER, 2012); de que um cronotopo incorpora a unidade eu-outro em uma situação concreta espaçotemporal (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020).

3.5.1 A árvore da criação de si e da (re)construção de significados

Neste estudo, a relação destes elementos, eu-outro-objeto e o cronotopo, ficou evidente em diversos momentos. A análise das interações participante-pesquisadora-objeto apontou para um processo construtivo em que intervenções da pesquisadora transformaram as compreensões sobre certos temas abordados nas rodas de conversa e, conseqüentemente, a forma como o participante passou a lidar com essas questões.

Assim, diante da premissa de que numa relação dialógica, as partes (a pesquisadora e o participante do programa e pesquisa) somos responsáveis pelo tornar-se um do outro, ao mesmo tempo que se reconhece a voz do outro em sua própria voz e a reciprocidade disso

(MARKOVÁ, 2016), em alguns momentos, não reivindico a posição passiva ou de terceira pessoa, mas sim a de pesquisadora participante da situação da produção de conhecimento. O que, conforme Cornish (2020) não é exclusivo de abordagens teóricas dialógicas, mas é consideravelmente consistente com uma perspectiva dialógica.

Dessa maneira, foi evidenciado, no estudo empírico, o potencial da relação dialógica em produzir e reproduzir significados dos objetos. E isso não só para o participante, como também para a psicóloga pesquisadora, envolvida numa interação dialógica, tendo as suas próprias significações, processualmente transformadas. A exemplo disso, ocupando o lugar de pesquisadora, posso expor que as sensações evocadas em mim, diante da percepção da presença de um policial, são bem distintas daquelas anteriores à prática profissional como psicóloga no CJT. Se, anteriormente, um policial era significado como provavelmente benéfico e confiável, atualmente, nessas ocasiões, potencialidades e desconfianças mobilizam o pensamento, como resultado de construções de significados sobre esse objeto de conhecimento ao longo de tantas rodas de conversas e narrativas intencionais de tantos participantes interessados em desvelar a conduta inadequada de certos policiais com eles.

Em diferentes práticas profissionais, é elucidado o potencial do dialogismo, destacando a interdependência entre o eu e o outro na criação de significados das realidades sociais, nas interpretações do passado rememorado, apreciação do presente e nas perspectivas de futuro. Observações que abordem esses aspectos, em situações reais e concretas, nos inscrevem em interações que possibilitam a apreensão das relevantes interdependências éticas e dinâmicas das relações eu-outro para os estudos de caso único dialógico (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020). Como exemplos disso, são ilustrados por Marková e Novaes (2020), estudos que indicam as interdependências eu-outro entre os participantes, com características de continuidades e descontinuidades, rotinas e novidades, estabilidades e mudanças, em busca de adaptações conforme as situações.

A relação eu-outro é apontada por Marková (2016) como uma unidade ontológica eu irredutivelmente dialógica. Essa irredutibilidade requer a não decomposição no único eu ou no único outro. O eu é definido através do outro como uma Gestalt dinâmica. Os dois componentes existem juntos como uma unidade (MARKOVÁ, 2016), em um movimento perene que ocorre em diversos contextos do cotidiano e é, conforme apontado por Lyra e Bertau (2008), a base para a dinâmica dialógica de constituição e desenvolvimento do self e suas trajetórias de continuidade e descontinuidade.

Wagoner e Gillespie (2014) também defenderam a importância do outro social e da mediação na reconstrução das memórias. Conforme eles, o meio social em que o sujeito está inserido direciona a lembrança, delimita sua reconstrução de sentidos extraídos do passado.

Boesch (1991), caracterizando as relações eu-outro, descreve o outro na sua possibilidade de despertar diversos sentidos para o eu, podendo ser gratificante, mas também frustrante, referência a imitar e a evitar, um meio para um fim ou próprio fim. Para lidar com essas polaridades, são mencionados alguns caminhos que o sujeito pode adotar como percepção seletiva, equilíbrio entre estabilidade e mudança, regulação de possibilidades e limites para assimilações.

Assumimos a influência de Heráclito através de Bakhtin sobre os construtivistas contemporâneos, conforme apontado por Simão (2010). De maneira que adotamos a perspectiva de que as relações eu-outro ocorrem em um campo de negociação de significados, ou seja, num campo dialógico, em que a permanente tensão pode reconstruir a relação, na qual ambos (participante e pesquisador, por exemplo), são orientados em direção a uma conexão com o saber, com o significado.

Valsiner (1998) observa que a tensão pode aparecer de forma intrassubjetiva (dentro da própria pessoa) e também intersubjetiva (entre as pessoas envolvidas), possibilitando a criação e mudança de significados na busca por resolver ou reduzir tensões. Dessa maneira, o self e outro se enriquecem mutuamente em suas próprias maneiras, estilos e perspectivas. E apesar desse processo envolver tensão e conflito decorrentes de divergências, Marková (2016) registra que é dessa situação de contenda que emerge a continuação da dinâmica do self e do outro. Afinal, conforme já postulado por Simão (2010), é através desse confronto que surgem as possibilidades de construção do que o sujeito pode vir a ser. Neste sentido, a autora pontua que a mutabilidade é um resultado natural, fruto de relações que assim ela caracteriza:

As relações intersubjetivas estão no cerne dos processos de criação, manutenção e transformação de possibilidades e limites para sermos o que somos, para tentarmos ser o que desejamos e ainda não somos, não fomos ou nunca seremos ... no cerne dos processos de virmos a ser outros tantos no estar com os outros, conosco mesmos, ou com os vários que há em nós, ... (SIMÃO, 2010, p. 87).

Compreender a característica de mutabilidade nas interações eu-outro leva a refletir sobre um cuidado, a responsabilidade epistêmica (SIMÃO, 2010; MARKOVÁ, 2016). Assim, essas autoras tratam da responsabilidade ao construir e significar as coisas, atribuindo às partes envolvidas na interação, a responsabilidade pelas perspectivas assumidas intersubjetivamente. Ao mesmo tempo, tratar o outro como epistemicamente responsável implica perceber o outro em sua autonomia para pensar e decidir, conforme a própria vontade, sendo o reconhecimento

desse sujeito algo primordial para o desenvolvimento da confiança epistêmica (MARKOVÁ, 2016).

De acordo com Valsiner (1998), na relação com o diferente, com o outro, torna-se crucial um empenho na busca pela intersubjetividade, ou seja, por partilharem de um domínio temporário de significados. Mas, o eu e o outro estão em lugar e posição diferentes. Essa desconformidade dos interlocutores faz com que os objetos trabalhados por eles tenham sentidos diferentes.

Marková (2016) ressalta que apesar dessa relação triangular ser fundada em construções mútuas entre o eu e o outro, estando ambos engajados, atuam assimetricamente, na construção do objeto do conhecimento. A autora relaciona essa assimetria à dinamicidade da interação, uma vez que o valor dado ao objeto ou ao outro podem ser alterados de acordo com as circunstâncias internas do eu, mas também conforme fatores circunstanciais sociais e históricos. Sendo pertinente distinguir entre o objeto do conhecimento até então concebido pelo eu (por meio da rememoração de experiências vividas e da compreensão prévia) e o objeto de conhecimento a que ele está exposto, através da e na relação com o outro (ZITTOUN, 2014).

Além das questões referidas, essas interações podem ocorrer em diferentes planos como intrapessoal (entre eu-outros internalizados), interpessoal, intergrupo, institucional. Mas apesar da assimetria sempre presente, há, entre o eu e o outro, a crença no compartilhamento de significados, de forma que é viabilizada, em ambos, uma prontidão para uma mútua compreensão / aceitação e coconstrução de significados. De modo que através da confiança epistêmica, o conhecimento do outro é considerado aplicável, confiável e relevante (MARKOVÁ, 2016).

No decorrer desse processo, o eu e os outros, não apenas lidam com essas construções. A interdependência dessa estrutura triádica possibilita interações regidas por uma ética que envolve também o examinar um ao outro e antecipar as intenções um do outro, para então entrarem em um movimento de confiança e desconfiança, aproximação e evitação, apropriação e fuga da responsabilidade, redução e expansão de distâncias entre si e os outros (MARKOVÁ, 2016; MARKOVÁ; ZADECH; ZITTOUN, 2020).

Estudos de caso dialógicos, como este, envolvem relações mutuamente interdependentes em seus locais reais e em tempo real (MARKOVÁ; NOVAES, 2020), sendo necessário atentar para o impacto sobre a estrutura triádica advindo do enquadramento externo, atuando como baliza (MARKOVÁ et al., 2007). A respeito disso esses autores referem a importância de analisar como um grupo é constituído, as circunstâncias espaçotemporais em que ocorrem essas interações. O que, em nossa pesquisa, está relacionado ao contexto jurídico, a certos processos

em que há encaminhamentos, feitos por juízes de diferentes varas e juizados, para participação em um grupo do Programa CJT, devido a problemas com a Justiça envolvendo questões referentes a drogas. Ou seja, um contexto em que a interação (participante da pesquisa e do programa CJT - psicóloga do judiciário e pesquisadora) envolveu papéis sociais marcados pela assimetria de poder (VALSINER, 2012) referente às circunstâncias do enquadramento externo.

Essa poderia ser uma curta descrição aceitável do contexto de nossa pesquisa, não fosse ela atravessada por uma pandemia épica, a COVID-19, que, ativando o ‘mito do caos’ e ocultando o ‘mito controle’² (BOESCH, 1991; VALSINER, 2012), foi substancial no delineamento das construções nas estruturas triádicas participante-pesquisador-objeto. Isso é ilustrado no Quadro 1 através de um trecho de entrevista individual subsequente à roda de conversa 7 ‘Maestria pessoal’, que objetiva favorecer o desenvolvimento de projetos de vida, metas e estratégias com os participantes do programa CJT/TJPE.

Ao observamos o quadro 1, abaixo, nas frases destacadas é possível conferir o potencial de ação sendo afetado pelo contexto. Boesch (1991) descreve esse potencial como um nível subjetivo de confiança na capacidade de elaborar sentido à própria existência, através de uma teia de ações que demandam planejamento e regulação. E apesar dessa capacidade depender de recursos pessoais, também pode ser otimizada/prejudicada pelas condições sociais, culturais e históricas. Daí a importância do outro na maneira do sujeito apreciar o próprio potencial de ação e otimizá-lo. Sobre esse processo, Simão (2010) salienta a relevância da relação eu-outro provocando desequilíbrios e reorganizações no sujeito, mas ainda conforme regulação das circunstâncias.

Logo, incorporado à árvore (eu-outro-objeto) está a estrela (o cronotopo), que produz gêneros epistêmicos específicos a um tempo e espaço, e orientam os estilos usados nas (re)construção de significados (MARKOVÁ; ZADECH; ZITTOUN, 2020).

Assim, as construções pesquisadora-participantes-temas das rodas de conversa e entrevistas individuais subsequentes foram tão marcadas pelo contexto pandêmico, que contribuíram para a adesão à metáfora da árvore de Gillespie com a inclusão da estrela do cronotopo. Entretanto, é reconhecida a relevância do cronotopo nas construções triádicas em geral, seja qual for o contexto (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020). Nesse sentido, Marková e Novaes (2020) sugerem que as ideias iniciais de Bakhtin sobre o eu bifurcado (que se move no exterior, mas também no mundo interior) e indivisível e as interdependências eu-

² A explicitação de como a pandemia pela COVID-19 pode ter ativado, na sociedade, o mito do caos e ofuscado o mito controle, será abordada no tópico 3.5.2

outro-mundo já indicavam para outras necessárias e posteriores concepções do autor, como cronotopo e múltiplas vozes.

Quadro 1. TTE 7 com Lúcio, a atuação do cronopo ativado pelo contexto pandêmico

<p>(...)P. <i>Hoje, você tá pensando bem diferente da época em que se via como menino da favela. Como foi essa mudança?</i></p> <p>L. <i>Bem, primeiro que eu agora tou mais temeroso com a morte. Antes, eu não tinha não esse temor todo não. Eu tou vendo que cada dia que passa, vai chegando mais e mais, né.</i></p> <p>P. <i>Vai chegando o quê?</i></p> <p>L. <i>A morte, se não seja por velhice, vai ser por algum acidente, ou por algum vírus aí desse mortal que tá aparecendo ultimamente.</i></p> <p>(...)</p> <p>L. <i>E eu não tou com o plano novo de terminar primeiro o estudo?! Depois eu vejo o que dá pra fazer. Sabe quanto tempo falta ainda pra mim terminar? Ainda falta uns 5 anos, eu acho. <u>Daqui pra lá muita coisa acontece. No ritmo que tá hoje em dia, não sei nem se eu vou chegar lá.</u></i></p> <p>P. <i>Como assim?</i></p> <p>L. <i>Oxen! E eu sei. Vem um negócio desse aí que matou meio mundo de gente e ainda tá matando ainda. Pode vir algo mais agressivo ainda no futuro. Pode ocorrer uma guerra. Quem sabe? Ninguém sabe.</i></p> <p>(...)</p> <p>L. <i>Eu vou voltar aos planos de novo. <u>Eu não sei nem como é que vai ficar lá o trabalho lá porque já tá afinando já ... Não sei. Tá incerto o futuro aí, né.</u></i></p> <p>(...)</p> <p>P. <i>Entendi. Certo, cuide-se e até segunda tá.</i></p> <p>L. <i><u>É que nem eu falei. Se não acontecer algo extraordinário. Vai que tenha um tsunami aí. Eu tou muito pessimista ultimamente...</u></i></p>

Fonte: a autora, 2020.

3.5.2 Cronotopo, uma estrela na árvore

Em Boesch (1991), é verificada uma grande ênfase na busca por alcançar metas, conforme os estados futuros desejados, como sendo um mecanismo para operar transformações no próprio sujeito e em sua forma de se relacionar com o mundo, construindo a ele e a si. Mas, segundo Simão (2010), para que as pessoas operem suas ações visando às metas pessoais que lhes dão transformativamente uma autoconsistência na vida e nas interações, é preciso que estejam afetadas por sentimentos relativos a essas metas, apreciando-as como necessárias e relevantes.

Em Valsiner (2012), é relatado que o contexto sociocultural regula a ação, delineando os limites das mesmas no plano exterior compartilhado e definindo seus significados no nível

pessoal. Simão (2010), abordando a Teoria da Ação em Boesch relata que a ação ocorre sob um objeto e o objeto é significado através dessa ação. Conforme Valsiner (2012), Boesch salienta que todo o desenvolvimento da ação é hasteado na marca do âmbito histórico e cultural. Assim, as trocas semióticas entre pessoal e coletivo são significativas e eminentemente notórias em diversos âmbitos da realidade concreta. Explicitando isso, trago a seguinte percepção do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama: “O que você acaba percebendo quando está no palco do mundo é que a maioria dos líderes são um reflexo das contradições e das tensões dos seus países.” (OBAMA, 2020).

Embora o campo pessoal seja orientado pelo cultural, a tensão dentro do pessoal pode tocar o cultural, gerando transformações (SIMÃO, 2010; VALSINER, 2012). Ainda sobre como as circunstâncias sociais e as pessoais se entrelaçam, Valsiner (2012) refere que diante das ameaças de catástrofes, bomba atômica e vírus diversos, o mito do caos é estabelecido. Em sua descrição, naquele momento, o autor relata que o mito do caos estava sendo substituído pelo mito da viabilidade, uma vez que todo o aparato científico e tecnológico parecia, até então, potente e resolutivo. Mesmo os prognósticos mais assustadores, sob a predominância do mito da viabilidade e controle, pareciam temporários e contornáveis. Mas, outrora, o autor já afirmara: “o mito do caos à espreita permanece e pode ser ativado” (VALSINER, 2012, p. 215). E foi.

De acordo com Boesch (1991), os mitos são sistemas de compreensões e significados, criados na sociedade, sobre a realidade compartilhada por ela. São compreensões sobre os eventos da vida que dispensam racionalidade. São manifestados por meio de provérbios, máximas, pensamentos compartilhados a respeito de um tema, que entram em vigor, orientando ações sociais e produzindo estilos de comportamento.

As pessoas assimilam e acomodam os mitos, ao longo do desenvolvimento, até que eles passam a constituir o sujeito. Quando os mitos da cultura coletiva passam a fazer parte da cultura pessoal, ou seja, são assimilados de maneira específica pela pessoa, são nomeados de fantasmas. Assim, correlatamente aos mitos dos planos coletivos, existem os sistemas de ideias pessoais, no interior do self, que são chamados de fantasmas. As pessoas estão, incessantemente, (re)estruturando os seus próprios fantasmas, significando as experiências com o mundo (BOESCH, 1991; VALSINER, 2012). Logo, os significados pessoais são mediados dialogicamente no e por meio do pensamento compartilhado e concretamente situado.

Com essa explicitação sobre a atuação de criações de significados no social, intervindo no pessoal, queremos enfatizar o princípio tão defendido por Marková e Novaes (2020) de que estudos de caso único dialógico, ao explorarem os eventos concretos da vida, clamam por

ferramentas analíticas que examinem os fluxos atuantes nas dinâmicas espaçotemporais em diferentes níveis, que caracterizam as situações de vida concretas à medida que aparecem, se fundem e mudam em subpartes as trajetórias de vida. Esses fluxos semióticos, circunscritos a um tempo e espaço específicos, atuam produzindo estilos de pensar, comunicar, produzir conhecimento e agir. Dessa maneira, os cronotopos são fundamentais na emergência do novo nas experiências dos participantes, uma vez que orientam valores, sentimentos, rotinas e mudanças, através de redes complexas de significados.

Maková e Novaes (2020), ao descreverem sobre o cronotopo, conforme influências de Bakhtin, relatam que o conceito se refere aos significados experimentados que são incorporados não apenas na esfera espacial e temporal, como também semântica. Mais amplamente, para além dos termos étimos da palavra, essas autoras inspiradas em Bakhtin, concebem o cronotopo como um “um princípio de organização epistemológico e ético das atividades humanas” (p.122). Abarcando, assim, um conjunto de características dialógicas circunscritas a um tempo e espaço, que estão interconectadas e vão ser expressas nos pensamentos, conversas, produções, ações do cotidiano e criações, enfim, direcionando as narrativas da vida real.

A análise dos noticiários e das narrativas produzidas nas grandes mídias sociais apontavam para um 2020 propício para potencializar o medo do caos, fragilizando a crença na detenção de algum controle pelos que detêm o poder nas mais diversas esferas no contexto global. Seguindo o raciocínio de Boesch (1991), diante desse contexto e do medo do caos, a confiança na ação pode ser reduzida, o que foi claramente expresso no decorrer da pesquisa, durante as construções eu-outro-objeto. Isso demandou à pesquisadora a compreensão em tempo do fenômeno, para atuação no aqui-agora.

A pesquisa foi realizada em novembro de 2020 e mesmo que os temas das rodas de conversa não focassem na pandemia, ela sempre estava ali, guiando nossas posições, inclusive as físicas. Dificultando a entrada no espaço da pesquisa através dos novos protocolos de segurança adotados pela instituição, impondo acessórios e aparatos aos nossos corpos, álcool em gel, máscaras, *face shields*, orientando a nossa disposição física no ambiente. Os rumores do caos propagado estavam ali. Novo lockdown? Segunda onda de pandemia no Brasil? Hospitais estão lotados? Governo está calado esperando passar o 2º turno das eleições? Irão decretar novamente quarentena rígida? Eram os questionamentos compartilhados pelos participantes, informalmente, antes de iniciarmos cada roda de conversa prevista pelo programa. Em um desses encontros, o participante Lúcio³ mostrou no seu celular um aparente

³ Nome fictício conforme informado inicialmente em ‘Substituições por questão de privacidade’.

vídeo do governador decretando um iminente fechamento de estabelecimentos. Reconhecido o vídeo e sua época, com uma pesquisa rápida foi possível explicar e mostrar que se tratava de uma mensagem de meses atrás, de março de 2020. Assim, vez ou outra, a pesquisadora era chamada a essa posição, de alguém que pudesse falar algo confiável sobre. E em certos momentos o possível era compartilhar do sentimento de Lúcio, apresentado acima no quadro 1: “...Quem sabe? Ninguém sabe”.

Enfim, seja em grupo, seja individualmente, conforme descrevemos no capítulo 5, os participantes traziam as marcas do contexto pandêmico. O que nos faz considerar Marková (2016), em uma perspectiva dialógica, sinalizando ser crucial o entendimento do cognitivismo como não neutro e objetivo, mas sim permeado de julgamentos, valores, desejos e intenções, a partir dos quais novos significados são construídos, alicerçados na tríade eu-outro-objeto. Ponderando essas questões, Marková et al. (2007) em estudos com grupos, apresentaram algumas direções nas quais as ferramentas analíticas devem ser conduzidas, de maneira a serem congruentes com uma abordagem dialógica. Esses autores sinalizam que a construção do objeto de conhecimento não ocorre em um vácuo social. Além disso, o contexto em que os participantes de um grupo interagem não é transparente.

Conforme o contexto sócio-histórico surgem os estilos de conduta (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020) para lidar com as mais diversas questões. Diante da ânsia por uma reação, para sair da imobilidade perplexa, ou mesmo pelo desejo de mover-se em direção ao desconhecido, a estados futuros, há também o desejo de retorno àquela circunstância segura e conhecida (SIMÃO, 2010). A tensão entre essas polaridades apareceu no estudo empírico, através dos estilos de comportamento em produção, nas narrativas e na reprodução de máximas pelos participantes, tais como: ‘estamos vivendo o novo normal’. Essa multiplicidade do discurso social, como bem lembrado por Valsiner (2012, p. 97) nos ‘embrulha’ e orienta em alguma direção mais ou menos determinada.

De acordo com Marková, Zadeh e Zittoun (2020), novas situações fazem emergir cronotopos diferentes, gerando novos estilos, novos gêneros de vida. De maneira que eventos históricos, sociais e políticos influenciam o coletivo e o indivíduo, marcando o espaço e o tempo, constituindo um campo indispensável à produção de estilos para os que estão sob o dado domínio. Assim, os cronotopos criam significados valorativos e, portanto, carregam responsabilidade ética. Sendo possível a visualização dessa atuação através de situações concretas do cotidiano, em que os estilos terminam sendo convencionalizados e servindo tanto para a estabilidade como para a mudança. Porém, os próprios estilos também podem ser

modificados a partir de interações construídas entre indivíduos e entre grupos, como atores e coatores éticos.

Marková, e Novaes (2020) sinalizam a importância do reconhecimento da atuação do cronotopo, para pesquisas com caso único dialógicos, podendo ser uma importante ferramenta analítica na compreensão de múltiplas trajetórias de desenvolvimento. Pois, esse conceito pode favorecer a identificação da mobilização tempo-espço em diferentes níveis⁴ (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013), a partir das noções de desenvolvimento abordando a sociogênese, a ontogênese e a microgênese.

Conforme Marková e Novaes (2020), esses diferentes níveis de desenvolvimento, ao serem articulados, expressam os desdobramentos do estudo empírico, permitindo a observação de movimentos microgenéticos de posições ao longo do tempo e o estabelecimento de sequências mais ou menos estáveis, que se configuram como um padrão. Assim, é possível verificar uma continuidade do self em meio a toda a multiplicidade de significados de si (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013). O que, de acordo com Simão (2010), constitui uma das polaridades mais importantes no estudo das relações eu-outro, de maneira a elucidar a estabilidade e a divergência de onde emana transformação, e a identificação dos elementos que envolvem a emergência do novo.

Entretanto, as pessoas também têm suas próprias histórias e experiências pessoais, de modo que apesar da atuação do cronotopo, ele não é por si só definitivo na maneira de significar as situações da vida. Ainda que o enquadramento externo tenha orientado as ações dos participantes, não as determinou absolutamente, uma vez que há também o enquadramento interno (MARKOVÁ et al., 2007), que neste estudo refere-se ao da psicóloga pesquisadora e de cada sujeito participante, os quais acumulam identidades sociais diferentes e falaram de diferentes posições. Pois, conforme as circunstâncias da realidade cotidiana, estados do self emergem como respostas, manifestando diferentes posições do eu (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013).

Assim, foi necessário, no decorrer da investigação, atentar para a interação sutil entre as estruturas externas e as internas, as quais possibilitaram atividades únicas que precisavam ser analisadas especificamente. Logo, foi fundamental identificar as diferentes vozes no discurso (mesmo no de um único participante) e os diferentes posicionamentos (HERMANS; KEMPEN, 1993; SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013; GUIMARÃES, 2016) que cada participante pôde adotar.

⁴ Os níveis de organização do desenvolvimento serão caracterizados no subcapítulo 3.6

3.5.3 Posições, do eu e de outros

O self pode atuar a partir de diferentes posições do eu (HERMANS, 2001). Apesar de cada posição ser cultivada em determinado contexto de relações, pode acontecer de posições provenientes de contextos diferentes colidirem. Aveling, Gillespie e Cornish (2015) referem que dentro do self, além das posições do eu, há também posições de outros internalizados que podem ser reais, mas também imaginados ou generalizados (instituições, categoria profissional, comunidade, igreja...)

Essas posições do eu e as dos outros internalizados interagem dentro do self, através de um autodiálogo. Paralelamente, ocorre o heterodiálogo, com os outros atuais. Ambos desempenham um papel crucial, introduzindo ideias e mudando as posições das quais os indivíduos falam. Essas vozes de outros podem ser percebidas explicitamente no diálogo, ou não, sem referência que evidencie a voz atuante naquele momento. São os chamados ecos, em que o orador traz um enunciado de outro, mas que lhe é estranho (AVELING; GILLESPIE; CORNISH, 2015).

Salgado, Cunha e Bento (2013), ao relatarem sobre como uma posição do eu irrompe, destaca a interação entre três elementos: 1) o agente comunicacional, autor de uma ação articulada, em que os significados de suas experiências passadas rememoradas, são reconstruídos visando a uma adaptação às demandas atuais com vistas a intenções na futuridade; 2) o endereçamento, que nem sempre coincide com o interlocutor. Em certos momentos outras pessoas são explicitamente invocadas no discurso; 3) os objetos tematizados e referenciados no discurso, sob os quais as significações das experiências com o mundo são construídas e reconstruídas na relação eu-outro.

A atenção à dinâmica dessas vozes é primordial para a compreensão dos significados produzidos. Principalmente, considerando a mobilidade - inclusive no que se refere ao endereçamento das mensagens (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013) e à necessidade de atenção ao reconhecimento da atuação da própria voz (AVELING; GILLESPIE; CORNISH, 2015). Há muitas situações, em que as falas dos participantes deste estudo são claramente e talvez até, em alguns casos, conscientemente, dirigidas não à interlocutora, psicóloga pesquisadora, mas a familiares, instituições, juízes e policiais. Uma proposta metodológica assim demanda ao pesquisador uma sensibilidade reflexiva para identificar essas questões, inclusive, a expressão da própria voz, suas ocorrências nas falas dos participantes e papel nas dinâmicas analisadas.

O caráter dinâmico dessas interações está associado a qualidades de mudança, desenvolvimento e movimento. Em oposição a estados fixos, essas experiências são caracterizadas por constantes transformações, sob influência do cronotopo, conforme tempo e espaço específicos (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020). Ao longo do tempo e conforme as diversas interações eu-outro-objeto, o self é organizado e reorganizado. Desse modo, o sujeito é impulsionado a mover-se e construir trajetórias de vida, a partir de seu passado rememorado em direção ao futuro nele contido que guia o futuro desconhecido, mas imaginado (VALSINER, 2012).

Essa tríade dialógica é irreduzível, mas as relações entre os três componentes não são iguais, há níveis de comprometimento diferentes, além de motivações divergentes (MARKOVÁ, 2016). E, embora o objeto seja construído em conjunto pela interação eu-outro, as pessoas têm diferentes desejos e expectativas. Nesse sentido, considera-se inadequado atribuir ao objeto construído a denominação de produto interno de dada atividade mental ou ainda reduzi-lo a um produto imediato da interação eu-outro. Sendo primordial considerar as características da composição objeto (MARKOVÁ et al., 2007).

3.5.4 Objetos

Neste estudo, buscamos a compreensão dos significados de si que emanam nas interações com outros. É aceita a proposição de Marková (2016) de que o self é definido através do outro, compondo os dois uma unidade dialógica irreduzível. Mas, ainda segundo a autora, a interação eu-outro é direcionada a objetos, de maneira que o eu e o outro agem sobre os objetos, buscando o conhecimento, a criação, construção e desconstrução. Assim, a interdependência entre o eu e o outro, proposta por Marková (2016), é sempre sobre algo, isto é, sobre objetos, os quais podem ser eventos, reflexões, pensamentos, imaginações e ações do eu e do outro. Há, então, de ser verificada a relação triangular eu-outro-objeto, em que o eu e o outro se constroem mutuamente e, em conjunto, constroem determinado objeto de conhecimento, que no nosso estudo destacamos as significações de si mesmo.

As assimetrias⁵ e tensões características do triângulo dialógico podem levar a diferentes tipos de objetos, conforme descrito por Marková (2016). Ela identifica que um tipo de objeto é pertinente com a interação eu-outro-objeto, em que objeto se refere tanto ao conhecimento comum quanto ao científico. Já um outro tipo de objeto, não se refere ao conhecimento

⁵ Característica abordada em 3.5.1

científico e nem ao compartilhado, mas está relacionado ao desejo, a metas. Esse tipo de objeto, segundo a autora, pode distorcer o triângulo epistemológico. Para Gillespie e Cornish (2010), mesmo quando os participantes começam com enormes divergências de perspectivas e interesses, eles trabalham em colaboração para criarem uma pauta que lhes permitam seguir em conjunto, de maneira a construírem uma certa convergência.

Transmitindo as concepções de Boesch sobre o objeto, Simão (2010), relata que o sujeito, através de suas experiências com os objetos, não apenas constrói o mundo, mas ainda tem o ganho de experimentar suas próprias potencialidades e organizar os significados de si. Dessa maneira, a relação eu-outro-objeto possibilita certa continuidade consistente entre passado e presente, favorecendo, ao sujeito, uma dimensão de história pessoal, uma percepção de sua experiência em unidade no decorrer da vida.

Assim, Simão (2010) aponta que em Boesch é possível identificar alguns desdobramentos da relação do sujeito com o objeto. De forma que, a partir dessa relação, o sujeito desenvolve percepção de si como ator, que constrói consistência autobiográfica, organiza a própria experiência, percebe e avalia seu potencial de ação. Além do mais, a partir dessa interação, o sujeito percebe a si como alguém que pode reconstruir com os outros as memórias de si.

Neste estudo, as construções nos significados de si, por meio das experiências rememoradas, foram realizadas para, através dessas significações, identificar as trajetórias de vida trilhadas e as suas possíveis (re)construções.

3.6 TRAJETÓRIAS DE VIDA EM AVENIDAS DE SIGNIFICADOS DIRIGIDOS FORJADAS COM O CRONOTOPO

Sato et al (2007), ao analisarem como abordar as trajetórias de vida pessoal, pontuaram o quanto experiências contingentes, como sérias doenças e acontecimentos socioculturais, impactavam as vidas das pessoas. Os autores iniciam o texto, pontuando o estado de doença como uma experiência sociocultural, significada pelas pessoas, conforme os sistemas semióticos culturais internalizados. É ainda referido que, diante das tantas contingências que são inerentes à vida, há a falta de controle, por todos. Daí, os autores começam o embasamento que aponta para a necessidade de uma metodologia que contemple a compreensão da vida humana abordando as suas contingências, no sentido de serem experiências socioculturais, como acontecimentos incorporados no contexto histórico e na historicidade da própria pessoa, sendo cruciais nos processos de mudança. Esses entendimentos impulsionaram o desenvolvimento de estudos utilizando Modelo de Equifinalidade de Trajetórias (TEM), que se

baseiam em significados construídos e atribuídos pelos sujeitos como marcos qualitativos de suas trajetórias.

Através de diversos autores da Psicologia Cultural, tem sido defendida uma visão dinâmica e construcionista para a compreensão da formação/transformação dos ‘mundos da mente e mundos da vida’, suas interações no tempo e no espaço, e na construção de significados (VALSINER, 2012). Recentemente, Maková e colaboradores (2020), também têm defendido o uso de instrumentos que contemplem as dinâmicas dialógicas do desenvolvimento e transformação não de maneira sequencial linear, mas como estritamente processual e relacional (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020). Logo, essas autoras defendem o uso instrumental da noção de cronotopo como forma pertinente para acessar as realidades complexas dos estudos de caso dialógicos. Pois, através desse instrumento, é possível, segundo elas, identificar diferentes fluxos nas dinâmicas espaçotemporais, em diferentes escalas, conforme as noções já usadas na psicologia sociocultural do desenvolvimento.

Essas escalas, referidas pelas autoras, são: 1) Sociogênese – noção usada para designar a gênese das trajetórias que focam nas transformações sociais, ideológicas, políticas e históricas 2) Ontogênese – para designar a trajetória da pessoa ao decorrer da vida 3) Microgênese – corresponde às trajetórias mais específicas, situacionais, em que diante do fluxo do tempo, a cada nova situação a pessoa reage, se adaptando, assumido uma posição diferente da anterior, mas ainda semelhante (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013; MARKOVÁ; NOVAES, 2020; MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020).

De acordo com Marková, Zadeh e Zittoun (2020), essas escalas são realmente úteis para a compreensão da mudança nessas três dimensões temporais e em suas mútuas influências. Entretanto, assim como Sato et al (2007), elas também assinalam falhas nessas noções. Conforme Marková, Zadeh e Zittoun (2020), o déficit está relacionado à não contemplação do caráter situacional dessas dinâmicas. Esse é alcançado através da adesão ao cronotopo como ferramenta analítica na construção das trajetórias de vida espaçotemporais em diferentes escalas, nas quais as pessoas interagem.

Utilizando a noção de cronotopo no estudo da sociogênese, Marková, Zadeh e Zittoun (2020), alegam ser possível trabalhar com duas possibilidades: 1) com um cronotopo que indique um tempo suspenso, reversível e padronizado, com padrões de posicionamento mais ou menos estáveis e prescritos. Essa noção faz lembrar o exemplo de Valsiner (2012), caracterizando a situação de uma consulta para exame ginecológico, um contexto médico em que, por um tempo suspenso, as ações terão um significado pontual diferente, em que “ninguém está constrangido e no qual é inapropriado até mesmo pensar em termos sexuais” (VALSINER,

2012, p.208).; 2) a outra forma de sociogênese é relacionada ao desenrolar da história em um tempo irreversível em um espaço específico, em que as interações entre esses elementos têm desdobramentos irrevogáveis.

Nesse sentido, Marková, Zadeh e Zittoun (2020), defendem o uso do conceito ‘cronotopo’ para instrumentalização da análise e compreensão de múltiplas trajetórias espaçotemporais nas quais os coatores éticos interagem. Essas autoras, aderindo à concepção de Bakhtin acerca desse conceito, descrevem os cronotopos como unidades éticas vigentes que servem como palco para a ação social. Ou seja, não são apenas unidades de marcação espaçotemporal em um dado contexto real. São gêneros ativos de experiência e comunicação, maneiras não neutras que orientam estilos de apreender o mundo e (re)construir significados, em vigor em determinado espaço e tempo. Logo, o cronotopo é caracterizado como um ‘gênero epistêmico dialógico’, que orienta a significação de falas e ações em um dado contexto (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020, p.12).

Assim, é sustentado que as trajetórias de vida sejam abordadas considerando o conceito de temporalidade, de maneira atenta ao cronotopo atuante nos diversos estilos de conduta em produção, tanto os cronotopos direcionados para rotinas e continuidades, quanto aqueles que agem como impulsionadores de mudanças e rupturas. De modo que rotinas e mudanças sejam incorporadas nas diversas trajetórias espaço-temporais, favorecendo a identificação dos significados produzidos em diferentes âmbitos (MARKOVÁ; NOVAES, 2020).

Lyra, Valério e Wagoner (2018) trazem o conceito Avenida de Significado Dirigido – ASD, caracterizando como uma construção simultaneamente pessoal e social. Pois, os significados sociais, disponibilizados pelo contexto, orientam a construção de significados pessoais, através de constantes negociações de significados, na ASD, entre o sujeito e os outros imersos em contextos socioculturais. Os autores defendem como os significados surgem a partir da interação da história pessoal com a organização de sentidos oferecida pelo contexto social situacional, conforme tempo e lugar. Assim, Aguiar (2019) sintetiza: “os significados disponíveis no ambiente sociocultural guiam e modulam – pelas avenidas de significados dirigidos – a construção de significados dos indivíduos ao se moverem em sua trajetória” (p.70).

O nome dado ao conceito ASD, conforme os criadores, já carrega em si o sentido de possibilidades e restrições marcadas pelo espaço e pelo tempo. O sentido espacial, segundo eles, está relacionado à ideia de um percurso que já chega ao sujeito, de maneira organizada por significados sociais produzidos no coletivo. Os significados agrupados constituem uma avenida, guiando a pessoa em sua construção de significados pessoais para decisões e ações da vida. Isso requer pontos referenciais, que situem inícios, finalidades e percursos. Assim, é

evidenciada a construção de significados através de uma reconstrução do passado, ou seja, pela rememoração, no presente, visando a um determinado futuro (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018).

Também o cronotopo, de acordo com Marková, Zadeh e Zittoun (2020), como um gênero de sentidos produzidos em uma ação de cooperação social, cria sentidos, das realidades sociais, nas interpretações do passado, experimentando o presente e imaginando o futuro. Marková e Novaes (2020), refletindo a ideia de Bakhtin sobre esse conceito, analisam que é através dos portões do cronotopo que ocorrem as entradas na ‘esfera de significados’. Logo, chega-se à possível compreensão de que essa ‘esfera de significados’ seja compatível com o conceito de ASD de Lyra, Valério e Wagoner (2018). De modo que, através dos “portões do cronotopo” (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020), ocorrem as entradas nas avenidas de significados dirigidos (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018). Assim, depreende-se que o cronotopo orienta e desbrava a avenida de significado dirigido.

O diálogo entre esses conceitos mostra-se pertinente aos objetivos deste estudo e para a consistência teórica. De maneira que essa interligação leva ao entendimento de que o cronotopo desbrava e orienta, na intersubjetividade eu-outro, avenidas de significados dirigidos. Isso ocorre em um contexto espaçotemporal específico, de forma a fornecer, nessas avenidas, possibilidades e limites para os significados. E através dessas ofertas de significados no coletivo, as pessoas re(constroem) significados do passado pela rememoração e desenvolvem suas trajetórias de vida conforme as perspectivas do futuro.

Marková, Zadeh e Zittoun (2020) ao tratarem da temática cronotopo, destacam a questão da responsabilidade ética que está aí implicada, uma vez que o cronotopo fornece um palco para a ação social, para a produção de gêneros ativos não neutros que orientam estilos de apreender o mundo. Nessa perspectiva, Aguiar (2019) e também Lyra, Valério e Wagoner (2018) ilustram as possibilidades e limites situados em certos contextos espaçotemporais e discutem a responsabilidade do outro nessas ofertas e restrições disponibilizadas nas avenidas de significados dirigidos. De maneira que ambos os conceitos trazem uma preocupação ética nas interações eu-outro e suas conseqüentes construções.

No mais, o conceito de ASD evidencia a construção de significado através de uma reconstrução do passado, ou seja, pela rememoração, no presente, visando a um determinado futuro (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018). Também o cronotopo, de acordo com Marková, Zadeh e Zittoun (2020), como um gênero de sentidos produzidos em uma ação de cooperação social, cria sentidos, das realidades sociais, nas interpretações do passado, experimentando o presente e imaginando o futuro.

Neste estudo, percorrendo os trajetos nas ASDs, em que os *bicos* (como trabalho temporário e informal) e as *bocas* (sendo local de comércio de drogas) podem ambos exercer semelhantes sentidos de sobrevivência, entre os *becos* das comunidades e suas ofertas de limites e possibilidades, trabalhar com conceitos instrumentais que facilitam a identificação e (re)construção de significados, situados em domínios espaçotemporais, pareceu norteador de diversas maneiras, uma vez que apresentam como compreender e também favorecer o indivíduo em seu processo de desenvolvimento.

Utilizando a ressignificação de experiências passadas, reconstruídas no presente pelo processo rememorativo, em consideração às perspectivas de futuro, foi possível o foco para os significados que o participante atribui a si mesmo e a suas ações. Esses significados revelaram uma estrutura passado-presente-futuro orientada a pontos potenciais e a objetivos que emergiram, conforme as escolhas do sujeito evidenciadas em pontos de bifurcação nas trajetórias e nas viabilizações de novas trajetórias (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018), de acordo com o envolvimento social semântico delineado pelo cronotopo atuante (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020).

4 O PRESENTE ESTUDO

4.1 OBJETIVOS

Geral: Identificar, por meio da rememoração e de projeções do futuro, como participantes do CJT-TJPE produzem múltiplos significados de si, possibilitando emergir o novo, e assim, constroem suas trajetórias de vida.

Específicos:

- (1) Investigar as características do processo de rememoração na construção dos significados de si ao longo das oito rodas de conversa e subsequentes entrevistas individuais semiestruturadas.
- (2) Compreender como os diferentes significados de si emergem e participam da construção de trajetórias de vida dos participantes.
- (3) Explorar as possibilidades e os desafios de uma prática profissional com perspectiva dialógica, na abordagem do Judiciário a questões referentes a drogas.

4.2 METODOLOGIA

Percorremos toda uma estrada teórico-conceitual favorável a nos lançar a uma metodologia e análise pertinentes aos objetivos deste estudo e ao contexto em que ele foi desenvolvido.

Perante uma prática profissional com participantes do CJT/TJPE, foi questionado como a psicologia pode contribuir de maneira cientificamente embasada e coerente com a proposta do programa. Como já dito, o objetivo do CJT/TJPE é cultivar, com esses sujeitos, reflexões no intuito de “construir novas alternativas de vida e investimentos benéficos a si e a sociedade” (BRASIL, 2019), de maneira que as temáticas buscam favorecer considerações sobre si e suas relações, mobilizando reflexões e o deslumbre de novas possibilidades na relação com o meio.

A compreensão dos pressupostos da PCS nos levou ao entendimento de que a investigação sobre as mudanças e construções dos significados (principalmente os referentes a si mesmo), nas trajetórias de vida (re)construídas através da rememoração e de projeções do futuro, pode favorecer novas possibilidades preventivas e interventivas no trabalho com os participantes do CJT/TJPE. Explorar os significados de si e como a partir deles, as trajetórias são delineadas pode nos orientar a novas possibilidades para a atuação da psicologia nesse contexto do judiciário.

A estratégia de rememoração possibilita a apreensão das produções de significados de si mesmo e as construções de trajetórias de desenvolvimento ao longo da vida do participante. Nesse sentido, o método objetivou a identificação de posicionamentos do eu nas interações com outros, ao longo do tempo; a identificação pela pesquisadora de sequências mais ou menos estáveis ou instáveis dessas posições, padrões e processos de mudança (VALSINER, 2012; ZITTOUN, 2014; MARKOVÁ, 2016; GUIMARÃES, 2016).

Entendemos ainda que essa prática da psicologia nos CJTs precisa ser desenvolvida, inerentemente, em uma perspectiva dialógica, pois compreendemos que estamos trabalhando com participantes que são sujeitos ativos, que tem cada um a própria voz e expressão, o que nos direciona para uma intenção de postura dialógica, em que psicóloga e participantes estão em interação, ao percorrerem as atividades dialógicas propostas pelo programa CJT/TJPE (oito rodas de conversas temáticas).

Diante do já exposto, parece que não há tanto que versar sobre possibilidades de *escolhas* metodológicas. O fenômeno parece já requerer uma hermenêutica de compreensão em que pesquisadora e participantes sejam reconhecidamente ativos nos processos de reconstrução mnemônica, os quais não estão desvinculados das interações entre as partes envolvidas. Nesse processo de rememorar, necessariamente aparecem diferentes vozes, é um processo marcado por uma coletividade sociocultural, na qual as pessoas estão inseridas. O fenômeno por si já anuncia a filiação teórico-metodológica a ele pertinente.

Considerando os aspectos acima citados, a unicidade do fenômeno e o foco da pesquisa, entende-se como pertinente o uso de uma metodologia de caráter idiográfico (VALSINER, 2012). Dessa maneira, é possível o estudo sistêmico das relações do fenômeno aqui abordado – significados de si, produzidos através da rememoração, participando da construção de trajetórias de vida - (VIGOTSKI, 1998) e a compreensão da generalidade dentro de particulares (VALSINER, 2012).

Os estudos dialógicos de casos únicos, de acordo com Marková, Zadeh e Zittoun (2020), atende aos propósitos da pesquisa, inclusive o de favorecer o estabelecimento de práticas profissionais com perspectivas cientificamente fundamentadas, em que profissionais e clientes / pacientes constroem mutuamente significados de suas realidades. Havendo, assim, a compreensão da interdependência entre a mente do eu e a do outro na criação dos significados de si, em que um componente interfere na definição do outro e nas interpretações do passado, experimentação do presente e imaginação do futuro. Assumindo esses pressupostos, reconhecemos e ressaltamos a importância do comprometimento e responsabilidade dos profissionais nesses contextos institucionais.

Através dessa metodologia, embasada também em Marková e Novaes (2020), reconhecemos nosso envolvimento como psicóloga e pesquisadora neste estudo de caso dialógico em um local real, em um tempo real, em que buscamos atentar para as interações tempo-espço, as mudanças ontogenéticas experimentadas por nossos três participantes e as mudanças nas possibilidades e restrições ofertadas pelo meio e que delinearão as ações de nossos sujeitos.

Na metodologia, o conceito de ASD (LYRA; VALERIO; WAGONER, 2018), ao focar nos significados pessoais construídos a partir de interações conforme disponibilidades no ambiente sociocultural, demandou um período de acompanhamento que possibilitou a sondagem de como os relatos de rememoração, prestados nas entrevistas, mudaram conforme mudanças na vida. Isso foi possível, já que o programa em si já tem duração de 08 encontros, que ocorreram duas vezes por semana, favorecendo alterações em posicionamentos do eu que interferiram, paulatinamente, nas reconstruções mnemônicas.

As avenidas de significados dirigidos, segundo seus autores, são resultado do significado pessoal, conforme a história de vida e opções potenciais propostas pelo social que direcionam a determinados pontos. Consideramos neste estudo três participantes do CJT/TJPE, sendo os três encaminhados por juízes devido a processos judiciais por problemas referentes a envolvimento com drogas, seja por uso, posse ou transporte. Assim, partimos dos significados de si produzidos na época em que esses sujeitos começaram a se envolver de alguma maneira com as drogas. E tivemos como ponto potencial o deslumbre de novos significados de si, novas possibilidades de posições perante o meio, em termos de ocupação profissional e papel no meio em que estava inserido, de forma a desenvolver fatores protetivos referentes a relações problemáticas com as drogas.

4.3 PARTICIPANTES

A pesquisa ocorreu com um determinado grupo de conversa do CJT/TJPE, composto por três ingressantes no programa que concordaram em participar da pesquisa.

Foram considerados critérios de inclusão: 1) ser participante em acompanhamento pelo CJT/TJPE; 2) disponibilidade para participação das atividades que ocorreram logo posteriormente a cada encontro promovido pelo CJT/TJPE; 3) consentimento expresso no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Critério de exclusão: não assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4.4 PROCEDIMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DE DADOS

Após a avaliação e aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco, através do número CAAE 32922820.6.0000.5208, foi iniciada a construção de dados.

Para recrutamento dos participantes, foi feita uma reunião esclarecedora sobre a inserção voluntária na pesquisa, da qual participaram os ingressantes no programa CJT e também toda a equipe técnica de psicólogas (Eu – pesquisadora e psicóloga mais as outras duas colegas na função exclusiva de psicóloga do programa).

Nesse contato com os ingressantes ao programa CJT/TJPE foi explicada a proposta da pesquisa, houve esclarecimento de dúvidas sobre o objetivo da pesquisa e a obtenção do consentimento de cada participante. Uma vez que a psicóloga que acompanharia o participante no programa seria também a pesquisadora, houve um cuidado para que ficasse claro ao ingressante que sua inserção na pesquisa seria voluntária e não vinculada à sua participação no programa CJT.

O programa do CJT/TJPE já contempla uma entrevista inicial, oito rodas de conversas temáticas e possíveis atendimentos por demanda do participante ou da psicóloga que esteja fazendo seu acompanhamento, além de atendimentos com a assistente social, conforme necessidade.

Para a pesquisa, optamos por uma combinação de métodos para construção e análise de dados que incluiu: A) A observação com audiogravação das atividades já propostas pelo programa CJT/TJPE (entrevista inicial individual mais oito rodas de conversa em grupos de três participantes mais a psicóloga / a própria pesquisadora) e diário de campo feito pela pesquisadora; B) A inserção de entrevistas, com os três participantes, de maneira semiestruturadas e individuais, com abordagem de questões que favorecessem a rememoração. Essas entrevistas (momento B) ocorreram após cada um dos nove encontros do programa (momento A). Facilitando, assim, o engajamento do participante que já estava naquele local. Além disso, cada roda temática já sensibilizava a rememoração do participante, de forma a favorecer que certos conteúdos emergissem no momento individual da entrevista. Cada entrevista foi formulada seguindo a temática da roda de conversa que ocorreu no primeiro momento do referido encontro.

Sendo semiestruturada, cada entrevista do momento B, não seguiu um roteiro fixo, mas teve uma diretriz inicial com questões predefinidas a serem abordadas, conforme especificado

em subitem posterior, em qual também serão apresentadas as temáticas de cada roda de conversa do momento A.

Todos esses encontros ocorreram duas vezes por semana, de modo que essa fase de construção durou um pouco mais de 1 mês.

Iniciação: A) Entrevista inicial para inserção no CJT/TJPE. Essa tem por objetivo o estabelecimento de vínculo e a obtenção de informações que caracterizem o participante quanto: idade; escolaridade; vínculos institucionais e familiares; relação com substâncias psicoativas; expectativas na vida e atividades de interesse. B) Realização de entrevista que contemplou a construção de significados, pelo participante, do aqui e agora em interação com o passado lembrado, com ênfase nos momentos cruciais para o contexto atual (vivência de conflitos com a lei e possíveis desdobramentos).

Encontro 1: A) Roda de conversa 1 incluiu questões objetivas referentes ao funcionamento do CJT/TJPE; explicações sobre a lei de drogas; informações sobre substâncias psicoativas, seus efeitos e possíveis interações entre a pessoa e a droga. B) Entrevista que abordou as seguintes questões: como estão as interações atuais com substâncias psicoativas, seus efeitos no cotidiano e nas suas relações. Além de buscar a reconstrução de contextos passados que deflagraram os primeiros contatos com a droga e os significados que, para o sujeito, o uso de drogas pode agregar.

Encontro 2: A) Roda 2 com a temática da educação sexual e orientações sobre saúde do homem e da mulher. B) Entrevista que contemplou as seguintes questões: estilo de vida atual, hábitos atuais e passados que considera relevantes para a saúde/adoecimento e pessoas que contribuíram para essas práticas; as transformações desse corpo vivenciadas ao longo do tempo e os sentidos dados a essas transformações.

Encontro 3: A) Roda 3 com o tema violência doméstica familiar e equidade de direitos em diferentes contextos. B) Entrevista que buscou a lembrança de situações de violência vivenciadas em contextos diversos, de maneira a apreender os outros atores nos diálogos deflagrados e as posições do eu nas narrativas.

Encontro 4: A) Roda 4 buscou favorecer reflexões sobre formas diferentes de lidar com as adversidades. B) Entrevista com seguintes elementos: lembrança de momentos difíceis e como reagiu, pessoas e fatores que contribuíram para a solução ou para o estabelecimento do problema.

Encontro 5: A) Roda 5 com discussões sobre prioridades e valores. B) Entrevistas sobre momentos em que percebeu agir considerando ou não suas prioridades na vida, buscando situar em quem e no que estão essas prioridades.

Encontro 6: A) Roda 6 abordou considerações sobre as necessárias e dolorosas mudanças ao longo da vida. B) Rememoração das mudanças vivenciadas ao longo da vida e dos momentos que foram cruciais para tomadas de decisões.

Encontro7: A) Roda 7 enfatizou o desenvolvimento de maestria pessoal. B) Levantamento de momentos em que se percebeu construindo a própria vida; o que já fez pela própria vida; ações concretas que já tomou pensando no futuro; o que queria ser quando criança; as mudanças desses sonhos ao longo do tempo; situações/pessoas que o aproximou/distanciou desses objetivos.

Encontro 8: A) Roda 8 tratou da importância de desenvolver projetos de vida. B) Momento dedicado à apresentação das trajetórias construídas a partir das produções de significados de si ao longo dos oito encontros anteriores.

Após cada um desses encontros, as audiogravações foram transcritas pela pesquisadora, que já iniciava uma análise parcial, juntamente com o apoio do diário de campo em que registrava algumas observações de elementos não captados de outra forma.

Esses procedimentos se mostraram bastante úteis na percepção de questões que poderiam passar despercebidas pela pesquisadora, não fosse o registro das gravações. Pois, através desse instrumento foi possível a identificação de lacunas nos relatos e significações não bem desenvolvidas, possibilitando a recuperação de informações em encontro posterior ao transcrito e a continuidade de abordagem a questões cruciais para as construções com os sujeitos.

O recurso da audiogravação com posterior transcrição também possibilitou uma maior reflexividade sobre a postura da pesquisadora nas dinâmicas interacionais com os participantes, com certa criticidade ao focar em suas próprias posições, nas análises das transcrições, buscando certas melhorias no decorrer do processo, principalmente na identificação de certos momentos, em que o foco na construção poderia ameaçar a construção com o participante, que tinha suas próprias demandas e anseios. O diário de campo também deu suporte às interpretações processuais. Assim, essas pré-análises iam ajudando a pesquisadora a manter uma posição voltada ao participante e suas mobilidades, no decorrer da pesquisa, em meio à combinação de papéis inerentes às posições de psicóloga servidora do TJPE e de psicóloga pesquisadora.

Essas *escolhas* teóricas e metodológicas parecem caracterizar um posicionamento não apenas epistemológico, mas também ético. Pois, conforme já descrito, possibilitaram uma análise dialógica em conformidade com a premissa de que numa relação dialógica, as partes (eu e o participante do programa e pesquisa) somos responsáveis pelo tornar-se um do outro, ao mesmo tempo que se reconhece a voz do outro em sua própria voz e a reciprocidade disso

(MARKOVÁ, 2016). Assim, justificamos os momentos em que não reivindico a posição passiva ou de terceira pessoa, mas sim a de pesquisadora participante da situação da produção de conhecimento. O que, conforme Cornish (2020) não é exclusivo de abordagens teóricas dialógicas, mas é consideravelmente consistente com uma perspectiva dialógica.

Com uma metodologia e proposta analítica enraizadas no conhecimento dialógico para a teoria e a prática, esperamos, conforme apontado por Cornish (2020), desenvolver práticas profissionais embasadas cientificamente e com potencial para gerar novas aplicações em novos contextos que também contemplem construções dialógicas entre profissional e participante.

5 ABORDAGEM ANALÍTICA

As atividades anteriormente descritas (rodas de conversas e entrevistas semiestruturadas individuais) foram consideradas práticas submetidas à análise dialógica, revelando as vozes do sujeito e de outros presentes nos enunciados, retratando os significados de si mesmo.

Em observância às questões conceituais apresentadas e aos objetivos deste estudo, a análise dialógica ocorreu em três fases, seguindo uma sequência similar aos procedimentos adotados em outros estudos como os de Gillespie et al. (2007) e Aveling, Gillespie e Cornish (2015).

Etapa 1 – Mapeamento de todos as pessoas e comunidades que receberam voz nos diálogos deflagrados pelos participantes, nos momentos A e B dos nove encontros (entrevista inicial e 8 rodas de conversa com entrevistas individuais posteriores). Verificamos os elementos nos relatos que fizessem referência a si mesmo, pronomes e verbos em primeira pessoa, assim como os adjetivos usados para caracterizar a si. Também mapeamos os outros presentes nos diálogos desenvolvidos, podendo esses outros serem reais, imaginados ou generalizados, como instituições e comunidades, buscando nas narrativas por citações diretas ou indiretas, ecos (ideias emprestadas de outros, mas não referenciadas) e endereçamentos feitos a outros além da pesquisadora, a interlocutora. Após o levantamento das vozes do eu do sujeito e as de outros presentes nos relatos mnemônicos das entrevistas e rodas de conversas, foi possível verificar as estruturas triádicas eu-outro-objeto nas quais nosso sujeito estava envolvido e pelas quais estava produzindo significados.

Etapa 2 – Com a ordenação dessas informações da etapa anterior, atentando para a interação entre as estruturas externas e as internas da situação da pesquisa e das ocorrências narradas, buscamos identificar em cada fala do participante, a voz atuante naquele momento, com quem, para quem, o quê, como e o porquê da fala. Foram observados os nós dialógicos, ou seja, os pontos de conflito ou tensão no self dialógico. Esses nós são, conforme Aveling, Gillespie e Cornish (2015), frequentemente indicados por termos adversativos como "mas" ou "no entanto" ou por uma mudança repentina de uma voz para outra, sugerindo tensões subjacentes no self dialógico. Verificadas essas tensões entre as diferentes posições que um único participante pode adotar, tivemos, através delas, as indicações de diálogos internos entre essas vozes (autodiálogos), de diálogos com outros (heterodiálogos) e as possíveis configurações do objeto na composição triangular eu-outro-objeto. Enfim, essa etapa visou conferir os significados de si que emergiram nas diversas interações dos participantes com os outros, de maneira situada no tempo e no espaço, em observância ao cronotopo atuante. Sendo

focado, neste trabalho, as estruturas triádicas mais relevantes para os significados de si que emergiram e delinearão as trajetórias (re)construídas no decorrer das atividades do programa e da pesquisa, referentes aos percursos que desencadearam o estabelecimento de relação problemática com as drogas até o desenvolvimento de percursos que constituíssem fatores protetivos referentes à interação participante-droga.

Etapa 3 – Os dados das etapas anteriores foram analisados longitudinalmente. Buscamos por padrões no tempo, mudanças, reflexões, análise dos significados produzidos, que compuseram as trajetórias de vida reconstruídas pelo participante. Procuramos verificar nessas trajetórias estabilidades e transformações (SIMÃO, 2010), conforme as ofertas de limites e possibilidades presentes nas avenidas de significados dirigidos (LYRA; VALERIO; WAGONER, 2018) desbravadas de acordo com os cronotopos (MARKOVÁ; NOVAES, 2020) em atuação.

A partir da (re)construção dessas trajetórias com os participantes, foi possível observar, conforme abordado por Simão (2010) ao tratar de pressupostos de Boesch, o sujeito como ator e construtor de sua biografia, à medida que age simbolicamente no mundo, de acordo com as possibilidades e limites que o meio em que ele esteve inserido ofereceu em um dado momento. Sendo possível, ao mesmo tempo, ao sujeito, transformar o próprio meio, a partir das interações com outros sujeitos.

A análise dessas construções com os participantes apontou para as possibilidades e também para os desafios que uma prática nesse contexto e com uma perspectiva dialógica pode apresentar. O que nos encaminhou a perspectivas de novas margens de atuação da psicologia, mas também nos confrontou a repensarmos continuamente sobre como estamos desenvolvendo nossas interações com as pessoas que atendemos.

6 ANÁLISES CONSTRUÍDAS

O estudo foi realizado com três participantes ingressantes no programa CJT/TJPE. Como sujeitos únicos têm, cada um, a própria história. Como sujeitos em construção, em um certo tempo e espaço, têm suas similaridades, que direcionaram, de certa forma, a este momento iniciarem juntos no programa e na pesquisa.

Os três têm entre 20 e 29 anos e estão no mesmo nível de escolaridade, com apenas o Ensino Fundamental 1, tendo todos eles abandonado a escola no 6º ano. Abandonaram a escola porque não viam nela sentido de utilidade, considerando as ofertas disponíveis no contexto em que estavam inseridos. Agarraram as opções ofertadas pela própria comunidade, os bicos e as bocas. Afinal, “(...) infelizmente, a comunidade, ela abraça, quando ver aquela cria ali crescendo e (...) aí é terrível né, que aí a comunidade dá opções (...)” (TTE 3 COM LÚCIO, 2020).

Os três, em algum momento da vida, além de consumir drogas, admitiram que também foram envolvidos com o trânsito das drogas nas respectivas comunidades em que estavam inseridos. Os três, movidos por uma busca de sentido na existência, trilharam suas trajetórias nas avenidas de significados dirigidos que lhes foram forjadas.

A pesquisa foi realizada durante o mês de novembro de 2020, quando grande parte do país já tinha vivenciado certa estabilidade nos números referentes a infecções por COVID-19, mas já se percebiam indícios e expectativas de novos picos nesses números, conforme assinalados por infectologistas através de diversas mídias (CORREIO BRAZILIENSE, 2020). Assim, os participantes, todos eles, terminaram trazendo para as rodas de conversas e entrevistas individuais, os impactos sofridos pelo contexto pandêmico sobre suas vidas, mobilizando, de maneira mais intensa, reflexões, bifurcações e transformações, mas também impasses, como veremos nos subcapítulos seguintes, em que apresentaremos as construções com cada um participante.

Entretanto, serão apresentadas apenas as informações estritamente necessárias para a compreensão de como, a partir de dinâmicas interacionais dos participantes em autodiálogos com outros internalizados e heterodiálogos com outros atuais, emergiram os significados de si pelos quais foram (re)construídas as trajetórias de vida significativas para o envolvimento com droga e a problematização dessa relação em sua vida, até o desenvolvimento de percursos que constituíram fatores protetivos nesse panorama. Portanto, os nomes dos sujeitos foram substituídos e alguns outros dados ocultados pelo termo “X” e nem todas as tríades eu-outro-objeto, presentes nos diálogos desenvolvidos com os participantes, foram expressas neste

estudo, como maneira de manter a proteção ao anonimato. Destacamos, nesta pesquisa, apenas os outros relevantes para a emergência de posições do eu significativas no envolvimento do sujeito com drogas e/ou no desenvolvimento de fatores protetivos referentes à relação problemática com substâncias psicoativas. Podendo essas posições do eu serem também prospectadas, imaginadas.

As etapas 1 e 2 da análise, descritas no capítulo 5, são percorridas nos tópicos 1 das construções com cada participante, ou seja, no 6.1.1, 6.2.1 e 6.3.1. Através desse conjunto de etapas analíticas (etapas 1 e 2), acessamos as posições do eu emergentes das interações do eu com outros e com o mundo ao redor, conforme o contexto, focando nos significados de si produzidos a partir dessas interações. Também incluímos no tópico 1 alguns subsídios e embasamentos que pudessem contribuir para uma abordagem sistêmica das relações do fenômeno (VIGOTSKI, 1998) e melhor compreensão do contexto histórico específico de cada participante, em harmonia com o que assinalamos no subcapítulo 4.2 que descreve a metodologia. Por isso, apesar da construção analítica com cada participante iniciar a partir de uma mesma proposta, conforme orientação nas etapas 1 e 2, essas construções se ergueram de forma bem única com cada sujeito, de acordo com demandas emergentes através do fenômeno observado.

Nos tópicos 2 dos três subcapítulos (6.1, 6.2 e 6.3) descrevemos as trajetórias de vida desenvolvidas, conforme os achados apresentados no tópico 1, atendendo, assim, à etapa 3 da análise proposta.

Essas três etapas analíticas foram desenvolvidas, considerando o contexto onde ocorreu a pesquisa (apresentado no capítulo 2), em concomitância com os conceitos e noções apresentados nos capítulos 1 e 3, seguindo o delineamento metodológico e analítico tratados nos capítulos 4 e 5. Assim, com base nos significados de si emergentes a partir das estruturas triádicas participante-outro-objeto, verificamos as trajetórias de vida reconstruídas no desenvolvimento, situado em um tempo e espaço (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013).

Aveling, Gillespie e Cornish (2015) defendem o quanto o self é sempre infundido e instigado por vozes dos outros, é responsivo às vozes de outros, podendo, inclusive, não intencionalmente, adotar discursos e perspectivas de outras pessoas em suas práticas dialógicas. Assim, nos tópicos iniciais dos subcapítulos que tratam das construções com cada participante, identificamos como os outros com quem o sujeito interage constrói com ele significados, suas interações, trocas e diálogos com esses outros internalizados. Destacamos o papel dessas interações para as avenidas de significados dirigidos guiando ao envolvimento com drogas e posterior desenvolvimento de fatores protetivos nas trajetórias de vida desenvolvidas.

Apreender essas compreensões foi possível seguindo o desdobramento da vida, os pontos de tensão, nós dialógicos que mobilizaram desconstruções e construções de significados. Assim, a partir dessas interações, dos autodiálogos e heterodiálogos, podemos, como pesquisadores, perceber o movimento significativamente direcionado a uma determinada meta. Sendo primordial, para isso, o entendimento de como se dá a interação entre a pessoa e a cultura coletiva. Esperamos, assim, compreender o indivíduo em atuação com o outro e seu cenário cultural, histórico e institucional (MAKOVÁ, 2016),

Focamos nas tríades eu-outros-objetos mais significativas, não apenas em quantitativo de ocorrências, mas também quanto à proximidade e profundidade de envolvimento no processo de construção de significados relevantes para a re(construção) de trajetórias que interessam a este estudo. Sinalizamos que esses outros compreendem vozes que são atribuídas a outros, que não se confundem com os outros no sentido real, mas sim são vozes do outro dentro do eu. Ou seja, outros internalizados (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013).

Os trechos de transcrições de rodas (TTR) e os trechos de transcrições de entrevistas (TTE) destacados para análise foram especificados, no intuito de que o leitor observe os momentos em que cada fala foi deflagrada, estando atento às temáticas das rodas em que os diálogos foram desenvolvidos ou que os antecederam.

6.1 CONSTRUÇÕES COM TITO

Tito foi criado, desde os 2 anos, pela avó paterna. A sua mãe já tinha outro filho e sem condição financeira para mantê-los. Os avós de Tito, conforme seu relato, proporcionaram a ele escola particular e suprimentos que nenhum de seus outros irmãos, criados pela mãe, tiveram.

Já adolescente, ele começou a experimentar maconha e também o crack. Nessa época, foi perdendo a motivação para frequentar a escola. Estava ansioso por ser de maior e não dar satisfação da própria vida. Aos 14 saiu de casa para ter sua vida como se fosse de maior. Nessa idade, com responsabilidades de casado e como pai de família, envolveu-se com as drogas, para além do consumo, para manter-se.

Agora está com 21 anos, é pai de três meninas, cada uma de uma mãe diferente. Estava trabalhando como garçom em um restaurante, quando por conta da pandemia, o estabelecimento foi fechado e passou a oferecer apenas refeições entregues em domicílio. Daí, Tito, mesmo sem ter habilitação, passou a trabalhar como motoboy fazendo serviço de delivery. Em poucos dias, nessas condições de trabalho, sofreu um acidente com a moto, enquanto trabalhava. O incidente culminou em um longo período de internamento (quase 1 mês), além de uma demanda por

serviço de fisioterapia, que até então não foi atendida, devido às novas prioridades dos serviços de saúde, considerando o contexto pandêmico. Diante disso, Tito segue, ou tenta seguir com a vida, sem movimento no braço esquerdo.

Foi, em meio a esse momento impactante, de enfrentamento de uma condição limitante, que ocorreram estas construções que serão agora apresentadas.

6.1.1 Construções de significados a partir das interações de Tito com os tantos outros presentes nos diálogos desenvolvidos

Nas construções de significados de si com Tito, ficou bem evidenciado o quanto o produto da interação T-P acabou reverberando em construções em andamento com outros internalizados, de maneira mais relevante, com o outro avó paterna. O que justifica a especificação dessas estruturas triádicas.

Foram enfatizadas também a relação de Tito com seu próprio corpo e as mudanças nessa interação ao longo da trajetória do sujeito, de modo a gerar novas significações, pelas quais outras trajetórias de vida foram traçadas.

a) Com o outro atual, a psicóloga pesquisadora

Em fevereiro deste ano (2020), Tito foi até o CJT/TJPE com a carta de encaminhamento ao programa. Ele iniciaria sua participação nas atividades propostas em março. Com a pandemia pelo COVID-19, as atividades presenciais do programa foram suspensas. Apenas em novembro de 2020 foram retomados alguns atendimentos de forma bastante restrita e com bem menos participantes. Quando, então, entramos em contato com Tito, que agora sim poderia iniciar nas atividades do CJT/TJPE recebendo também o convite para a participação na pesquisa. O qual ele aceitou, estava disposto a participar do que fosse possível pra lhe ajudar na questão problemática com as drogas. Na entrevista inicial ele declarou “Aí Doutora, o que for de me ajudar aí... pra me livrar disso...”. Já na sexta entrevista ratificou: “Eu poderia alegar isso [*aponta para o braço paralisado*] e não participar daqui, mas o que for pra me ajudar eu faço e tá me ajudando”. No último dia, o reconhecimento: “Foi muito bom essas conversas, ajuda mesmo a pensar, me ajudou mesmo. Obrigado por tudo. Ilumina a cabeça. Foi bom. Obrigado”.

A posição de Tito de quem deseja e precisa de ajuda foi bem demarcada na interação com o outro psicóloga pesquisadora, para qual também endereçou diversas demandas decorrentes das adversidades atuais dele. No entanto, ao mesmo tempo que Tito se posicionava, na interação

com esse outro, como alguém que precisava de ajuda para lidar com as questões referentes a drogas, na roda de conversas sobre esse tema, junto com outros participantes, emergiu a posição de quem conhecia e sabia usar a droga, ao contrário de “outros seres humanos”.

Ao observar o quadro 2, percebemos que o problema é direcionado aos outros, uma vez que “muita gente usa e não sabe usar, entendeu? Aí fica doido da cabeça” (TTR1, TITO, 2020). Juntamente com o participante Jone, Tito constrói o sentido de quem está blindado aos efeitos negativos da droga que ‘mata os outros’, ‘que derrota é os outros’. Tito ainda complementa: “no modo que eu usava né... você fica... estatalado, você fica parado, fica de boa praticamente”. Assim, foi verificada a posição de quem sabe lidar com as drogas e não precisa de ajuda, de quem não é ‘doido da cabeça’ e, portanto... precisa de uma psicóloga?

Quadro 2. TTR 1 sobre drogas e seus efeitos

(...)

J. Drogas é aquilo que mata os outros né.

P. Mata só os outros é? Rsr.

J. Eu falo esse crack né ...que derrota é os outros

T. É acaba com o ser humano.

J. É matar, destruir, roubar, mas a erva não mexe com ninguém

T. É verdade, é verdade, eu acho assim também que quem usa, muita gente usa e não sabe usar, entendeu? Aí fica doido da cabeça.

J.Rsr

T. Quer fazer merda aí se prejudica.

P. Então, pra Jone droga está relacionada a questão do crack e pra você, Tito, depende da relação, depende de como a pessoa usa?

T. Assim da eva né, que não é o crack, eu tou falando da erva. A senhora sabe o que é né? Que é menos (/).

P. A erva é a maconha.

T. É que muita gente usa e não sabe usar né. A turma faz muita merda, eu acho, Doutora, muita merda mesmo por conta do crack. Agora assim o crack você pode usar de várias formas né, tem muita forma de usar crack né, como pó, já noiado ... batido na lata, aí eu não sei que eu nunca experimentei na lata, fuma melado, tem outras estratégia com o crack

J. Cada um faz seu tipo né...

P. Droga é tudo que causa efeito no sistema nervoso, causa dependência, tolerância que altera o sistema nervoso, muda algo. Quais os efeitos de cada uma? Como o crack deixa, o que ele faz?

T. Rapaz, no modo que eu usava né... você fica ... estatalado, você fica parado, fica de boa praticamente. E a maconha...você...dá sono, dá fome, você também fica tranquilo. Mas eu acho que assim os efeitos são diferentes.

P. Tu acha que o crack a pessoa fica parada?

T. Acho que o crack você fica mais (/)

J. Assustado né

T.É assustado, mais arregalado né...

P. Assustado, arregalado?

T. É, quanto mais você usa, mais você quer.

P. E a maconha?

T. A maconha nem tanto né.

Fonte: a autora, 2020.

A dinamicidade entre as posições, precisar de ajuda para lidar com questões referentes a drogas e não precisar, mostrou-se tão intensa, que ainda na roda 1, a mesma do trecho do quadro 2, quando conversamos sobre prejuízos financeiros relacionados a drogas, Tito chega a lamentar certos prejuízos financeiros, por conta de dependência, que ameaçaram o sustento da família. Questionado como se sentiu sobre isso, ele admitiu: “Meio ruim né, o vício falou mais alto, mas... pra família a gente não vai dizer né, que queira que não queira, a família não gosta né, não se agrada, ninguém come, fazer o quê. Já tive muito problema (...)”.

Assim, já no primeiro encontro (roda 1 e entrevista 1), foi possível observar mais de uma troca de posições do eu. Iniciando pela posição do eu de quem precisa de ajuda, alternando para a posição de quem não precisa e depois, retornando à posição do eu expressa inicialmente, quando, no diálogo deflagrado, entra em um *nó dialógico*, reconhecendo que “o vício falou mais alto, mas ...”. O termo ‘mas’ e a pausa em seguida demarcaram essa tensão entre as posições do eu que ora admite precisar de ajuda, ora não quer expor ao outro essa condição.

Ao verificar o quadro 3, é possível interpretar que Tito teve expectativa sobre a pesquisadora, como uma representante do judiciário que pudesse tirar suas dúvidas a respeito de suas lidas judiciais, não apenas em relação ao processo sobre drogas, mas também outros possíveis conflitos com judicialização iminente.

Quadro 3. TTE inicial com Tito

T. (...) *Inclusive eu ia até perguntar a senhora depois sobre um negócio, eu tou com uma bronca aí.*

P. *Que foi?*

T. *É, veja só, é a mãe da mais nova. É assim, quando eu trabalhava num restaurante, não era carteira assinada. Passei bem acho que dois mês, que eu fiz treinamento aí aconteceu isso aí, fechou esse restaurante. E esses dois meses e antes que eu sempre trabalhava com meu pai, fazia umas oia, sempre mandava né, não era muito, mas sempre mandava 100, 50, 100, 50. Por que também não só tinha ela, entendeu? Mas assim eu era casado tudinho, aí a liberdade que eu dava a ela era de sempre pular a cerca e ficar com ela, hoje em dia parei, mas logo no começo eu fazia essas coisas né de pular a cerca e ficar com ela. Sendo que beleza, se passou um tempo, eu sempre mandava. Aí agora eu acho que ela tá vendo que eu não quero nada com ela, eu creio que seja isso, aí agora ela fica, tudo dela quando a gente fala, é pra botar a menina no meio, entendeu? É botar a menina no meio e tal, mas aí como eu era casado e pulava a cerca pra ficar com ela e tal, ela engravidou entendeu? Se passou-se um tempo, ela dizendo que era meu, que era meu, sendo que daí ne, pooxa eu só ficava com ela, tá entendendo e ela ficava... eu ia tinha relação com ela tudinho e ela convivia na casa dela, sendo que eu não sabia com quem ela ficava se... aí fiquei naquela tal tal aí a menina nasceu tudinho aí minha avó achou parecida com a minha outra filha, aí conversou eu e minha avó, se acertou, ela mandou registrar, eu registrei a menina. Mas não tenho aquela certeza. Minha avó diz que ela se parece com minha filha tudinho, mas eu não tenho aquela certeza né. Aí beleza eu registrei, aí de uns tempos pra cá eu venho mandando assim como eu posso né. Aí agora aconteceu esse acidente, eu tou assim, não tou trabalhando, não tou recebendo auxílio, quando eu receber auxílio né que eu mando pra uma, que eu mando pra outra, fora a que tá comigo em casa né, que a que eu gosto mais. E ela agora com o lenga lenga dela agora quer dizendo que vai pra Justiça, que vai me botar na Justiça. Aí a senhora acha o que, que se ela botar na Justiça?*

(...)

T. *Aí a senhora acha o que? Que a Justiça manda a pessoa fazer? Eles encaminham pra fazer DNA?*

Fonte: a autora, 2020.

Assim, a posição de quem demanda ajuda prevalecia, mobilizada por questões diversas. A situação do braço e a impossibilidade de acesso ao acompanhamento fisioterapêutico geravam dúvidas sobre seu prognóstico que também eram lançadas sobre a psicóloga pesquisadora, posta na posição de quem atende. E mesmo que eu tentasse esclarecer os limites da profissão, que ele terminava compreendendo, eu era o olhar que ele estava recebendo do Estado naquele momento tão delicado. Em outro momento, quando ele detalhava a situação de flagrante que culminou no processo judicial, parecia que o seu relato estava sendo endereçado ao juiz, detalhando sua versão da história, em oposição ao depoimento de policiais. Foi preciso novamente expressar a delimitação da atuação quanto psicóloga naquele setor e aí ele acabou

explicando: “Eu sei, vocês são de outro setor né. Eu tou conversando com a senhora porque sempre gosto pra desabafar mesmo...” (TTE6 COM TITO, 2020).

Ainda que Tito não fosse “doido da cabeça”, como falou na roda 1, todavia, no final da pesquisa, ele percebeu que o programa “ilumina a cabeça”. Na penúltima entrevista individual, ele pediu para continuar sendo *atendido* pela Justiça: “Oh Doutora, assim, a Justiça, eles não indicam a pessoa trabalhar em algum canto, não, tal, alguma coisa? (...) É, porque fico fazendo nada e querendo ocupar a mente. (...) Até um curso, até um curso, pra ocupar a mente. Chego em casa, não faço nada.” (TTE 7 COM TITO, 2020).

Normalmente é possível, ao menos, encaminhamentos para cursos ofertados na rede pública. Mas, naquele momento atípico, com tantos serviços suspensos, até isso estava bastante difícil. Porém, ali, percebemos que diante das tensões entre as posições emergentes nas interações comigo quanto psicóloga do CJT e pesquisadora, sobreveio o significado de si de um sujeito que começava a reclamar seu papel na sociedade.

Em seu percurso no programa CJT, esse participante solicitou intermediação para acesso à fisioterapia, instrução para exame de DNA gratuitamente, informação sobre pensão alimentícia e judicialização, interferência com juiz para relatar sua versão no processo, encaminhamento para emprego e cursos. Tantas solicitações, um significado, a tentativa de repetir o padrão de interação já tão conhecido, a insistência na continuidade da trajetória (MARKOVÁ, 2016) trilhada a partir da posição estável de um eu que demanda às mãos do outro a sua vida, como veremos de maneira mais nítida em subtópico posterior.

Dessa maneira, Tito manteve um posicionamento ambíguo, alternando entre essas opostas posições, conforme suas intenções. Para requerer apoio nas resoluções de suas pendências, a posição do eu que precisa de ajuda era acionada. Quando o intuito era evitar confrontos e questionamentos, ficava operante a posição de quem não precisava de ajuda. Essas polaridades caracterizam a tensão dialógica em que ele se encontrava e também indicam os prováveis diálogos internos do sujeito (GILLESPIE et al., 2007), naquele momento.

No decorrer das atividades, Tito ficou mais envolvido com o programa, motivado com as temáticas das rodas de conversa, chegou até a relatar que estava despertando mais cedo nos dias de frequentar o CJT. Disse que acordava cedo e ficava esperando dar a hora.

Alguns elementos parecem ter favorecido a emergência do novo (SIMÃO, 2010). A postura de definir as possibilidades e limites de minha posição na relação com Tito, podem ter deflagrado uma resposta do participante, acionando seu desenvolvimento de autonomia, de busca por si e por apreciações de opções disponíveis no entorno social. Porém, a respeito disso, o participante atuava, dinamicamente, por diferentes vozes:

Tou pensando em ficar bom desse braço né, porque eu sei que nenhum trabalho você trabalha com uma mão só, a não ser assim, você mexer no computador tal [aponta para o computador na sala], porque pra todas as coisas você precisa dos dois braços né (TTE 4 COM TITO, 2020).

Nesse trecho é como se a voz de Tito tivesse respondendo à voz da psicóloga pesquisadora, que lhe incentivava na busca de autonomia pelo trabalho, denunciando que essa trabalhava apenas com a voz, tinha um computador na mesa de sua sala e que não sabia o que é precisar realmente dos dois braços para trabalhar.

Mas, as temáticas trabalhadas no programa parecem ser assimiladas e, algumas vezes, incorporadas às suas reflexões. Sendo possível observar ocorrências em que as vozes do participante e a da pesquisadora se interpenetram. Na entrevista que ocorreu após a roda 6, por exemplo, quando falamos que “a exemplo da águia, certas ações na vida dependem prioritariamente do próprio sujeito, que precisa apropriar-se da própria vida, que por mais que outros ajudem, quem mais pode fazer por você é você mesmo...”, Tito chega à compreensão “Ela tava ficando velha e ela mesma se ajeitou né, entendi”, parece aderir a essa promoção de autonomia e no momento B do mesmo encontro expressa: “Aí você tem que procurar mudar. Por que se você não procurar mudar quem vai quem que vai mudar? Quem pode fazer isso? Entendeu? É difícil, não é fácil não. Mas também não é impossível” (TTE 6 COM TITO, 2020).

Diante das tensões entre as posições descritas, emanam significados de si referentes a um eu que precisa mudar a si, ‘ajeitar’ a si mesmo e reclamar seu papel no meio social. Assim, mesmo diante de limitações físicas, nos encontros posteriores (7 e 8), foi possível continuar a observar indícios de que, a partir dos significados de si construídos, ele começava a trilhar uma trajetória para se reposicionar no meio e com o outro. De maneira que esse sentido acabou reverberando em construções em andamento com outros internalizados como a sua avó.

Quadro 4. Possíveis diálogos internos baseados nas falas que marcaram as posições do eu atuantes na tríade Tito – Psicóloga pesquisadora – Mundo

POSIÇÃO DO EU DE REQUERER AJUDA	POSIÇÃO DO EU DE DISPENSAR DE AJUDA	SIGNIFICADOS DE SI CONTRUÍDOS
O que for pra me ajudar eu faço e tá me ajudando. Acordo cedo e fico esperando dar a hora de vir para conversar. Gosto de desabafar.	Mas eu poderia alegar isso [braço paralisado] e não participar daqui.	“Ela tava ficando velha e ela mesma se ajeitou né, entendi” “Aí você tem que procurar mudar. Por que se você não procurar mudar quem vai quem que vai mudar? Quem pode fazer isso? Entendeu? É difícil, não é fácil não. Mas também não é impossível”
Meio ruim né, o vício falou mais alto.	Mas... pra família a gente não vai dizer né, que queira que não queira, a família não gosta né, não se agrada, ninguém come, fazer o quê.	
Já tive muitos prejuízos financeiros por conta de droga.	Muita gente usa droga, mas não sabe usar. Eu sei, eu conheço as estratégias.	Eu preciso mudar a mim, ‘ajeitar’ a mim mesmo e reclamar meu papel no meio social.
Conversar aqui me fez iluminar a cabeça	Não sou doido da cabeça	

Fonte: a autora, 2020.

b) Com a avó paterna

Na interação Tito-avó foram evidenciadas, também, as posições do eu de, ora requerer ajuda, ora dispensar ajuda. Essas posições foram apoiadas por diferentes vozes do eu que interagem, de maneira que uma voz parecia diminuir ou silenciar a outra, conforme o momento do sujeito, sua proximidade dessas vozes e suas intenções.

De acordo com as reconstruções pela rememoração, um dos primeiros sentidos da avó paterna para Tito foi o de ser/proporcionar um ambiente bom e capaz de lhe conter, para onde a mãe o teria jogado:

Eu achava ruim porque eu achava que minha mãe tinha me jogado pra ela. Mas depois que eu fui ficando grande mesmo, aí minha avó me contou como foi. Que ela não me deu, mas assim, ela não tinha condições de me dar uma vida melhor que minha avó e meu avô podiam me dar. Aí viu que eu tava em boas mão aí deixou ela me criar, sabia que eu tava em boas mãos, no momento (TTE 2 COM TITI, 2020).

Nesse sentido, a interação foi construída baseada no suporte da avó ao neto, que com um tempo passou a reconhecer os privilégios e o compromisso que essa relação demandava:

É, assim, minha avó me dava muitos conselhos. Eu tive “X” irmãos, desses “X” irmãos, quem teve berço de ouro fui eu. De estudar num colégio pago, de ter as coisas, nunca faltar. Que quem me criava era minha avó e meu avô e eles tinham condição, me davam tudo do bom e do melhor, aí eu nunca quis assim, era o que minha avó mais queria, era que eu estudasse, terminasse os estudos pra ser alguém na vida. Mas como eu disse a senhora, a pessoa adolescente, flor da idade, amizade e tal, aí não fui por ela. Hoje em dia eu me arrependo (TTE 5 COM TITO, 2020).

A avó paterna era significada como um ambiente capaz de lhe suprir e de lhe atender individual e prioritariamente, como nem seu pai por ela foi. O que, conforme o participante, pode até ter gerado certo ressentimento em seu genitor:

Meu pai nunca foi próximo a mim não. (...) e se eu disser a senhora que ele tem... um pouco de ciúmes de mim? Porque a minha avó me criou e não criou ele. Mas assim, ele é meu pai e me ama tudinho. Mas eu sinto que ele sente porque minha avó faz mais por mim do que por ele que é filho. Aí ele... é meio assim (...) Quando vovó faz alguma coisa pra mim, aí ele diz ‘É, tá certo, quem sabe é a senhora, é seu neto, tudinho’, ele nem diz assim ‘é meu filho e tal’. ‘É a senhora é que sabe, a senhora já fez já, é seu neto tal’. Pelas palavras que ele fala, eu vejo que... entendeu? Se ele fosse meu pai e não tivesse ciúmes ele diria: ‘Não, Mainha, faça por ele! ... tudinho, isso e aquilo outro’. Mas a gente se dá bem e também assim... ele bebia muito aí quando ele tava aqui, ele aperreava muito a minha avó... (TTE 6 COM TITO, 2020).

Essa caracterização do pai que aperreia a avó é similar à outra que ele faz sobre o avô:

Meu vô mesmo, ele me mandava comprar cigarro pra ele, ele se acordava de 6 horas da manhã, aí sentava na cadeira e eu comprava duas carteiras de cigarro, aperreava a minha avó e ficava tremendo, chega ele tremia mesmo, tremendo mesmo com sistema nervoso aí tome café, fumava 10 cigarros de manhã logo cedo, aí ficava calmo, todo o dia, todo o dia (TTR 1, TITO, 2020).

As figuras masculinas mais importantes para Tito eram o avô e o pai. Os dois foram descritos, em momentos diferentes, como alguém que, por conta de vícios, aperreava muito a avó. Manter vícios e aperrear a avó foi significado como algo comum ao ser homem. Ao mesmo tempo em que a avó, que foi o ambiente seguro onde ele foi “jogado” e aonde ele ainda recorria nas demandas mais recentes, foi apontada por ele como um potencial gatilho para o uso abusivo de drogas: “(...) a coroa do cara falando, tal as coisas, tudo isso estressa né, pra o cara não fazer besteira, gosta de usar pra ficar tranquilo e...” (TTR 1, TITO, 2020). Observemos o quadro a seguir:

Quadro 5. TTR1

P. Vocês lembram que situações de vida fizeram usar maconha? Que momento começaram a usar mais? Por que foi? Que situações da vida deixou mais com vontade de usar maconha?

T. As preocupações mesmo da vida.

P. Que preocupações foram essas?

T. Briga de irmão, a coroa do cara falando, tal as coisas, tudo isso estressa né, pra o cara não fazer besteira, gosta de usar pra ficar tranquilo e...

P. Que que tua coroa te fala que te deixa estressado?

T. Falava demais né assim do mundo, tudo, agora mais não porque eu já tou de maior, já sei o que faço da vida, agora quando eu era de menor, ela embaçava muito, quando eu saía pra brega, entendeu? Essas coisa (...)

P. E como foi que tu começasse a pensar sobre experimentar cigarro, maconha?

T. Negócio de amizade né, querer descobrir como era.

P. Tu tava com amigos?

T. Com amigos não, foi com um amigo meu só. A primeira vez eu lembro que eu dormi que só, tava numa rua assim. Meu colega tava usando, eu perguntei a ele qual era a sensação, ele disse aí eu fui e experimentei.

Fonte: a autora, 2020.

Mesmo quase adolescente, a experiência de passar um simples fim de semana com a mãe era difícil:

(...) eu não consegui me acostumar por que... assim na casa da minha avó eu era só, entendeu? Sempre na casa da minha avó eu tinha as minhas coisas, minha toalha, meu sabonete, bem as coisas... e lá era diferente, era pra todos” (TTE 2 COM TITO, 2020).

De ambiente capaz de lhe suprir e de lhe atender, a avó, foi sendo significada como aquela a quem recorrer para resolver suas broncas, limpar seus erros:

Eu me lembro de uma vez a gente brigando, guerra não, brincando, quando a gente era adolescente mesmo, brincando de guerra de barro. Tome guerra de barro aí pegou na casa da mulher, melou a janela dela novinha que ela tinha comprado, a porta. Isso na rua bem estreitinha. Isso foi o maior rolo. Aí foram dizer à minha família. Mas não pôde fazer nada, eu adolescente, aí foi dizer à minha mãe, à minha avó no caso: ‘seu neto é uma boa pessoa, mas tava brincando com os meninos aí, fez isso e aquilo outro, melou minha casa novinha.’ ‘Não se aperreie não, eu vou mandar a menina lá limpar’ (...) (TTE 7 COM TITO, 2020).

No período da pesquisa, quando Tito já não morava mais com a avó, ele continuava direcionando a ela o suporte para suas demandas: a busca pela fisioterapeuta, as tentativas de contato com o hospital para informações sobre o a volta do funcionamento do serviço, o contato e resoluções com a advogada, a procura pelos documentos para voltar a estudar...

Após o acidente, alugou, juntamente com a esposa, uma casa perto da avó para facilitar o recebimento de cuidados por essa, também acreditava que morando lá, onde tem uma grande feira, seria mais fácil ter acesso a trabalho, pois a avó conhecia muitas pessoas na localidade.

Mesmo podendo ser estressora, a avó continuava sendo base de suprimentos e a ela eram demandados serviços e também decisões. Quando Tito se encontrava no dilema entre registrar ou não a filha mais nova, com dúvidas sobre a paternidade, entregou à avó esse poder de decisão:

(...) alternativa da minha avó que pediu a mim, dizendo que se parecia com a outra tal tudinho aí (...). Mas não tenho aquela certeza. Minha avó diz que ela se parece com minha filha tudinho, mas eu não tenho aquela certeza né. Aí beleza eu registrei (TTE INICIAL COM TITO, 2020).

Observamos, assim, certa ambiguidade na interação com a avó, com quem ele se via protegido e estressado. Tudo isso, na impressão dele, seria resolvido quando ele ficasse de maior. Ao lembrar a avó estressora, ele comentou:

Falava demais né assim do mundo, tudo, agora mais não porque eu já tou de maior, já sei o que faço da vida, agora quando eu era de menor, ela embaçava muito, quando eu

saia pra brega, entendeu? Essas coisa (...) eu era de maior e quando saia tinha que dar satisfação à minha avó. Aí eu sempre pensava assim ‘casar logo e sair de casa’. Eu tinha 13 pra 14 anos. Ela tinha uns 17 anos (TTR 1, TITO, 2020).

Nessa transcrição é percebido que Tito reclamava por ter que dar satisfação à avó, mesmo já sendo de maior, mas, na continuação da fala, ele revelou que só tinha entre 13 e 14, quando para fugir do falatório de sua avó, decidiu sair logo de casa. Entre o desejo e o sentimento de ser de maior, Tito se mobilizou a morar junto com a namorada ainda com 14 anos. Assim, a saída precoce fez a tão sonhada independência ficar fragilizada, na alternância entre as posições do eu que ora dispensa o outro, ora requer ajuda do outro: “Rapaz, eu posso dizer que sempre quem teve comigo foi minha avó né, em tudo, em termo de tudo. Até hoje ela tá sempre me ajudando” (TTE 4 COM TITO, 2020).

No período da pesquisa, Tito estava lidando com as limitações físicas causadas pelo acidente e ainda outras questões que ele percebia como limitadoras de suas possibilidades de trabalho: o corpo “riscado”, “manchado” e a falta de escolaridade. Refletindo sobre isso, percebia o quanto sua avó já lhe antecipava essa situação:

Quando eu fiz essas tatuagens eu era de menor, não tinha...estabilidade... e assim eu acho que eu ainda não previa o futuro. Mas, assim, minha avó sempre dizia a mim, entendeu? Que ia me manchar tudo. ‘Não, que nada minha senhora. Ah eu gosto, acho bonito e dane-se quem falar, tal.’ Entendeu? Mas assim, chega um tempo, como eu disse a senhora, você tem uma família, aí sai de casa, vai morar junto, aí tem um filho, dois, essas coisas né, e com certa estabilidade, a pessoa vai vendo né, que daí a pessoa quer arrumar um trabalho (...) Ela fez ‘meu filho, beleza que ninguém lhe sustenta aqui. Mas, quem lhe ver vai pensar.’ Eu disse: ‘Deixe pensar, minha senhora!’. Ela fez ‘Mas, meu filho, vai complicar pra você arrumar um trabalho’ (TTE 5 COM TITO, 2020).

Escutamos que as vozes do sujeito que ansiava ficar de maior, no intuito de não dar satisfação da própria vida, de ter a liberdade de seu corpo para consumir e nele imprimir o que bem quisesse, deram as formas iniciais e apoiaram a posição do eu que dispensa ajuda. Uma posição fortalecida na adolescência, quando a criação de oposições serve ao processo de diferenciação e estabelecimento quanto sujeito (RIBEIRO; RIBEIRO, 1995) que reclama sua autonomia e diferenciação nas suas relações (COSTA; LYRA, 2002). Além disso, esse sujeito observava o ser homem de seu pai e de seu avô, cujas posturas de dependência química, faziam oposição à voz da avó.

Esses eventos característicos de sua adolescência, refletiam a diminuição da voz da avó em Tito com a simultânea potencialização das vozes de amigas e da voz do eu que quer ser de maior. O conflito, no self dialógico, entre a voz da avó e a voz do eu independente de Tito ficou nítido nessa narração: “eu nunca quis assim, era o que minha avó mais queria, era que eu estudasse, terminasse os estudos pra ser alguém na vida (...)”. A continuação da frase situa o nó

dialógico dessa questão: “(...)”, mas como eu disse a senhora, a pessoa adolescente, flor da idade, amizade e tal, aí não fui por ela”.

A voz do eu que anseia pela independência reage à voz do outro (avó) que lhe quer conter e controlar, de maneira a desestabilizar a posição do eu de requerer ajuda, aquela pela qual ele atua não arcando com as consequências, pois é novo e há um outro que vai limpar, decidir e resolver. Houve, então, nessa fase de adolescência, o fortalecimento da posição de dispensar ajuda. Sendo, assim, mobilizada a trajetória na intenção de sair da jurisdição da avó, que culmina na saída de Tito de casa ainda aos 14 anos e no envolvimento problemático com drogas.

A troca na prevalência dessas posições do eu só vai ocorrer mais tarde, aos 21 anos, quando o participante sofreu o acidente que o levou a mudar-se para perto da casa da avó. Chegou até a constatar: “passei bem dizer uns 28 dias internado. Não foi um amigo meu me ver lá. E essas coisas que você toca na cabeça” (TTR 6, TITO, 2020). Considerando que a rememoração ocorre na borda da interação entre exterior e interior (VALSINER, 2012), essa reformulação da experiência passada de Tito, naquele momento, ocorria no intuito de favorecer sua adaptação ao estado atual e externo de limitação que lhe impedia de estar com aquele grupo de antes, participando das atividades de interesse possíveis antes. E também objetivava a um reforço na sua nova posição interna do eu que afirma desinteresse pelas antigas amizades. Assim, nessa fala observamos a orientação de um novo cronotopo atuante, possibilitando outros fluxos nas dinâmicas espaçotemporais dialógicas (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020).

Bartlett (1932) observou que “a lembrança é principalmente uma questão de interesse” (p. 256). De acordo com esse autor, o meio social em que o sujeito está inserido influencia o como e o que é rememorado. Logo, diante das mudanças no seu meio, a rememoração citada, e outras mais, ocorreram no interesse de adaptação às necessidades atuais. Sendo, então, também verificadas transformações nas interações com os outros e na percepção do meio.

Afinal, outras alterações estavam acontecendo em seu meio: mudou-se de bairro para facilitar o recebimento de cuidados pela avó; as atividades de interesse, além das saídas e festas, ficaram impossibilitadas pela condição física; mudanças associadas ao contexto pandêmico provocaram a descontinuidade do suporte financeiro provido pela avó. Todo esse contexto era favorável para um silenciamento nas vozes dos amigos e potencialização da voz da avó, que foi sendo resgatada, com destaque, nas rememorações no decorrer do programa.

Tito estava vivendo em outro tempo e local, e um novo gênero de experiência e de comunicação com o meio precisava ser ativado (MARKOVÁ; NOVAES, 2020). Com o transcorrer das atividades no CJT, o tema escola tão relevante na interação com sua avó, foi sofrendo modificações. Na entrevista inicial, ele falou que deixou de estudar por necessidade

de trabalhar. Uma decisão que ele expressava de maneira que parecia ter sido bem pensada e não demonstrava disposição para, naquele primeiro momento, refletir sobre. Depois, na entrevista 3, começou a assumir que realmente houve desinteresse pela escola, disse que “relaxou com a escola” para “tá na rua, achava chato estudar”, lembrou: “quando eu não queria ir pra escola, (...), ela sempre me deixava de castigo”. Já perto do final do programa, as reflexões foram ampliando:

Eu queria ter ido certo, pelo certo. Eu era adolescente, era cabeça dura, não queria. Mas minha avó sempre dizia: ‘Meu filho, você vai se arrepender um dia. Siga os conselhos de sua avó. que eu tenho experiência de vida. Eu já tenho essa idade e eu já sei como é que é’. Primeiro que não concordava com tatuagem, que ela disse a mim. Eu disse: ‘Vovó, eu faço não é por nada não, é porque eu gosto’. Ela disse: ‘Eu sei, meu filho, mas hoje em dia, tatuagem é tão recriminado, não faça’. Eu meti a cara e fiz. Aí a mesma coisa é outra coisa, estudar, ela dava em mim pra eu ir pra escola, eu dizia que ia, ia pra outro canto. Entendeu? Aí essas coisas, se eu fosse por ela... hoje em dia eu me arrependo muito. Como ela dizia ‘Olhe, um dia, você vai se arrepender’. Foi certo, hoje em dia eu me arrependo. Porque se eu fosse por ela, hoje em dia eu não vivia... (TTE 7 COM TITO, 2020).

As mudanças nas apreciações de Tito sobre as próprias experiências, naquele momento, o direcionavam a lamentar, ao se dar conta, através de memórias de vivências com sua avó, de que havia outras possíveis trajetórias em sua vida:

Quando minha avó tinha condição e meu avô era vivo, eu não aproveitava os estudos, porque eles pagavam pra mim e eu não queria nada. Se fosse hoje em dia eu queria até mais porque assim, a minha cabeça hoje em dia é outra. Aí eu ia focar né, nos meus estudos. Porque tem muita gente aí que estuda em colégio tal, quer crescer na vida e cresce, velho. E eu tinha aquela boa posição, de estudar, de me ocupar com os cursos, de eu viajar, tal, tudinho e eu não queria nada com a vida, eu não queria. Entendeu? Mas aí hoje, quando as coisas mudou tudinho, hoje eu mudei, mas hoje em dia eu não tenho as oportunidades que eu tive antes (TTE 6 COM TITO, 2020).

O sentimento de não aproveitamento das condições ofertadas pela avó, juntamente com as perdas dessas condições, de maneira mais agravada diante da vivência de crise financeira acentuada na pandemia, mobilizara, no sujeito, reflexões e construções de trajetórias não vividas, mas imaginadas:

Eu não tinha essa noção de hoje em dia. Que eu acho que todo adolescente acha ‘Que nada!’. Pensa que a vida nunca vai passar, que só vai viver aquele momento. Mas você... vai chegar um dia... eu tinha 14, 15 anos, bem dizer ontem. Eu dizia: ‘Ah, daqui a quando eu tiver com 23 eu penso na vida e arrumar um trabalho, ter uma família...’. Mas do nada veio isso, eu fiz 20, 21. Tou com 21 anos já. Fez isso, se passou tão rápido e a pessoa menos espera. Aí você tem que ter... ou segue naquele caminho, ou você muda né. Pra viver a vida né. Se não, não vive. (...). Eu sinto falta de ter aproveitado a minha vida como deveria ter aproveitado para hoje em dia eu está bem de vida. Tipo, ter estudado, ter ido pela minha avó e ter estudado. Hoje em dia eu tava o quê, nessa idade eu já tinha terminado meus estudos, já tinha meu emprego bom, eu tava ali, sentado, só escrevendo, no computador, eu tava com meu carro. Eu gosto de carro, na verdade eu tive esse acidente de moto, mas eu gosto de carro. Não gosto de moto não. A condição é que, eu tinha pouco, aí foi quando comprei a moto, mas eu sempre gostei de carro. E se eu tivesse ido pela minha avó, tivesse num trabalho bom, teria financiado era um carro pra mim. Não tinha acontecido isso. Porque a gente com um carro, a pessoa se arrisca menos (TTE 6 COM TITO, 2020).

Assim, a rememoração de diálogos e vivências com a avó, a apreciação da sua situação atual e a do mundo ao seu redor orientada pelo cronotopo atuante do contexto pandêmico, fomentaram a construção do significado de si como sendo um adolescente que desperdiçou as oportunidades ofertadas antes e em atual escassez. O sujeito sentia, então, a necessidade de um novo significado a emergir, o de um homem pai de família que aproveita a si mesmo e usufrui as suas possibilidades, considerando o meio ao redor.

Quadro 6. Heterodiálogos que marcam as posições do eu na tríade Tito – Avó – Mundo

VOZ DO OUTRO INTERNALIZADO, A AVÓ	VOZ DO EU QUE QUER SER INDEPENDENTE	PROCESSO DIALÓGICO INTERNO DO EU
Estude, termine os estudos e seja alguém na vida.	Mas, sou adolescente, na flor da idade, tenho minhas amizades e festas. Tenho muito para conhecer. Depois penso nisso. Que nada! Sou novo ainda. Quero viver o momento.	POSIÇÃO DO EU DE REQUERER AJUDA X POSIÇÃO DO EU DE DISPENSAR AJUDA =
Tenho bons conselhos para você, dou tudo de bom e do melhor e só para você.	A coroa fala demais e estressa. Tou já fazendo besteira. Vou fumar para ficar tranquilo. Ela embaça quando eu saio. Vou sair logo de casa para viver a independência da maioridade.	TENSÃO DIALÓGICA (O tempo passou, não sou mais adolescente, sou pai de família e preciso ser provedor da casa. Mas para isso preciso de um outro que me dê oportunidade). SIGNIFICADOS DE SI CONTRUÍDOS
A tatuagem vai lhe manchar. Não pensar mal de você.	Ninguém me sustenta aqui. Deixe pensar. Tou nem aí.	
Um dia você vai se arrepender.	Esse dia chegou. O tempo passou rápido. Hoje em dia eu me arrependo.	<ul style="list-style-type: none"> • Adolescente desperdiçador de oportunidades. • Pai de família USUFRUIDOR de possibilidades.

Fonte: a autora, 2020.

c) Com... Eu, eu mesmo e meu indissociável corpo

Com o restaurante fechado por conta da pandemia, Tito passou a trabalhar como motoqueiro não habilitado e sofreu um acidente com sequelas funcionais em seu braço e mão. O mesmo contexto pandêmico afetou financeiramente os negócios de sua avó que, conseqüentemente, diminuiu o suporte financeiro ao neto. Essas ocorrências e também as incertezas daquele momento parecem ter favorecido a identificação de uma nova avenida de significado dirigido ao aproveitamento da vida, sendo também ressignificado o próprio sentido de aproveitar a vida. Isso ocorreu como resultado de uma alteração no cronotopo em que

emergiu um novo ‘gênero epistêmico dialógico’ (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020), que orientou as significações e valores em um dado contexto:

Como a turma vem dizendo mesmo que isso aí é o fim do mundo, ninguém sabe. Ninguém sabe, se é isso mesmo, se não é. Uns dizem que sim, outros dizem que não. Mas dizem que tá na Bíblia escrito, que ia acontecer um negócio e ninguém sabia o que era. Aí aconteceu esse negócio, esse vírus, que praticamente foi no mundo todo. Impossível né (...) aí essas coisas faz você pensar na vida e ver que você tá por aí no mundo, fazendo as coisas que não é pra fazer. Aí você tem que procurar mudar. Por que se você não procurar mudar quem vai quem vai mudar? Quem pode fazer isso? Entendeu? É difícil, não é fácil não. Mas também não é impossível. Aí hoje em dia eu já penso mais diferente. Quero viver a minha vida, arrumar um trabalho. Aproveitaria melhor a minha vida (TTE 7 COM TITO, 2020).

Nesse trecho, observamos um eco, no qual o sujeito traz para o diálogo uma fala que pode ser advinda de um discurso de sua comunidade religiosa, da qual ele participava não assiduamente. Percebemos também o acionamento do mito do caos pelo contexto pandêmico, tão forte nas narrativas desenvolvidas que direcionam um jovem de 21 anos, sem doenças com prognóstico de morte iminente, numa ânsia por mover-se no caos, falar em “aproveitar a vida né, o restinho da vida tudinho” (TTE 7 COM TITO, 2020).

Embora tão atuante nessas produções de Tito, em nenhum momento, a pandemia por COVID-19 foi, de fato, nomeada, mas apenas referida, como se fosse algo poderoso, que amedronta até no nome e precisa ser distanciado ou algo realmente distante por desconhecimento, que não lhe faz sentido, é incompreensível. Os pronomes demonstrativos indicativos de distanciamento daquele que fala, empregados pelo sujeito para se referir à doença e ao vírus, “esse negócio”, “esse vírus”, “isso aí” também apoiam nossa interpretação. Vejamos outras referências: “Aí também não tou nem fazendo fisioterapia porque não abriu o ambulatório não por conta desse negócio. (...) Passei bem acho que dois mês, que eu fiz treinamento aí aconteceu isso aí, fechou esse restaurante” (TTE INICIAL COM TITO, 2020).

Assim, a COVID-19, aliás, ‘aquela cujo nome não pode ser dito’, imobilizou o braço, travou o acesso aos serviços de saúde e o apoio financeiro da avó, fechando as possibilidades conhecidas. “E agora com esse negócio que tão dizendo que vai voltar de novo, aí se tava pra abrir, agora não vai abrir nem tão cedo” (TTE 4 COM TITO, 2020). Novamente, a reação emocional à pandemia foi demonstrada na fala quando o sujeito ecoa o que ouve (seja por mídias sociais ou noticiários), mas expressando não estar, ele próprio, implicado nessa afirmação. No entanto, ele sentiu os desdobramentos do contexto pandêmico e buscou, de maneira penosa, por novas possibilidades:

Porque assim, certo tipo de trabalho, eu não tou podendo trabalhar por conta da minha mão. Ninguém trabalha de uma mão só. A fisioterapia no hospital ainda não tá atendendo e eu tenho até medo de começar a atender, porque você tando bom sem essas doenças aí vai pra fisioterapia, morre infectado. Mas fazer o quê né? (...) É fogo! Tá fogo! Eu tou a fim de arrumar alguma coisa pra fazer porque não dá não pra ficar

parado não. Imagine com filho. Se fosse um ainda era bom né (TTE 7 COM TITO, 2020).

Tito, ao refletir sobre sua condição física e também a de réu em processo, refere irritação consigo mesmo, que ele definiu como ‘invocado’ por dentro e com ele mesmo:

Dra., depois desse... acontecido, ultimamente eu... assim queria tá bom pra tá trabalhando, tá ganhando meu dinheiro, meu trocado né, mas por conta disso aqui, isso aqui é que me deixa... assim meio invocado por dentro por que eu não posso fazer nada. Minha rotina... a gente não sai final de semana, é o dia todinho em casa. (...) Eu fico invocado por dentro porque eu queria tá trabalhando, tá ganhando meu trocado, tá entendendo? Tá ajudando a mulher em casa, mas eu não tou trabalhando, ela é ajuda sozinha em casa né, (...) por conta de eu tou assim, mas o que eu queria mesmo era tá bom, pra tá... tá entendendo? Mas assim muita coisa eu não faço, um café não boto, um almoço eu não boto, entendeu? Isso aqui me prejudicou muito” (TTE INICIAL COM TITO, 2020).

Meu acidente que eu não gostei, foi um dos piores momentos da minha vida. Quando eu fui preso, também, pensei que ia cair ali naquele canto e ia sofrer que só... fiquei pensando, mas Deus sabe o que faz e... Pensei que ia ficar ali, que ia ficar preso. Mas soltei na audiência de custódia. Fiquei pensando em tanta coisa, como era e como ia ser, quanto tempo ia passar, como ia me soltar, ficava orando, pedindo a Deus que me protegesse. Ficava invocado comigo mesmo, que não era pra eu tá naquele lugar, tudinho, (...) Hoje em dia tatuagem é muito recriminado, quem ver e não conhece a pessoa, diz logo que é ladrão, que a pessoa, sei lá, é um ex presidiário, que é um... (TTE 4 COM TITO, 2020).

Invocado por dentro, consigo, e, de várias maneiras, também com seu corpo, que lhe parecia um peso a ser carregado:

É que esse braço ele não tá um braço, eu andando com ele, parece que eu tou carregando ele. Tá parecendo que tipo eu tou carregando um peso. Acho que é porque também eu tou começando a sentir ele agora. Ele é pesado, é como se eu tivesse carregando ele. Eu não consigo passar muito tempo em pé. Tenho que ficar movimentando, movimentando (TTR 6, TITO, 2020).

Um corpo que não estava sendo visto, ou que recebia um olhar que não contribuía mais com seus objetivos:

(...) quando eu fiz queria tá mostrando pra todo mundo tudinho, depois eu fui vendo que... eu fiz porque sempre gostei, eu só achava bonito e gostava, achava bonito em mim, pensava que era bom, nada demais. Hoje em dia eu sei que é muito recriminado e aí mesmo gostando eu não faria. Porque assim complica até pra trabalhar mesmo, você vai dar entrevista pra trabalho, vai fazer um negócio, o cara olha pra você, vê logo você assim, pensa logo que você tem o caramba, já matou, já roubou, fez isso e aquilo outro. Você vê, sente quando tem alguém olhando pra sua cara ou olhando você, seu corpo, de eu tá conversando com ele e notar que... tipo eu tou conversando com a senhora aqui e de tá olhando pra senhora, dos pés à cabeça, tá olhando pro seu corpo, o que a senhora tem e tal. Aí nem ligação eu recebia quando saía das entrevista. Aí pensar ‘pô o que me prejudica mesmo são essas tatuagens’. E eu a fim de trabalhar pra ganhar meu dinheiro suado (TTE 4 COM TITO, 2020).

É muito ruim. Eu disse a ela: ‘vó, a senhora quer, tá doida que eu comece a trabalhar logo. Sendo que não tem condições de eu trabalhar assim não. Ninguém quer uma pessoa com uma mão só não.’ Ela tá doida pra eu arrumar um trabalho, assim, pra eu ajudar em casa, tudinho, tal. Disse que também tá apertada, não vai poder ajudar por todo o tempo. Sendo que eu digo a ela: ‘vovó, não posso fazer nada. Eu vou fazer o quê? Ninguém quer um trabalhador com uma mão só não. Eu tenho a mão, mas não tenho força, então é mesmo que nada, você ter a mão mas não ter força nem pra apertar o negócio aí [aponta para o pote de álcool em gel que estava na mesa e ele havia pedido para eu apertar para que ele pudesse higienizar as mãos]. Eu não tenho força,

eu não aperto, tou mexendo devagarzinho agora, mas a força ... Cadê a força que eu não tenho? Aí eu digo a ela direto: ‘Vovó, pra eu começar a trabalhar, eu tenho que primeiro fazer aquela fisioterapia rocheda, que se for de eu voltar, eu vou voltar, também se não for de eu voltar, é andar né pra ver se eu fico recebendo alguma coisa, né, por mês, algum benefício.’ Mas lá onde eu moro é feira, tem de tudo, fruta, verdura, essas coisas, em x, ali. Aí até pensei de ir na Ceasa comprar fruta pra vender por lá. Mas até isso, você tem que ter a força de uma mão pra carregar carro de mão, pra pegar... levar as frutas. Até pra segurar uma sacola pra embalar, precisa das duas mãos, uma segura, a outra bota a fruta né. Entendeu? A minha bronca todinha é essa. O doutor lá, pronto, desde que eu fui operado, eu não fui visto por nenhum doutor, pra saber se minha mão vai voltar a mexer, se não vai, se eu vou ter força. Queria saber alguma coisa. Mas o Doutor lá só marcou... disse: ‘Oh só vai voltar a abrir o ambulatório em outubro e a gente já tá em novembro’. E não ligam, não falam nada, não pedem pra ver. Porque geralmente quando opera assim, fazem essas cirurgias, eles sempre tão vendo o braço da pessoa, tá mexendo, tá fazendo fisioterapia, mas não ligam (TTE 6 COM TITO, 2020).

Além das mudanças sofridas no corpo, por conta do acidente, Tito, ao iniciar sua busca por trabalho, precisou lidar com outros significados dados ao seu corpo tatuado. A então recente mudança nas suas teias de relacionamentos e grupos sociais alterou seu repertório cultural, direcionou o seu modo de pensar e também as reconstruções de suas memórias. O que, Wagoner e Gillespie (2014), caracteriza como sendo as convenções do meio atual atuando na rememoração, de maneira que os esquemas do passado são resgatados para o novo contexto.

Assim, as rememorações sobre as tatuagens foram desenvolvidas com ênfase nas antecipações da avó sobre os desdobramentos dessas marcas em sua vida, considerando sua atual adversidade, voltando sobre os próprios esquemas, com uma mudança de perspectiva, de maneira autorreflexiva (WAGONER; GILLESPIE, 2014). Afinal, os cronotopos criam significados valorativos (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020), orientam valores, sentimentos, rotinas e mudanças (MARKOVÁ; NOVAES, 2020).

Ferreira (2007), assumindo uma perspectiva etnográfica e sociocultural, descrevem o corpo em seu funcionamento como um operador social e, suas marcas, como modalidades de relações com a sociedade. Moreira, Teixeira e Nicolau (2010), ao abordarem, à luz da psicanálise, as tatuagens como inscrições corporais, relatam a relação que muitos teóricos fazem da tatuagem com o sentido de embelezamento. O que, de fato, foi referido por Tito ao tratar do assunto: “(...) quando eu fiz queria tá mostrando pra todo mundo tudinho, depois eu fui vendo que... eu fiz porque sempre gostei, eu só achava bonito e gostava, achava bonito em mim” (TTE 4 COM TITO, 2020).

A pausa e interrupção no fluxo inicial da fala do sujeito, acima transcrita, já demonstra o conflito de sentidos no self dialógico quanto às tatuagens em seu corpo, bonito e inconveniente. Pois, houve uma mudança na semântica de seu social e em seus significados pessoais. A importância dada ao significado de si como provedor de família ficou hierarquicamente acima

do significado de si como bonito e admirável para o grupo social de amigos(as) que já não lhe era mais tão importante.

Essa alteração na hierarquia de valores dados aos significados de si leva o sujeito a trilhar um percurso em que suas tatuagens podem ser significadas apontando para uma ética da dissidência, a qual “desafia a ética dominante que disciplina o corpo contemporâneo, e que valoriza a maleabilidade” (FERREIRA, 2007, p. 298). Esse significado foi acessado por Tito, em suas experiências de entrevistas para emprego, conforme já explicitado.

Moreira, Teixeira e Nicolau (2010), associam a apreensão de sentido do corpo às noções de tempo e de espaço, justificando que o corpo ocupa um lugar no espaço e no tempo, sendo, então, histórico e também individual. Elas caracterizam as tatuagens e outras inscrições corporais como “modos de subjetivação que respondem às circunstâncias sócio-históricas” (p.592).

As circunstâncias de Tito mudaram. Vale ressaltar que a abordagem dessa temática neste estudo não está relacionada a explorar o sentido das tatuagens. Mas, ao fato de que Tito aos 15 anos, atuando na posição de quem não precisava do outro e dispensava ajuda, iniciou esse processo de inscrições em seu corpo. Quando, então, não reconhecia que um dia um outro, que fosse significativo à consecução de seus planos, pudesse dar a essas marcas um sentido depreciativo. Até que se viu em um ponto de tensão entre sua cultura pessoal e a cultura coletiva que lhe cercava, o que lhe demandava uma reorganização (VALSINER, 2012). Pois, pode acontecer de alguns possíveis significados construídos socialmente serem aceitos em determinados momentos e contextos específicos, mas não em outros. Conforme o grupo social, há cronotopos divergentes que forjam significados diferentes para uma mesma ação.

Sobre isso, o próprio participante traz o exemplo de uma atriz que ele caracterizou como sendo “toda escamosa”. Ressentido com o social, ele refletiu: “é toda tatuada, mas ninguém ver né, ela deve ter né, ninguém ver mau pessoa nela, ela é bem de vida, bem dizer formada já”. Ou seja, Tito parece ter apreendido que para sentir-se bem e aceito com seu corpo, ele precisava ter dinheiro, precisava de estudo e posição social. Dessa maneira, ele assumiu uma posição do eu ao lado dos valores que a avó representava, mas, ao mesmo tempo, expressando sua criticidade sobre essa apreciação da realidade, buscando uma adaptação à mesma. Porém, internamente, está à parte dos padrões morais que se opõem às suas inscrições corporais.

Em meio às limitações e tensões que impulsionaram mudanças na sua forma de se relacionar com o meio, Tito seguiu construindo o significado de si como um pai de família que precisava aproveitar a vida e as oportunidades para poder ser, de fato, o provedor. A limitação do movimento no braço parece ter mobilizado o arrependimento pelo não investimento nos

estudos, o que, segundo ele, ampliaria seu leque de opções, mesmo diante de restrições físicas. Dessa interpretação pelo sujeito, outras reflexões foram sendo desenvolvidas. O desejo de retomar o estudo e “recuperar o tempo” foi aparecendo:

Tentar recuperar né, tentar voltar a estudar, pra ver se eu consigo alguma coisa né, nem que seja assim, vamos supor se eu pensar em ser advogado, tiver pensando em alguma coisa grande, que eu seja pelo menos a metade daquilo né. Eu tou pensando em voltar pra fazer um supletivo, pra mim ficar certo (TTE 5 COM TITO, 2020).

Só penso em arrumar um trabalho, é minha meta agora. Arrumar um trabalho que eu ganhe bem, cuidar da minha família, passear e curtir a vida. Porque a gente é novo, mas não sabe o dia de amanhã, que a gente tá novo, tudinho, mas pode atravessar uma pista dessa e morrer. Porque pra morrer, só basta tá vivo. E aí assim eu queria recuperar o tempo que eu não tive quando era adolescente (...). Porque eu virado quando eu era novo, muito novinho, aí ia por amizade, também influencia. Aí saia pros cantos. Aí hoje em dia eu tenho família, quero usufruir mais da minha família, me divertir com a minha família, meus filhos (TTE 6 COM TITO, 2020).

Se quando adolescente, Tito “sonhava em ser um cara grande na vida”, agora lidando com sua atual realidade, disse que iria buscar, “pelo menos a metade daquilo” (TTE 6 COM TITO, 2020). Apresentando, então, uma posição adaptativa, mediante seu contexto, ao mesmo tempo que demonstrava uma internalização de sentidos desenvolvidos no momento anterior (roda 6, quando jogamos tiro ao alvo e trabalhamos estratégias, alvos estimados e aproximados).

Com o transcorrer da pesquisa, as transformações nas interações com o meio dispararam uma perspectivação de futuros possíveis. A partir do meio em que estava inserido, percebeu a possibilidade atual de ser vendedor de frutas e uma conversa com o tio o fez enxergar a si como motorista de Uber, quando melhorasse os movimentos. Assim, o sujeito, a partir dos outros, viu novas formas de atuar no mundo ao redor (BOESCH, 1991) e, de fato deu início às etapas para concretude dessas opções. De maneira que as novas restrições e ofertas o encaminharam a outra avenida de significados dirigidos em que ele emergiu, ainda como o que precisava de ajuda, mas também como o que pode prover.

Com o decorrer das rodas de conversa, Tito rememorou suas trajetórias, pensando sobre os percursos que foram possíveis a ele, mas não foram trilhados e percebendo suas possibilidades atuais. No encontro 6, ao se imaginar como vendedor de frutas, ficou empancado ao tentar, antes sozinho em casa e depois novamente durante a entrevista, simular os movimentos nos braços que precisaria fazer para desempenhar a tal função. Depois, progredindo com os exercícios na mão, feitos em casa, por conta própria, chegou para o encontro 7 com uma nova perspectiva:

(...) tou pensando, se eu melhorar dessa mão né, eu não sei, como vai proceder, seja o que Deus quiser, Ele vai me curar, que todo dia eu oro e peço a Ele. Que eu já tou mais, movimento, só não tou com aquela força, esses aqui estica, esse não estica, ele é duro [*mostrando a flexibilidade e rigidez dos dedos*]. Tipo pra dirigir, você tirar um teste de habilitação, você tem que tá, aqui, oh, eu, mas o negócio é a mão, não consigo

apertar. Pra tirar habilitação você tem que tá com as mãos boas. Penso em tirar minha habilitação, alugar um carro e ficar rodando na Uber, que dá dinheiro. Não dá dinheiro se você for preguiçoso, não quiser rodar. Porque você tira os dias da semana. (...) Eu tenho um tio mesmo que ele é assim. Ele faz o quê, ele trabalha na Uber, aí ele tava me explicando tudinho como ele é, (...) Ele fez: ‘Oh, do jeito que eu vivo, eu agradeço a Deus. Eu comecei aqui, rodando na Uber, na humildade. Fiz os cartões, entreguei aos clientes. Tem os clientes que eu faço por fora, faço viagem’ (TER 7 COM TITO, 2020).

Logo, a rememoração do tempo que passou, a reflexão e percepção de que o mesmo é irreversível, fizeram emergir um sentimento de querer se firmar no significado de si como provedor, mobilizando o deslumbre de novas possibilidades.

(...) eu fui me deixando me levar que nem a música [*referência à música ‘Deixa a vida me levar’ trabalhada na roda 7*]. Fui deixando a vida me levar, ‘Ah, tou nem aí pra nada’. Usava droga aí ficava doído, ia... se deixava levar por amizade, ficava saindo por aí, o tempo foi se passando, se passando, foi passando tão rápido que num instante eu fui, tinha um ano em que passou-se quando eu tinha 15 pra 16 anos, que ia pros bregas e a turma me barrava e eu ‘meu irmão, tou a fim de ficar de maior, tal, tudinho’, lembro como se fosse hoje. Hoje em dia, tou com 21. Ano que vem agora faço 22. O tempo fez isso. E pra você fazer 30 é um estalar de dedos. Hoje meu sonho, meu sonho, doutora, é ter um trabalho digno e aos poucos levantar minha casinha (TTE 8 COM TITO, 2020).

Quadro 7. Eu, eu mesmo e meu indissociável corpo. Tensões e adaptações

EU INVOCADO	Tatuado		Acidentado	Desperdiçador	Usufruidor (ADAPTAÇÃO)	
	Significados de si construídos e imaginados	Bonito Admirável	Recriminado Julgado	Sem funcionalidade em um braço Negligenciado	Sem estudo	Trabalhador autônomo (Serei feirante e, melhorando, serei UBER)
Perspectivas	Gosto de me exibir	Obstáculo para emprego	Obstáculo para emprego	Obstáculo para emprego	Terei posição social Serei aceito socialmente	Mais oportunidades de trabalho

Fonte: a autora, 2020

6.1.2 Trajetórias de vida (re)construídas com Tito

Com base no conceito de ASD, Lyra, Valério e Wagoner (2018) defendem que as trajetórias de vidas são direcionadas rumo a uma meta a ser atingida, a qual é forjada conforme orientação da cultura coletiva. Assim, depreende-se que Tito, guiado pelos significados

produzidos em suas interações, diante do cronotopo vigente (especificado espaço-temporalmente e socialmente), trilhou avenidas de significados dirigidos que o encaminharam até uma relação problemática com as drogas. Depois vivenciou mudanças em suas interações, alterações no cronotopo atuante que culminaram em uma avenida de significado dirigido com novos significados de si e de suas vivências. Uma nova orientação que constituiu fator protetivo para a relação problemática com a droga.

Considerando o conceito de ASD, abordado no 3.6, focamos, até agora, nas interações de Tito com outros e nas trocas constantes com a cultura coletiva disponível em seu meio sociocultural. Demonstramos como os significados de si emergiram a partir de movimentos dinâmicos de interdependência entre a história pessoal do sujeito e as possibilidades disponíveis no ambiente sociocultural com os outros em que ele estava inserido. Confirmando, assim, que não se pode focar exclusivamente na dinâmica intrapessoal da pessoa no processo de construção de significados, mas precisamos estar atentos às interações com outros, de maneira situada a um tempo e espaço específicos, conforme a noção de cronotopo também já trazida no capítulo 3.

Os significados de si são dialógicos, foram dialogicamente construídos com outros internalizados ao longo de sua trajetória de vida, na qual muitas vozes foram evidenciadas: avó, avô, pai, irmão, amigos..., só que algumas tiveram mais poder ou influência do que outras, conforme as circunstâncias. Essa influência parece depender das intenções, das negociações de valores e significados dados aos diversos objetos, conforme o cronotopo atuante no espaço e tempo específicos.

A condição de quem precisa ser visto, ser ajudado, remontou a primeiros estágios com a avó, as “boas mãos” que o acolheu e supriu, quando a mãe não tinha condições. Na avó, o sujeito era único e priorizado. Com ela suas necessidades, pendências diversas, “brincas” eram resolvidas. No intuito de autopreservação, em suas primeiras interações com um outro, Tito aceitava com facilidade a posição de quem requer ajuda.

Entretanto, à medida que que vai crescendo, os significados de si construídos a partir de outras interações, com amigos, com o pai e também o avô, o direciona ao sentido de ser adolescente, ser homem independente, de maior. A posição do eu de requerer a avó e ser submetido a ela, não atendia mais plenamente aos seus objetivos. O que faz diminuir consideravelmente a voz de sua avó em seu self dialógico. Até que para romper, de fato, com o controle da voz da avó, ele sai de casa e começa a se envolver com drogas de maneira mais problemática.

Porém, a posição de homem independente nunca foi totalmente estabelecida, uma vez que Tito continuava dependendo financeiramente da avó. Além disso, com o acidente e a mudança para morar perto da avó, a posição de requerer ajuda novamente prevalecia, apesar de não mais contar com o apoio financeiro da matriarca. Logo, as mudanças, já relatadas, levaram o sujeito a adaptações, a alterações nas suas interações com os outros e com o meio. No entanto, foi possível observar certos padrões nessas interações e tendência a tentar repeti-los em diferentes situações.

Assim como a sua avó lhe supria em várias demandas, compensando uma mãe não capaz, Tito, na interação com a psicóloga pesquisadora, endereçava diversas demandas, diante de um Estado, ao menos naquele momento, incapaz de lhe ver, ouvir e atender.

Enquanto Tito, durante as atividades do programa CJT, refletia sobre sua situação, a voz de sua avó prevalecia em seus pensamentos, mediando sua reação adaptativa ao contexto atual. Sendo constatada a relevância da voz da avó ao longo do desenvolvimento do sujeito, justificando a escolha dessa interação para a análise.

O ponto de inflexão na trajetória de Tito ocorreu quando ele reorganiza seus valores e prioridades, posicionando o significado de si como provedor da família acima do adolescente amigo que percebeu já não ser mais. Renegou o adolescente desperdiçador de oportunidades e procedeu no intuito de se estabelecer como pai de família usufruidor de possibilidades.

Assim como defendido pela teoria do self dialógico, foi verificado que ao mudar o seu contexto, o indivíduo também mudou. No processo de inserção no social como responsável e provedor pai de família, foi alterada a configuração nas posições do eu dentro do self dialógico. Nos diálogos internos de Tito, diante de vozes conflitantes, o dilema entre essas vozes foi sendo mediado, conforme intenções e prioridades, de acordo com o mundo social onde estava inserido.

As adversidades vividas pelo sujeito, em sua condição de réu, limitado fisicamente e com pouco estudo, a participação nas rodas de conversa propostas pelo programa, fomentaram diálogos internos que alteraram as interações entre as vozes dentro do self dialógico, de maneira a mudar a relação do eu com o outro, ao mesmo tempo em que as relações com os outros mudaram o self dialógico.

Os dados analíticos referentes a este participante apontam nitidamente para os benefícios da interação T-P nesse processo de reconstrução de significados e construção de trajetórias de vida experimentadas e imaginadas. Essas com percursos que constituem fatores protetivos em relação à problemática com drogas.

Mas, ainda que as atividades previstas pela pesquisa, que inclui as rodas de conversa do programa e entrevistas individuais subsequentes, tenham ocorrido com todos os participantes, a dinâmica interacional, o engajamento e o nível de construção foram bem variáveis, como poderá ser observado no próximo subcapítulo.

6.2 CONSTRUÇÕES COM JONE

Por conta da situação de pandemia por COVID-19 que, naquele ano, assolava o país, houve uma recomendação do CNJ para que os juízes analisassem a possibilidade de soltar ou transferir para regime domiciliar presos acusados de crimes praticados sem violência, em certas condições. Em Pernambuco, dentre os que tiveram autorização judicial para deixar a unidade prisional, estava nosso participante Jone, que chegou a ser infectado por COVID-19, quando ainda estava preso, ao compartilhar cigarros de maconha com outros, conforme ele falou. Segundo o participante, por determinação já em seu processo, há meses que era para ele ter sido liberado da prisão, mas só com a resolução pela pandemia e o adoecimento, é que de fato foi solto.

O processo intersubjetivo (VALSINER, 1998) J-P foi permeado por uma marcante dificuldade para o desenvolvimento de um certo domínio partilhado de significados. É compreensível que o eu e o outro estejam em lugar e assumam posições diferentes, o que fica ainda mais eminente no contexto dessa interação. Mas, essa, especificamente, foi ainda mais difícil que o comum em nossa experiência profissional. Inclusive, o incremento do momento B às rodas de conversa (momento A) parece ter favorecido o melhor desenvolvimento de falas pelos outros dois participantes que, aparentemente chegavam até a guardar falas pertencentes ao momento A, para serem deflagradas apenas individualmente, no momento posterior. Entretanto, Jone, diferentemente dos demais, parecia ficar mais acessível quando junto aos outros participantes.

Pareceu desafiadora, nessa relação, a fomentação da confiança epistêmica (MARKOVÁ, 2016), tão crucial para que a construção do objeto fosse considerada aplicável e confiável. Além disso, o engajamento para a construção do objeto pela díade citada foi bastante assimétrico. Marková (2016) relaciona a assimetria à dinamicidade da interação, uma vez que o valor dado ao objeto ou ao outro podem variar conforme as circunstâncias internas do eu, mas também conforme fatores circunstanciais sociais e históricos. Em decorrência desses fatores circunstanciais internos do eu e sócio-históricos, foram observados, com certa nitidez, movimentos predominantemente de desconfiança, evitação, fuga da responsabilidade, expansão

de distâncias entre o eu do participante e o outro psicóloga pesquisadora, conforme teorizado em Marková, Zadech e Zittoun (2020).

Assim, fez-se necessário que esta análise, ao contemplar essa relação mutuamente interdependente J-P-objeto, em local e em tempo real (MARKOVÁ; NOVAES, 2020), apontasse para o impacto sobre a estrutura triádica advindo do enquadramento externo, atuando como baliza (MARKOVÁ et al., 2007). Sendo, então, importante abordar como esse participante chegou para ingressar em um grupo do programa CJT.

Foi dada a Jone a possibilidade de iniciar o programa apenas posteriormente, já que o setor estava funcionando de maneira restrita por conta dos procedimentos de segurança em meio à pandemia. No entanto, ele optou por ingressar logo no CJT e aceitou participar da pesquisa. Apesar da escolha, Jone manteve, no transcorrer das atividades do programa, uma posição predominantemente evitativa e sem iniciativas de fala. Com algumas exceções, como na entrevista inicial em que logo perguntou a possibilidade de encaminhamento para emprego ou curso. Teria sido a esperança nesse questionamento o elemento motivador para o ingresso na pesquisa?

Respostas evasivas, tantos “não sei”, “não lembro” e pobres narrativas que apontassem interações com outros revelaram um eu fechado em seu próprio mundo monológico, ainda que fisicamente presente. Tornando-se útil, nesse sentido, trazer para esta análise o conceito de copresença de Vege (2009). Esse autor diferencia a copresença espacial da copresença dialógica em que, de fato, o eu e o outro estão mentalmente abertos um ao outro, inclusive para compartilhar tensões. Sendo essa abertura crucial para o envolvimento emocional e psicológico dos participantes na coconstrução de uma narrativa.

Jone, pelo que ele descreve, esteve preso por mais de 1 ano e solto apenas recentemente, ou seja, houve um curto lapso temporal entre sua liberação até seu ingresso no programa. É possível que essa dificuldade em estabelecer confiança tenha sido acentuada ainda por conta do impacto da prisão na psique, que constitui um fenômeno conceituado como prisionização. Esse conceito foi inicialmente desenvolvido por Clemmer (1958), que observou a assimilação do contexto cultural do cárcere, pelo sujeito, de maneira a se tornar representativo desse meio. Conforme Lobosco (2016), fatores próprios do recluso (certos atributos como instrução escolar, relacionamento familiar, relações pré-penais adequadas, motivações pessoais) e outros referentes ao espaço e o tempo da pena, aliadas a um determinado lapso temporal, constituem variáveis para o grau de assimilação prisional de determinado indivíduo e seus efeitos mesmo após ser solto.

A prisionização consiste na maneira em que é absorvida a cultura carcerária, na forma de adesão aos costumes e práticas próprios daquele espaço. Através desse processo de assimilação, o indivíduo reconhece as regras internas e os procedimentos inerentes ao convívio nesse universo que o leva a uma alteração na conduta. Em Jone, essa assimilação pode ter favorecido uma maior prevalência em certos modos de atuação como inabilidade em confiar nas pessoas e ocultação de emoções de maneira deliberada. De acordo com autores (CLEMMER, 1958; LOBOSCO, 2016; SÁ, 2007) que abordam a temática da prisionização, ela trata-se de uma forma do presidiário adaptar-se ao ambiente e sobreviver a ele, mas com consequências para além do período da pena.

Assim, compreende-se que houve impacto, sobre a tríade J-P-objeto, do cronotopo em vigor por conta da prisionização, de forma a orientar fluxos semióticos e atuar no estilo de pensar e comunicar. Verificamos, então, no processo com Jone, efeitos do cronotopo na orientação de valores, sentimentos, rotinas e mudanças, movendo redes de significados

Aliás, progressivamente na vida de Jone, começando pelos espaços de lazer, depois nas escolas e até no seu mundo, o isolamento externo esteve impulsionando o isolamento interno. Esse estímulo que o exílio externo exerce sobre o isolamento interno é apontado por Messuti (2003) como um desdobramento da prisionização, conforme abordamos no próximo tópico. Logo, no tópico a seguir, é apresentado como os efeitos da prisionização constituíram um cronotopo ainda ativo, mesmo após a liberação do participante. De maneira que foi sob o domínio do cronotopo do cárcere que participante-psicóloga pesquisadora interagimos.

6.2.1 Construções de significados a partir da interação Jone-Psicóloga Pesquisadora-Objeto. Da prisão do beco à prisão no beco

Concordamos com Kerman (2014) quando foca na prisão do mundo exterior e a caracteriza como sendo muito mais difícil de escapar do que a prisão em sentido concreto. Esse assunto, já abordado no capítulo 2, vem a ser pertinente para a compreensão do self dialógico deste participante, considerando as suas tão restritas opções disponíveis na avenida de significados dirigido forjada a partir do contexto social em que se desenvolveu. Jone, morando em um beco, com muitos compartimentos, amontoado com seus familiares, mãe, irmã, mulher, filha, avô, tia avó, tias, primos... tantas pessoas. Jone e seu meio, a prisão do mundo exterior num beco de poucas saídas.

O participante raramente trazia seus outros nos diálogos desenvolvidos durante o programa. Em busca de nosso objetivo de estudo nesta pesquisa, buscamos pelos significados

de si e de objetos de conhecimento construídos a partir da interação J-P, para então traçarmos as trajetórias de vida do participante, os significados de si pelos quais o percurso até o envolvimento com as drogas foi delineado e os significados de si emergentes possíveis de atuarem como fatores protetivos quanto à relação problemática com drogas.

Nas poucas vezes que conseguiu falar sobre outros, o seu beco prevalecia como palco privilegiado para suas importantes situações. Nessas narrativas conduzidas pelo participante foi possível entender como aquele contexto foi restritivo para a emergência de habilidades de vida que a OMS (2004) considera essenciais ao desenvolvimento humano. Paiva e Rodrigues (2008) descreve o ‘modelo de habilidades de vida’ como uma estratégia promotora de um conjunto de competências que consistem em conjuntos de habilidades sociais, interpessoais, cognitivas e habilidades para manejar as emoções. Sendo a instituição escolar uma aliada em potencial para favorecer essas competências que constituem um reconhecido instrumento na prevenção do consumo de substâncias psicoativas e na promoção de saúde.

Nos quadros a seguir, podemos observar Jone no beco de casa e no beco da vida com poucas saídas, em que emerge um eu fechado em si, com dificuldades em muitas dessas habilidades pessoais descritas. Dificuldades na comunicação, no desenvolvimento de relações interpessoais e no manejo de sentimentos e emoções. Essa última característica foi, inclusive, entendida como crucial para uma expulsão na escola e para seu início nas drogas.

A partir da observação do diálogo deflagrado no quadro 9 e com base na posição que Jone assume na tríade com o outro psicóloga pesquisadora, foi possível verificar uma voz bem atuante que manifestava “não dou de tá discutindo ...esses negócios não”, revelando um sujeito não dado a reflexões, nem a pensar sobre si e suas relações.

Ao ser perguntado sobre como era a relação com seu pai, o sujeito recorreu a uma nota, provavelmente para deixar o assunto inquestionável: “era nota 10” (TTE 6 COM JONE, 2020). Quando questionado sobre como reage diante dos problemas, “Eu não tenho isso não, problema não”, tento explicar “eu tou lhe perguntando sobre um momento difícil, um problema, uma situação complicada que você não sabia o que fazer”, mas Jone responde com um “sei não” (TTE 5 COM JONE, 2020).

Quadro 8. TTE 3 com Jone - o beco como palco

<p>P. Jone, pensando na roda hoje, sobre violência, que momentos tu lembra de ter visto ou vivido situações de violência?</p> <p>J. Muita só discussão, muita briga, quando era pequeno, com a minha tia, as família de lá do beco, era muita discussão. A família do meu avô não se bate, aí fica só discutindo. Aí sempre que minha tia passava, aí uma botava pra outra cair. Aí ficava aquele buruçu no beco, mas agora tá até calmo, não acontece mais nada. Graças a Deus, tá de boa.</p> <p>P. A família de teu avô não se bate com quem?</p> <p>J. Com a minha tia, não se batem não, com a minha tia avó, aí era muita discussão. Pra passar no beco, aí fica implicando, botando o pé, implicando pra arrumar briga. Mas, nada grave não. O que der, é melhor evitar. Mas se vir pra cima de mim, eu não vou ficar parado né, eu sou na minha, não mexendo comigo...mexendo comigo, eu mexo também. Um menino mesmo veio esses dias pra cima de mim, aí eu fui também né.</p> <p>P. Como foi isso?</p> <p>J. Ele queria pegar a bike emprestada e eu 'não, vai dá não, eu vou sair', pegou lá no meu beco, foi e saiu. Aí quando foi ele pegou minha bicicleta emprestada e ainda tava com frescura, eu: 'tu todo errado e ainda quer tá certo aí... pega um negócio da pessoa e ainda quer tá certo'. Ele cheio de direito.</p> <p>P. E como tu resolveu isso?</p> <p>J. Eu resolvi, não dou de tá discutindo ...esses negócios não. É um pra lá e outro pra cá. Não briga dois quando um não quer né. 'É melhor você pra lá e eu pra cá, meu irmão'.</p>
--

Fonte: a autora, 2020

A posição do eu que evita refletir e discutir sobre relacionamentos foi constatada no quadro anterior quando ao invés de conversar sobre situação com o outro que lhe foi inconveniente, é optado por uma bifurcação nessa interação: “É melhor você pra lá e eu pra cá, meu irmão”.

Como explicitado acima, no quadro 8, na convivência familiar, o outro foi comumente significado como o inconveniente com o qual se dividia o espaço, um espaço intencionalmente minado para distanciar o outro, sendo o manejo inapropriado de conflitos algo bem indicado nas lembranças do sujeito sobre as interações familiares.

Assim, o sujeito se constituiu apresentando dificuldades em expressar emoções adequadamente, acionando comportamentos prejudiciais a si e condutas ofensivas diante de conflitos com o outro, conforme evidenciado na narração do episódio de iniciação com a droga: “Eu tava meio brigado, discuti com meu amigo por causa de bola, ele queria a bola aí eu fui furei a bola e depois fiquei brigado aí fui fumar tudinho daí fiquei fumando sempre” (TTE 1 COM JONE, 2020).

Nesse ocorrido, Jone tinha 13 anos, disse que “não esperava, de repente...” (TTE 1 COM JONE, 2020). Daí ele reafirmou que “fumamos uma vez, fiquei fumando um bocado de vez”

((TTE 1 COM JONE, 2020). As falas, conforme dito por Valsiner (2012), externalizam as construções subjetivas do indivíduo. Podemos depreender que esse sujeito construía em seu self dialógico o sentido de si de quem tornou-se dependente de uma substância após um único uso aleatório, repentinamente, sem pensar. A voz do eu que se rende à dependência apareceu também nesta fala, ainda que inicialmente de maneira mais ou menos velada, em que o eu se esconde em ‘alguém’:

Se alguém usa, fuma, quer usar a qualquer hora né. Só quando tava preso que aí dei uma maneirada por conta desse negócio aí que eu tava tendo, tava sem cheirar, sem sentir gosto de come, esses negócios, era esses bagui desses vírus, mas só que não era aqueles forte né, aí parei pra não piorar desse negócio, era esses vírus né, só que era o baixo, não era o alto não, não era o forte não, daí eu já parei mais porque isso aí, oxe... pra tá pegando né o fumo da boca de todo mundo, aí eu parei mais, desde que eu tava preso (...) É igual fome né, aí a pessoa quando fuma o cigarro pronto aí dá essa sensação no cara (TTR1, JONE, 2020).

Realmente, em diversos momentos, parece haver uma mobilidade no self na intenção de camuflar a posição do eu transgressor nos diálogos deflagrados, mas que terminam denunciando o padrão contínuo do eu em se distanciar de sua responsabilização pelas suas escolhas e os desdobramentos das mesmas. Nesse sentido, “Drogas é aquilo que mata os outros né (...) Eu falo esse crack né ...que derrota é os outros (...) É matar, destruir, roubar, mas a erva não mexe com ninguém” (TTR 1, JONE, 2020).

Nessa descrição da droga pelo participante, novamente há a voz do eu que tenta ocultar o eu transgressor e evitar a confrontação consigo mesmo. Verificamos que a problemática das drogas foi distanciada do eu e projetada nos “outros”. Também observamos um certo esforço em construir convergência com a pesquisadora. Essa posição aparece através da voz que ecoa o discurso possivelmente proveniente de outros (instituições ou pessoas) religiosas inseridas em seu meio: “É matar, destruir, roubar”. Em seguida, é manifesta a tensão do eu que se une a erva e a personifica no intuito de declarar o nó da questão, como se o self tentasse harmonizar o conflito entre a voz do eu e a que ecoa do outro dogmático, e intencionalmente quisesse passar a seguinte ideia: eu reconheço que pela droga se mata, rouba e destrói, mas eu uso erva, é/sou diferente.

Essa dificuldade do sujeito, em identificar em si elementos concernentes com uma interação problemática com as drogas, é possível ser observada neste diálogo que consta no quadro a seguir:

Quadro 9. TTR 1, Jone

- P.** *Se percebo que uso a droga e depois que o efeito acaba, a vida tá do mesmo jeito (/)*
- J.** *Tá mais não.*
- P.** *Não? O que muda?*
- J.** *Eu fico de boa, mas o problema fica pior né. Porque a pessoa fica fumando, mas tá aquilo na cabeça.*

Fonte: a autora, 2020

Como visto, Jone chegou a fazer até uma cisão entre o eu e as emoções, expondo na própria narrativa a construção subjetiva decepada. Mais uma manobra de atuação da posição do eu que se camufla para evitar a confrontação com emoções e tensões. Essa mesma intencionalidade parece ainda presente em construções recorrentes em que o sujeito oculta sua ação simbólica na vida, recorrendo a frases em que se põe na posição de objeto das ações por sujeitos quase sempre não determinados:

Quadro 10. Jone e suas narrativas, o sujeito camuflado como objeto da ação

- “Mandaram um mandado de prisão pra mim (...) foi que cismaram da minha cara, aí botaram pra mim esse negócio.” (TTE INICIAL COM JONE, 2020);*
- “(...) me botaram pra outra escola, me expulsaram (...). Aí me tiraram desse colégio (...)” (TTR 1, JONE, 2020);*
- “Não, não se meto não na briga de ninguém não. Essa briga aí é que se encaminhou pra cima de mim, veio pra jogar um negócio pra cima de mim” (TTE 2 COM JONE, 2020);*
- “Um menino mesmo veio esses dias pra cima de mim” (TTE 3 COM JONE, 2020)*

Fonte: a autora, 2020

E se a escola, conforme apontado pela OMS (2004), seria uma possibilidade para a promoção de competências e habilidades de vida nesse sujeito, essa saída foi obstruída. Observe nos quadros a seguir como o beco da vida de Jone foi cada vez mais ficando sem saída à medida que o self atuava na posição daquele que precisava ser banido.

Quadro 11. TTE 1 com Jone – a escola (1)

- P.** *Como foi isso? Parou por quê?*
- J.** *Como foi que briguei com um menino na escola e me botaram pra outra escola, me expulsaram ... Aí daí eu parei.*
- P.** *Como foi isso?*
- J.** *Um menino veio pra cima de mim, aí pra cima, bati a cabeça do menino. Aí me tiraram desse colégio e me outro pra outro aí no outro... é até agora*
- P.** *Abandonasse?*
- J.** *Não, eu posso né voltar. Voltando ao normal, eu posso voltar a aula, terminar o ano, a escola.*

Fonte: a autora, 2020

Na audiogravação, foi possível uma percepção melhor do diálogo acima apresentado. Entendemos a posição do eu do participante como movida a partir de desconfiança, evitação e fuga da responsabilidade, diante do outro psicóloga, representante do judiciário que lhe tinha encaminhado à reclusão. Percebemos, então, que as pausas e construções confusas como “Ai me tiraram desse colégio e me outro pra outro aí no outro... é até agora”, além da voz que faz questão de contradizer o abandono com um enfático e repetido “eu posso voltar”, tinham mais a revelar sobre o que intencionavam ocultar. Então, no encontro posterior, foi desenvolvido o seguinte diálogo:

Quadro 12. TTE 2 com Jone – a escola (2)

- P.** Na escola, como foi aquela briga que terminou na expulsão, como tu se envolveu nessa briga?
- J.** Não, não se meto não na briga de ninguém não. Essa briga aí é que se encaminhou pra cima de mim, veio pra jogar um negócio pra cima de mim, aí eu não gostei né, fui pra cima dele né.
- P.** Ele jogou o que em tu?
- J.** Jogou, brincando, um negócio em mim, aí eu não gostei, aí eu fui pra cima dele. Aí eu fui e sai dessa escola e fui pra outra.
- P.** E essa outra você chegou a ir?
- J.** Cheguei.
- P.** E o que houve que tu (/)
- J.** Que houve que me expulsaram.
- P.** Da segunda?
- J.** Da segunda
- P.** Então tu fosse expulso da primeira e da segunda (/)
- J.** Da segunda.
- P.** Da segunda, por quê?
- J.** Teve uma festa lá da escola, não sei o que houve que me expulsaram lá.
- P.** Peraí, Jone, eu não... se tu não sabe...como vou entender? [Falo meio que rindo, em tom descontraído].
- J.** Eu fui pra festa, eu e meus amigos tava tudinho lá. Depois a diretora passou, a gente tava tudo na festa lá, bebendo, assim, na frente, aí não sei o que deu depois né, porque a gente não podia beber fo...lá dentro.
- P.** [Novamente, em tom descontraído, tento tranquilizar Jone em suas fortes defesas] Então você sabe, Jone, olha o que você disser aqui não vai alterar teu processo no judiciário não...
- J.** A gente foi comprou 1litro daquele...essas bebida quente aí forte, a gente comprou, mas não podia levar, só cerveja de lata, esse negócio de frio, a gente deixou lá fora, quando deixou lá fora, aí acabou lá dentro, aí quando nós tava saindo né, começou a beber lá fora, aí a diretora foi, passou aí deu BO. Aí foi pra escola depois que coisou as férias, aí cadê que botou pra casa?!
- P.** Ah, porque tu foste levar bebida pra...(/)

J. Não, a gente levou, mas levou a que podia levar pra lá pra dentro né, aí foi deixou uma lá fora, aí quando acaba lá a festa tudinho aí vai e bebe eu e os meninos...oxe...foi tudinho eu e os meninos tudinho expulso. Mas agora é correr atrás...

Fonte: a autora, 2020

Impedido repetidamente de frequentar a escola, a detenção do beco de sua vida ficou ainda mais fortalecida. Atentando para o conceito de ASD, compreendendo que os significados sociais orientam e modulam a construção de significados no indivíduo e que, através desses, trajetórias de vida são desenvolvidas e projetadas (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018), analisamos que a história de vida desse participante e os significados coletivos sociais a ele disponibilizados em determinados momentos, assim como as restrições, direcionaram à avenida de significado dirigido a certo objetivo já bastante delimitado e na qual o sujeito, nesse cenário, parece detido. O percurso de envolvimento com drogas já chegou ao sujeito, de maneira organizada por significados sociais produzidos no coletivo em que estava inserido, guiando a pessoa em sua construção de significados pessoais para decisões e ações da vida. Ações essas que seguiam um padrão, uma tendência do self em minar suas relações e seus espaços até ser banido. Isso no campo de futebol, numa escola, em outra e depois na vida. Pois, Jone termina, de fato, sendo preso:

Foi... no meu beco né, passa muita gente, mora muita gente, muita estada né aí eu tava passando, entrando aí vi, vinham duas viaturas, tava entrando, eu entrando já, eles cismaram, pararam os meninos, aí me botaram no meio, aí mandaram colocar a mão na cabeça aí eu fiquei como ficou acharam ...porque subiram nos telhados acharam uma bolsa de maconha com (...). Eu tava passando na hora, eles botaram pra mim né esse negócio dos outros. Aí o dono mesmo morava entre a gente aí mandou aí foi mandaram (...) que aconteceu? Mandaram um mandado de prisão pra mim (TTE INICIAL COM JONE, 2020).

Goffman (2005) em sua análise sobre a segregação em instituições fechadas como a prisão, descreve o quanto a imposição de uma rotina particular com novos hábitos têm impacto sobre o sujeito que “chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico” (p. 24). Ademais, “o outro que pode despertar-lhe a memória de si está fora dos muros da prisão. Os demais, que compartilham a sorte do condenado, não podem despertar-lhe memória de si, do que foi antes de iniciar a pena. Só a consciência de seu estado atual” (MESSUTI, 2003, p.45). Dessa maneira, a autora afirma que o sujeito “já não recebe o estímulo externo do mundo, que foi seu mundo e que lhe fechou as portas” (2003, p.45). Então, a apreciação do presente termina obscurecendo a visão de futuro e ofuscando o que parecia possível no passado, inclusive os significados de si e de seus outros relevantes para si (MESSUTI, 2003; LOBOSCO, 2016).

Banido de seu mundo, forçado a uma convivência com terceiros e impedido, pelos procedimentos de admissão à instituição, de se apresentar com a imagem usual de si mesmo. Diante disso e considerando os ‘efeitos por imersão no cárcere’, descritos por Lobosco (2016), entendemos que o processo de entrada no presídio por si só já é potencialmente provocador de alterações nas concepções de si do sujeito.

Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais em sua carreira moral, uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que têm a respeito dos outros que são significativos para ele (GOFFMAN, 2005 p. 24).

Lobosco (2016), ao abordar o fenômeno da prisionização de acordo com a realidade prisional brasileira, assinala a atuação, dentro de presídios, de diversos grupos carcerários que funcionam mantendo códigos e conduta próprios. Nesses agrupamentos é observado um sentimento de irmandade e pertencimento. De maneira que o autor aponta para esses agrupamentos como possíveis vetores de prisionização. No quadro 11, podemos verificar certas afirmativas que corroboram para essa descrição do autor, principalmente nas declarações que dão a entender a existência de contribuição mútua entre conterrâneos: “Tem muito comércio ne que aí dá, tem conterrâneo que já ... e assim vai né”. Também é percebida a obediência a normatizações de cooperação na alimentação para não ficar apenas na “dependência”: “Tem que comprar o uso da pessoa. Alimento, quando a pessoa cozinha tem que comprar né, as coisas, a feirinha da pessoa. Ficar pedindo ninguém dá”.

Quadro 13. Sobre a prisão visível – TTE 1 e TTE 5 com Jone

<p>P. <i>E como era tua relação com as pessoas? Como foi esses momentos da tua vida lá?</i></p> <p>J. <i>Dra., eu fica conversando...</i></p> <p>P. <i>Sobre o que vocês conversavam?</i></p> <p>J. <i>Sobre o negócio da prisão, sabe né, meio estreito.</i></p> <p>P. <i>Meio estreito? Como é isso?</i></p> <p>J. <i>O negócio é ruim né, é tudo mais difícil.</i></p> <p>P. <i>O que é que acontecia que te fazia achar que lá era estreito que era tudo mais difícil?</i></p> <p>J. <i>Quem tem dinheiro compra o que quer né e quem não tem fica na merda né.</i></p> <p>P. <i>E como é que tu se sentia diante disso aí?</i></p> <p>J. <i>Tem muito comércio ne que aí da, tem contrterrâneo que já ... e assim vai né.</i></p> <p>P. <i>Por serem da mesma terra aí se ajudam? Por ser do mesmo local aí se ajudavam é?</i></p> <p>J. <i>Éeera, porque ali é foda viu. Todo dia era muita discussão por causa de come, esses negócios.</i></p> <p>P. <i>Já participasse de alguma discussão?</i></p> <p>J. <i>Não, eu só fico só escutando.</i></p> <p>P. <i>Como tu se sentia vendo?</i></p> <p>J. <i>Só pegava o meu e fazia meu come ne, muita gente, não ia depender de ninguém. Já não é igual em casa né.</i></p> <p>P. <i>Como é em casa?</i></p> <p>J. <i>A pessoa tem geladeira, tem tudo. Lá já é mais difícil né. Em casa dorme confortável, lá cheio de gente.</i></p> <p>(...)</p> <p>P. <i>O que tu precisava comprar na prisão?</i></p> <p>J. <i>Muita coisa que a pessoa usa né, comer esses negócios. Tem que comprar o uso da pessoa. Alimento, quando a pessoa cozinha tem que comprar né, as coisas, a feirinha da pessoa. Ficar pedindo ninguém dar.</i></p> <p>P. <i>E a comida de lá mesmo?</i></p> <p>J. <i>Quem quer pega, o meu eu mesmo fazia, eu, meus colegas fazia. Lá não comia não porque... presta não. Fazem de todo jeito, presta não. Galinha com pé de galinha, galinha crua. Não é como o comê que faz em casa. Lá fazem do todo jeito né, não é eles que vai comer.</i></p>
--

Fonte: a autora, 2020

Além das questões apresentadas, Sá (2007) refere ainda outros efeitos de prisionização como: o sentimento de inferioridade, estreitamento do horizonte psicológico, dificuldades de elaboração de planos a médio e longo prazo, restrição simbólica da dimensão de vida e mobilidade vital. Essas características foram realmente retratadas nas falas do participante, que inclusive ressalta, conforme mostrado no quadro anterior, o sentimento de “fica na merda” diante da impossibilidade/dificuldade para acessar certos benefícios e até atender necessidades que, ao que parece, são negociados na cadeia. Realmente, mesmo já fora daquele ambiente, o participante expressou dificuldades para vislumbrar possibilidades de mobilidade na vida e para estabelecer objetivos e planos.

Nesse sentido, Lobosco (2016) também traz como seqüela da prisionização a rejeição aos valores defendidos pelo social do qual foi banido, afetando a prospecção de futuro, de expectativas profissionais e econômicas, que constituem uma vertente bem enfatizada nas rodas de conversa do programa CJT.

Essa caracterização da prisionização e seu impacto na construção e na valoração de certos significados em Jone, foi no intuito de expressar o cronotopo, a unidades ética vigente, em qual os coatores éticos (J e P) interagiram, em meio aos fluxos semióticos circunscritos a esse tempo, em que foi recentemente liberado da prisão, e a esse espaço do judiciário. De modo que reconhecemos a atuação desses fatores, que atuaram como um cronotopo orientando a produção dos diálogos deflagrados entre J-P e os estilos de pensar, comunicar, produzir conhecimento e agir do participante. Constatado, assim, bem prejudicado o potencial de ação (BOESCH, 1991) do participante,

Outro aspecto a ser considerado é como a vivência da pena de prisão por Jone parecia desconectada do sentido da pena. Nas rodas de conversa e entrevistas subsequentes, tentei trabalhar com o participante sua responsabilidade e sua posição de fuga da mesma. Cheguei a questionar “(...) Como você entente sua responsabilidade pelo que está vivendo agora? Como você vê que suas ações encaminharam você para esse momento?” Mas, com a vivência da pena de reclusão, Jone parecia entender que não tinha mais o que se refletir sobre isso. Lembrando o que Messuti (2003) defende ao tratar do tempo da pena que, para o sujeito, pode ser significado como algo que foi cumprido, que lhe foi tirado e ele já não deve mais. Vejamos:

Quadro 14. TTE 5 com Jone

J. *Nada, tia, é que eu já tou fazendo, já fiz o que fiz, é assim mesmo né. Já passei por isso já, já passei por isso e agora tou redondo de vagarzinho, de boa.*

P. *Veja, que atitudes suas fez com que você estivesse nessa situação atual? Não tou perguntando sobre o que os outros fizeram e sim sobre você, o que fez, qual sua responsabilidade nas expulsões das escolas, no processo com a Justiça. Qual sua parte, sua responsabilidade nisso?*

J. *Minha parte que tou... erreí e já cumpri tudo devagarzinho né. Passei por esse negócio aí e agora tou...*

Fonte: a autora, 2020

O sentido de seguir com a vida “devagarinho” está associado à antecipação que a voz do eu faz em relação à do outro P. Assim, nos diálogos deflagrados ele transmite a ideia de que está tudo bem continuar com seu trabalho, mesmo que signifique ganhar pouco e lentamente. Pois, ganhar mais e mais rápido parece ao sujeito necessariamente implicar envolvimento com drogas, segundo sua ASD forjada a partir de seu contexto. O que foi bem expresso na roda 1:

Quadro 15. TTR 1, Droga – dinheiro pra quem não tem

P. *Que que a droga dá de bom? Porque não é só prejuízo, se não ela não existia. Algo bom ela dá.*

T. *Dá tranquilidade, porque dinheiro não dá.*

J. *Pra quem usa né, aí isso é verdade. [Jone fala baixinho como se estivesse em um autodiálogo que sem querer escapa ao exterior]*

P. *Tou entendendo nada, Jone.*

J. *Pra quem faz isso né, pra quem fuma dá tranquilidade, pra quem vende dá dinheiro. Mais pra nós que não tem né.*

T. *E pra quem fuma só dá o quê? Dá prejuízo e tranquilidade.*

P. *É verdade, dá prejuízo e dá dinheiro. E às vezes pode parecer o caminho pra ter o dinheiro.*

(...)

J. *Porque aquilo ganha mais ligeiro né, é verdade. Vendendo água é uma mixaria, 100 por semana. Aquilo por dia acho que faz mais né (...) quem vive nessa vida é só morte ou cadeia, rixa, um quer ser melhor do que o outro.*

Fonte: a autora, 2020

Essa perspectiva restrita também dificultou o processo de trabalhar com o participante o vislumbre de outras possibilidades, de melhorias de trabalho e renda, que constituíssem fatores protetivos para a problemática referente às drogas:

Eu vendo água mineral lá. Me viro nas águas mineral lá pra se firmar (...) aí eu abaixo o preço, pra sair mais ligeiro, porque senão a pessoa boia. E assim vai sobrevivendo devagarzinho, não precisa correr muito não. A gente come o pão... come avexado não, come o pão de boa. Pra quê comer o pão avexado né, que dá tudo errado né, tia. Tem que ir devagarzinho, né. Muito avexado dá errado. O negócio é tando devagarzinho, ganhando pouco ou muito, do que tá ganhando muito e errado (TTE 5 COM JONE, 2020).

Felizmente, nas relações eu-outro, é possível verificar a ação semiótica sendo regulada por fluxos direcionados à estabilidade, mas também permeabilidade à mudança (VALSINER, 2014). De maneira que, em algum momento, há adaptações, novas construções e mudanças nas posições do eu (VALSINER, 2012). A interação com um outro novidade tem potencial para provocar desequilíbrios em rotinas/continuidades e reorganizações (SIMÃO, 2010).

Assim, ‘devagarzinho’ a posição do eu em fuga foi se aproximando na interação com o outro psicóloga pesquisadora e deixando aparecer a voz do eu frustrado que intencionava abafar. Na última entrevista foi melhor compreendida a resistência de Jone em prospectar futuros e estratégias, quando rememorou uma frustração nesse aspecto:

Eu jogava, eu treinava lá no clube. Aí os caras chamava, olhava os olheiros olhava os times jogando. Aí chamava pra ir pro Santa, Sport, pra jogar fora. Nunca chamou eu. Chamava meus colegas e eu nunca. Aí parei de jogar. Só lá quando eu tava lá que sonhava. Depois, não deu certo o que eu eu queria, eu fiquei... Hoje meu sonho é mudar de... meu sonho é sumir daqui [retoma o fluxo da narração já com outra intensidade na voz, mais enérgica], morar fora, numa casa de praia, tirar uma fortuna

(...) Mas é difícil né, é difícil. Minha vida é só... é assim mesmo, melhorar né. Não deu um, dá outro, tem que tentar né. Eu vendia refrigerante lá, depois fechou, meu pai fechou. Na minha rua tem muita barraca lá. É bom vender, mas tem que aguentar, vender de boa, porque se for arrumar barulho, é um bocado viu. Mas dá pra todo mundo né. Todo mundo ganha. Vou ver pra estudar de noite, tem que variar né, pra ver se dá certo (TTE 8 COM JONE, 2020).

Entre o beco e a boca, um eu em fuga. Um eu que quando, com o outro, se ver prestes a expor / lidar com emoção, se camufla: “Depois, não deu certo o que eu eu queria, eu fiquei... Hoje meu sonho é mudar de... meu sonho é sumir daqui, morar fora, (...)”. Ao aproximar-se de um objeto de tensão que poderia levar à exposição da posição do eu sonhador frustrado que tanto o participante tentou esconder, através da aparente posição de desinteressado, foi acionada a posição do eu que foge. O eu fugitivo entrou em cena não apenas no fluxo da fala que pausa e recomeça abafando a voz do sonhador frustrado que começava a apontar. O eu que foge mudou também o conteúdo da fala e acabou revelando seu interesse que era mais ainda vívido naquele instante de confrontação, ‘sumir’.

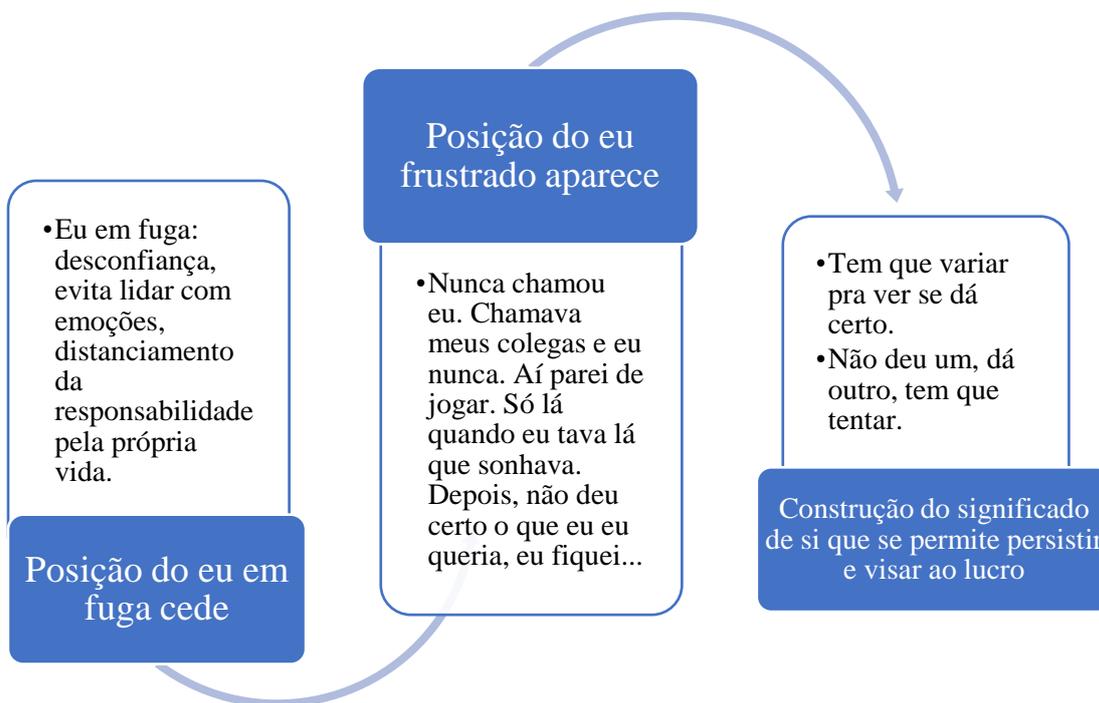
Apesar dessa ‘escapulida’ na narrativa, o sujeito acaba retomando de seu devaneio de fuga e, de maneira mais contida, permite a atuação da voz do sonhador frustrado: “Minha vida é só... é assim mesmo, melhorar né. Não deu um, dá outro, tem que tentar né”. Um momento relevante para o desenvolvimento do sujeito que, ainda de forma incipiente, mas finalmente, em certo momento, renunciou a posição do eu em fuga e cedeu à emergência da posição do eu sonhador frustrado preso no mundo interior, camuflado pela posição do eu desinteressado. Assim, a partir dessa mudança na posição do eu foi possibilitado ao sujeito, não o deslumbre, porém, ao menos o vislumbre de possíveis direções, “tem que variar né, pra ver se dá certo”.

Quadro 16. Fluxos dialógicos na tríade J-P-Objeto

POSIÇÕES DO EU	SIGNIFICADOS DE SI ← CONSTRUÍDOS ATRAVÉS DA VOZ DO EU EM FUGA NA TRÍADE J-P-Objeto	HETERODIÁLOGO A PARTIR DA ANTECIPAÇÃO DA FALA DO OUTRO – ‘P.’
“BRIGADO” – No beco, no campo de futebol, na escola	← CALMO – Não mexo com ninguém, sou calmo	[Revelação do eu em fuga no discurso manifesto] → “Hoje meu sonho é mudar de... meu sonho é sumir daqui” [retoma o fluxo da narração já com outra intensidade na voz, mais enérgica],
SONHADOR FRUSTRADO – “Eu jogava, eu treinava lá no clube. Aí os caras chamava, olhava os olheiros olhava os times jogando. Aí chamava pra ir pro Santa, Sport, pra jogar fora. Nunca chamou eu. Chamava meus colegas e eu nunca. Aí parei de jogar. Só lá quando eu tava lá que sonhava. Depois, não deu certo o que eu eu queria, eu fiquei...”	← DESINTERESSADO, DISTANTE, EVITATIVO. “não sei” “sei dizer não” “não lembro” CAMUFLADO como objeto da ação de um sujeito oculto: “armaram pra cima de mim” “vieram pra cima de mim” “botaram pra cima de mim” “cismaram comigo” “me expulsaram”.	[Eu em fuga através de devaneio] → “morar fora, numa casa de praia, tirar uma fortuna (...)” [Voz do eu em fuga cede e self adere à voz do outro Psicóloga] → “Mas é difícil né, é difícil. Minha vida é só... é assim mesmo, melhorar né. Não deu um, dá outro, tem que tentar né (...) tem que variar né, pra ver se dá certo”
SIGNIFICADO DE SI QUE EMERGE NA TENSÃO ENTRE A VOZ DO EU EM FUGA E A VOZ DO OUTRO, ‘P.’: Persistente, que pode tentar o diferente, algo novo até acertar.		

Fonte: a autora, 2020

Fig.1 Construção de significados a partir da mudança de posições em Jone



Fonte: a autora

6.2.2 Trajetórias de vida (re)construídas com Jone. Porque já desceu, agora que subiu, sobe “redondo”?

Através da análise de posições do eu em Jone, a partir da estrutura triádica eu participante – outro psicóloga pesquisadora – objeto, foi possível perceber o delineamento, ao longo da história do participante, de uma trajetória de vida cerceada a um ‘ciclo retroalimentado’ de posições do eu detido:

Fig 2. Ciclo Retroalimentado de detenção do eu nas prisões de diversas esferas



Fonte: a autora, 2020

Assim, optamos pela metáfora do ciclo retroalimentado por entendermos que, neste momento da vida de Jone, uma posição nutria a outra, continuamente.

Compreendemos que inicialmente foi identificada a posição do eu detido na prisão do mundo exterior. Essa associamos à segregação urbana e ao difícil acesso a direitos e serviços básicos, a uma vida em um beco de poucas saídas e restritas possibilidades de sobrevivência. Essa primeira posição do eu demarcada na figura 1 foi, então, vivenciada pelo sujeito, diante do que aquele limitado contexto ofertava.

Da interação entre o sujeito e o social (a comunidade familiar que se estendia à vizinhança), foi construída a posição do eu detido no próprio mundo interno, com dificuldades na comunicação, no desenvolvimento de relações interpessoais e no manejo de sentimentos e emoções. Não dado a reflexões, nem a pensar sobre si e suas relações. E que, portanto, foge quando confrontado em relação a situações com outros e à responsabilização por escolhas e seus desdobramentos. Quando chamado a se implicar nas próprias experiências vivenciadas, o indivíduo é camuflado como objeto da ação de um sujeito oculto: “armaram pra cima de mim; vieram pra cima de mim; botaram pra cima de mim; cismaram comigo; me expulsaram”. Essas frases similares foram constantes nos diálogos desenvolvidos durante a pesquisa., caracterizando a posição do eu não implicado com a própria ação no mundo. Um eu retido em seu mundo interno. Assim, essa segunda posição do eu apresentada na figura direcionou o

sujeito ao percurso de uso e dependência química, quando ao invés de lidar com o conflito armado na interação entre seu eu brigão e o outro (colega de jogo), o sujeito acionou o eu em fuga, através da experimentação e posterior dependência de droga.

Por força da atuação das duas posições iniciais, o eu detido no gueto do mundo exterior (KERMAN, 2014) e o eu detido no seu próprio mundo monológico (VEGE, 2009), o sujeito envolveu-se ainda mais com a droga que passou a lhe ter sentido de ganho rápido, chegando, assim à posição do eu preso de maneira concreta.

Mesmo já solto, o sujeito sofria as consequências da prisão que fortaleciam ainda mais sua segregação no mundo exterior (p1) e mesmo que não estivesse no cárcere de fato (p3), os efeitos da prisionização (sentimento de inferioridade, estreitamento do horizonte psicológico, dificuldades de elaboração de planos a médio e longo prazo, restrição simbólica da dimensão de vida e mobilidade vital) ainda reverberavam alimentando a p1 e também a p2. E por essa, o sujeito continuava a fugir e evitar refletir. Conforme os diálogos desenvolvidos no transcórre da pesquisa, é como se por essa posição, o eu falasse *já descí (fui preso), agora que subi (fui solto), estou “redondo” (sem necessidade de reparos)*. Conforme observado por Messuti (2003), nessas situações, o sujeito sente que já entregou o tempo que lhe foi tirado e não há o que pensar ou analisar, não há pendências com o coletivo.

O desenvolvimento de fatores protetivos com relação à interação problemática com as drogas é bem mais satisfatório quando identificamos no sujeito e seu meio recursos próprios para serem trabalhados. Com Jone, precisamos lidar com a escassez até de vínculos promotores de saúde. Ainda assim, em certo momento, a posição do eu em fuga foi cedendo e o self se aproximando na interação com o outro psicóloga pesquisadora, deixando aparecer a voz do eu frustrado que intencionava abafar.

Na tensão entre eu frustrado, o eu em fuga e o outro (P), surgiu o significado de si que se permite persistir, tentar algo diferente, ter perspectivas. E através dessa construção, o participante iniciou o delineamento de uma trajetória direcionada a recomeços em suas atividades geradoras de renda. Começava a compreender que ambição não precisava, necessariamente, estar junto com atividades ilegais como tráfico de drogas, o que antes, para ele, pareciam emparelhados.

Através de reflexões nas estruturas J-P-Objeto, Jone se permitiu assumir o significado de si como persistente e produtivo. Essas reconstruções de significados de si o permitiram desenvolver um novo percurso na sua vida laboral, ao incrementar seu ponto de venda de água mineral com outros produtos e, persistentemente, traçar estratégias que visassem a um maior lucro, de maneira não ilícita.

A que ponto esses significados de si reconstruídos vão impactar mais determinadamente na trajetória de vida do participante realmente não sabemos. Mas sim houve permeabilidade para o novo. E, apesar das detenções ao eu por força do cronotopo em meio à prisionização e outros fatores contextuais, essa tríade J-P-objeto pode continuar a reverberar no self dialógico de Jone, ocasionando divergências, provocando adaptações e, porventura, balizando suas trajetórias.

Afinal, conforme relatado no capítulo 3, a relação triangular eu-outro-objeto é caracterizada como dinâmica, incompleta e infinitamente aberta, uma vez que, ao interagir com o outro, o eu é envolvido em um diálogo interno e perene consigo mesmo (ZITTOUN, 2014; MARKOVÁ, 2016). Esse fenômeno é verificado de maneira nítida no subcapítulo que segue.

6.3 CONSTRUÇÃO COM LÚCIO

Lúcio ingressou no CJT, em um momento de bastante entusiasmo com a direção pela qual estava conduzindo a própria vida. Estava impondo a si uma rotina laboral bem intensa, trabalhando durante o dia como ajudante de pedreiro, à noite como vigilante e nos finais de semana fazendo bicos, prestando serviços de limpeza de quintal, pintura e outras tarefas para a vizinhança. Ainda arrumava um tempo para realizar as atividades do EJA (Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade de ensino destinada ao público que não completou a educação formal na idade apropriada), que por conta da pandemia estava sendo de maneira remota. Questionado como começou esse ritmo tão acelerado, ele com expressa reflexividade respondeu:

Bem, foi de uns 4 meses pra cá, assim que eu me converti, na igreja, eu tava sentindo a vontade de mudança na vida, depois de todo esse período aí de uso de droga, de movimento de assalto, essas coisas, aí eu não quis mais, tou querendo dar uma repaginada, outro efeito na vida. Já experimentei o lado mal e só quebrei a cara, só deu prejuízo (TTE INICIAL COM LÚCIO, 2020).

Sobre esses prejuízos, o participante até os categorizou (financeiro, familiar e social), demonstrando a intimidade dele com termos comuns ao trabalho de profissionais com dependentes de substâncias. Percebi, assim, que Lúcio já tinha passado por algum programa ou equipamento estratégico para lidar com a problemática das drogas. De fato, ele confirmou já ter passado por CAPS-AD, ATITUDE e por clínicas de reabilitação em outras cidades.

Desde adolescente, Lúcio já “rodava” na tão falada neste estudo porta giratória entre nossos guetos urbanos e o gueto formal de nosso sistema de privação e restrição de liberdade. Agora, já adulto, disse que pela segunda vez foi liberado na audiência de custódia. Refletindo

sobre o último flagrante em delito e o momento pandêmico em que ocorreu o fato, relatou como essa vivência lhe afetou:

É a segunda vez já que eu sou liberado na custódia. E essa aí foi a deixa né. Foi no começo do ano e no começo do ano se tornou mais difícil as coisas né [*fala referindo-se ao ano 2020 e o início do impacto da pandemia sob o meio socioeconômico*]. (...). Mas sendo que depois disso aí eu fiquei numa depressão que eu fiquei dentro de casa, não queria comer direito, não queria me banhar direito, fiquei mais deitado, assistia. (...) Num sei, só sei que fiquei aquele período incubado ali, fiquei só dentro de casa, eu e minha mãe, e ela não queria nem trabalhar nem nada, ficava só dentro de casa. Também não tinha nada, as ruas tavam tudo desertas e ali eu fiquei com aquilo. Depois fui me abrindo, fui melhorando, foi abrindo as coisas, fui começando a pegar as oinhas e eu ‘rapaz!’, mas aí infelizmente eu dei umas fumadas de novo, junho, julho, agosto, aí quando foi nesse período eu ‘rapaz, quero mais não’. Botei mesmo na cabeça, aí tava em casa, botei no pensamento, ‘vou me converter pra Cristo, eu vou me converter pra Cristo’ e tá dando certo. (...) Dizem que quando é pregado alguma Palavra pra você, aquela Palavra ali fica e se enraíza ali (TTE INICIAL COM LÚCIO, 2020).

Realmente, conforme visto no subcapítulo sobre a conversa, o diálogo desenvolvido com o outro tem esse potencial de enraizar ali no Self e em tempo propício desencadear dinâmicas intrassubjetivas em constante abertura. Assim, entusiasmado com o próprio processo de mudança, Lúcio iniciou no CJT. Esse êxito ele associava ao ingresso na religião há 4 meses, em um momento de depressão que acometia a ele e também sua mãe que chegou a fazer uso de antidepressivos. Naquela época, em casa, por conta do isolamento imposto e o fechamento do comércio devido à pandemia por COVID-19, ele relembrou mensagens evangelísticas que lhe foram ditas no passado pela vizinha Dona Lana e decidiu se vincular a uma igreja. Analisaremos melhor esse relevante momento posteriormente.

6.3.1 Construções de significados a partir de interações Lúcio-Outro-Objeto no decorrer da vida

Lúcio demonstrou no decorrer do programa uma postura bastante disponível para a organização de sua experiência no mundo, através das reflexões e memórias. Mas com elevada confiança no estabelecimento de um novo momento em sua vida, em que se via “liberto das drogas”, algo que ele acreditava incapaz de atingir sozinho, com seu reduzido senso de autoeficácia, ao analisar sua história e sua problemática com as drogas no decorrer da vida:

(...) quando eu tentava sair por mim mesmo eu não conseguia. A demora era eu receber um dinheiro bom, ou fazer algum serviço, dava logo aquela vontade de fumar, de usar. Entendeu? E hoje não tá tendo isso mais. Mas é mais pela força de Cristo. Por mim o que já tentei assim sair, “eu vou ficar só bebendo e fumando uma maconha”...aí passava algumas semanas, alguns dias, acaba tornando de novo pro crack. Fumava de novo e tome delito, tome outras coisas erradas a mais. Só prejuízo pra cima (TTE 3 COM LÚCIO, 2020).

(...) Eu bebia bastante, sempre tive problema com... seja qual for a droga eu tenho problema, eu não me identifico com... eu não me associo com nenhuma, eu não posso não, eu tenho que me manter longe. Não dá certo pra mim. Esse negócio de beber socialmente...quem que inventou isso? Se é que existe isso!? Porque se eu tomo uma,

quero tomar o bar todo e assim acabo me comprometendo em dívidas, gastando o que não era pra gastar, entendeu? E acabo ficando louco, fazendo coisas que não devia. (TTE 4 COM LÚCIO, 2020).

No segundo TTE inicial com Lúcio, apresentado no tópico anterior, foi possível constatar a posição do eu espelhado, reflexo à mãe e também ao meio em que estava inserido e que ele assimilara. De maneira bastante clara, Lúcio descreveu a sua depressão e a da mãe, associando a interrupção das atividades cotidianas do bairro a um período próprio de incubação, até que ali, naquele seu momento de elaboração, emergisse o novo.

Nesse ensejo, em que o sujeito encarou esse processo singular, é assinalada na fala do participante o papel do outro (a mãe) nessa operação de ficarem os dois ali em casa, mas não apenas isolados. Na narrativa há elementos que indicam a atuação do cronotopo, que para além do isolamento físico, fez elevar a ‘temperatura do caos pandêmico’ servindo de condição favorável à “incubação” do eu. No self dialógico, houve todo um movimento de tensão que fomentou, durante uma pública e concreta quarentena, um desenvolvimento embrionário até a eclosão de uma nova posição do eu repaginado.

Esse momento de Lúcio parece compatível com o que Lyra e Aguiar (2018) descreveram como momento sublime. Um instante crucial no desenvolvimento do sujeito, em que dinâmicas intrassubjetivas e intersubjetivas, circunscritas a um dado meio sociocultural e a um tempo irreversível, agem na reconstrução de significados de experiências passadas e na escolha e prospecção de uma nova trajetória de vida. O que ocorre mediante a existência de condições prévias. Segundo as autoras, com base nos novos significados construídos, uma trajetória é delineada com uma direção apontada a uma dada meta escolhida a ser atingida, conforme o valorado na organização da cultura coletiva, constituindo, assim, a avenida de significado dirigido (LYRA; VALÉRIO; WAGONER, 2018).

De acordo com teóricos no dialogismo, os outros com quem as pessoas interagem é que apresentam os significados sociais. É com o outro que os significados são destruídos e novos são construídos. Com a mãe, Lúcio entrou em um movimento interno de profunda tristeza e culpa ao lembrar as experiências de delitos vividas e relacioná-las à avaliação de suas circunstâncias atuais. Foi memorando mensagens bíblicas e hinos compartilhados com ele por uma vizinha, a Dona Lana, que ele decidiu iniciar um novo trajeto.

Ao narrar a própria trajetória de envolvimento com drogas, a mãe foi situada já no princípio desse percurso:

Eu comecei essa trajetória aí com 12 anos. Na verdade, bem antes, porque minha mãe bebia muito lá em casa, eu pegava uma dose escondido de cana ou de cerveja e bebia, corria pro quarto e bebia. Isso aí, já foi começando por aí. Meu tio fumava, eu pegava um cigarro dele escondido e ficava, não sabia nem tragar ainda, mas já tava puxando

ali. Com 12 anos foi que eu desencarrilhei de vez mesmo, comecei maconha, cola, loló que era o mais acessível na época né. Depois chegou o crack, eu já tava com 14 pra 15 anos aí quis experimentar, aí foi uma perdição enorme, tem uns meses atrás. Tá eu aqui agora (TTE INICIAL COM LÚCIO, 2020)

O final “(...) foi uma perdição enorme, tem uns meses atrás. Tá eu aqui agora”. Essa frase chegou a mim como: Fiquei perdido, quis me achar e nesse intuito estou aqui agora, no CJT. O participante, apesar da motivação em manter sua decisão de abstinência de drogas, chegou ao programa tendo estabelecido, ao longo dos anos, um significado de si de uma pessoa rendida à droga.

Quadro 17. TTE 1 - Diálogos através da tríade Lúcio – Psicóloga pesquisadora – Droga

P. *Como foram os primeiros momentos que tu começou a usar?*

L. *Colega lá de colégio, começou com loló, a gente começou a cheirar logo loló, botava no algodão e ficava no banheiro do colégio cheirando. Fumava, levava o cigarro pra escola, ficava no banheiro lá, escondido. Às vezes se engasga, porque não sabe nem tragar, se engasga, fica lá passando mal. É...sei lá, antigamente o cigarro era mais pelo charme né, achava bonito tá tragando, fumando, nem tragava, puxava, só por diversão mesmo. Depois que a pessoa ver que realmente vicia, que quando não fuma, dá um aperreio, uma dor de cabeça, um num sei o quê lá, enfim...né por conta da dependência, da abstinência da nicotina e ... mas graças a Deus eu tou liberto. Aí depois a maconha. Já uns cabrinhas mais pesados né, que já usava aí eu ...enfim... Aí eu mesmo cheguei a três reais nessa época. Hoje em dia, a maconha é 10 real né, a mais barata que tem, era três reais nessa época. Cheguei com dinheiro aí disse "vai lá comprar uma maconha pra mim", foi lá pegou, eu fumei a primeira vez.*

P. *E essa primeira vez foi pra que?*

L. *Foi pra experimentar, sei lá, sei não, eu quis fumar mesmo, ninguém chegou oferecendo não. Eu mesmo que dei o dinheiro pro cara ir buscar. Eu via, achava legal eu acho, via todo mundo fumando, queria saber como era, aí peguei, experimentei, gostei de maconha. Fiquei fumando um monte de tempo. Dava uma fome tremenda. Dava não né, dá. Porque pra quem fuma ainda, quando fuma um sai comendo até as panelas de alumínio.*

P. *E tem disso de precisar fumar pra poder dar vontade de comer?*

L. *Antes eu pensava que era assim, mas não, a fome vem de qualquer jeito, tem pra onde correr não. Sem fumar nada, sem usar droga nenhuma a saúde fica até melhor, o organismo funciona melhor, enfim. Mas quando a pessoa tá no uso, é a pessoa fica c isso na cabeça, de usar pra ter fome. Mas dá uma fome mais voraz, de comer, sair comendo tudo dentro de casa. A pessoa compra um mantimento pra passar 15 dias, 1 mês, não dá uma semana. O cara come e ainda mais dá uma preguicinha, dá uma molezinha, que dá, quem não disser que dá, mas dá.*

P. *O que faz muita gente até desistir da escola.*

L. *Pois é, 15 anos eu abandonei logo o colégio. Foi na época que tava chegando o crack em Recife, empestando o Recife inteiro. Hoje em dia tá essa febre aí.*

P. *Como foi o crack na tua vida?*

L. *Aí foi a devastação total. Depois que eu usava, eu assaltava. Arrumava 10 real, fazia algum bico ou alguém me dava 10 reais aleatório, minha mãe, aí eu pegava, dava aquela gonía, eu ia lá, fumava uma. Pronto, aquela uma, era a abertura para várias. Mentia, roubava e entre outras coisas mais que é nojento falar entendeu?*

P. *Se quiser, pode falar. (/)*

L. *Nãaa, mas eu não vou falar não, deixe esses assuntos aí, é melhor... enfim em relação à prostituição, essas coisas (...) eu tenho um porte legal, essas coisas aí enfim...tem esse pessoal que gosta né aí infelizmente aí por conta da droga acabava me entregando né, pra receber um aí pra poder fazer o uso. Infelizmente isso acontecia né. (...) Dependência constante né. Eu já cheguei a botar a mão na minha cintura encostar uma mão na outra, as duas mãos assim [mostra as duas mãos unindo dois dedos de cada formando uma circunferência]. Acredita?*

P. *Minha nossa!*

L. *Nessa época aí foi um uso constante, eu até vendia também né, aí acabava, tirava ali aquele pedacinho, fumava outro, né, infelizmente aí foi prejuízo constante. Entrava em furto, prejuízo, fumava tudo aí não tinha o dinheiro pra pagar. Já levei vários atropelos na vida depois que saí. Porque os caras lá quer receber né, os traficantes lá, os principal, aí quando chegava que perguntava "cadê o dinheiro?", que não tinha, aí o sarrafo comia e tinha que sair pra roubar pra poder pagar. Saía, roubava, pagava e pegava de novo e aí já tinha outro prejuízo, quase toda semana isso aí. Infelizmente foi um período bem árduo, foi mais na época de de menor. De menor que eu era bem mais afoito na vida. Bem mais afoito.*

Fonte: a autora, 2020

Por diferentes momentos ao longo do programa, Lúcio expressou indícios de ter sido uma criança “abraçada pela comunidade” por ser negligenciada no ambiente familiar. “Faltou o não, é o que eu digo. Esses caras que ela arrumava, invés de disciplinar bem, não, era agressão ou castigo, só pressão, piorava mais ainda a situação” (TTE 3 COM LÚCIO, 2020). Relembrava, de maneira ressentida, os tantos padrastos que já teve e o que não teve:

Minha mãe, ela tinha dificuldade de ter relação com um cara bom, que de lucro a ela. A maioria ou espancava ela, ou tomou algo dela. O último, agora, infelizmente, tomou a casa de cima, né, inclusive tem que ver, quando voltar aí, como vai ficar, porque a casa é da minha mãe, né. Teve outros que viviam espancando muito ela, muitas bebedices dentro de casa. Isso aí a gente...teve um que chegou a trançar uma corda uma vez e deu uma chicotada na minha irmã. Minha irmã dormindo. Isso aí eu tinha uns treze anos, aí fui lá, chamei uns cabras lá, que já conhecia das épocas, inclusive uns já tão até mortos, outros presos já, outros eu nunca mais vi, peguei uma peixeira, peguei uma 12, a gente foi lá pra matar ele. Na hora que a gente tava chegando, chegou a viatura da rádio patrulha, foi já chamado né, pegou ele e arrastou. Saiu correndo dentro dos becos lá, do “X”. Hoje em dia eu passo por ele, eu falo, mas não com... Era mais por conta de bebedice, depois que tavam os dois embriagados começavam a arengar. Agrediam ela, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, ainda sobrava pra mim, pra minha irmã também. Eu culpava muito ela por ...sei lá...sei não..., mas hoje em dia eu sei que ela fez o melhor né, por ela ter criado eu e minha irmã, por um longo período eu sei que foi só ela só né. Ela tinha que trabalhar, a gente ficava só, aí a gente não teve aquele não sempre. Entendeu? Ficava à mercê, largava do colégio aí pronto ficava à tarde mesmo pela rua, livre e aí, infelizmente, a comunidade, ela abraça, quando ver aquela cria ali crescendo e (...) já eu na questão de drogas, de assaltos, cadeia... estrutura familiar, alguém mais rígido em cima, faltou. (TTE 2 COM LÚCIO, 2020).

Ainda rememorando sua infância, o participante revelou uma “mágoa de vida” relacionada ao não reconhecimento como filho por aquele que sua mãe indicava como sendo seu pai. No período da pesquisa, isso estava mobilizando certa tensão, considerando a sua então recente conversão ao evangelho, gerando um conflito dialógico entre a antiga voz do eu rejeitado ressentido (em itálico), uma outra voz do eu que buscava a sensatez e não queria ser afetado pelo passado (em negrito) e a atual voz da Palavra recém-interiorizada (sublinhado):

*Aí a Palavra diz que eu tenho que perdoar [os padrastos], assim também como eu tenho que perdoar o meu pai, porque eu tenho aquilo, claro, ainda tenho aquele receio, a pessoa ser rejeitado, eu não sou filho só da uma mãe. Ninguém é filho só de uma mãe, tem que ter um pai junto aí. Ela firma dizendo que é ele, realmente eu tenho umas aparências com... não com ele assim, assim, mas... tem alguns familiares dele que eu tenho uns traços que eu já reparei e outras pessoas já. Tem um primo também que é filho de uma irmã dele que parece todinho comigo. Tá vendo eu, tá vendo ele. Tá vendo ele, tá vendo eu, o menino, dizem né. Aí eu, “oxen... sendo que ele é branco, minha mãe é branca, dos olhos verdes, ele é branco, também, baixinho. Eu sai grande e preto”. Aí ele ficou, ficou com aquele negócio, mas sendo que na parte da minha mãe, não tem gente moreno da minha cor não, mas da parte da família dele tem. Tem algumas tias, esse primo é da minha cor também. Entendeu? Aí pode acontecer num pode acontecer? Pode acontecer, éee raro, mas acontece né, da pessoa ser branca, o pai e a mãe, e cara sair ...eu, até eu fiquei meio ...na época eu menino, ficava "oxe", perguntando a ela, ficava indagando a ela direto: "rapaz, mas a senhora é branca, ele é branco e tal e eu saio preto e num sei o quê, blá, blá blá,” mas ela jura de pé junto que é ele mesmo, é ele mesmo e pronto e acabouse. Aí eu acredito na minha mãe né. Aí tem já essa mágoa de vida né. Querendo ou não isso..."**não, você não deve se espelhar nisso não, num sei o que"**... mas é bem mais fácil quando você tem uma mãe e um pai junto né, que tem uma criação ali toda... melhor né, ainda mais quando o pai não é de bebedice, tal, vai trabalhar traz suas coisinhas certinho, tal, você precisar de alguma coisa, tá ali, insistindo no seu pé, mesmo que dê umas mãozadas de vez em quando, quando você perturbe. (...) Influência, toda a comunidade infelizmente tem né. Você abrir a porta, tem um cara assim vendendo droga na frente da sua casa lá, influência você tem até demais né (TTE 2 COM LÚCIO, 2020).*

Por esse último trecho, podemos depreender a supremacia da posição do eu rejeitado ressentido que abre a porta para a influência do meio que o abraça e o acolhe, em contraste com aqueles outros que, por vezes ou em toda a vida, o negligenciaram (mãe, suposto pai e padrastos). De maneira que, a partir dessas interações, encontrando sentidos para si na comunidade e nas opções por ela ofertadas, Lúcio se rendeu, por muitos anos, ao envolvimento intenso e “devastador” com as drogas.

Assim, lembrou que na infância, ao “ver o patrão lá andando de carro novo, várias minas, vários cordão de ouro, de tudo, tudo de tudo” sonhava em “comandar a favela”. Afinal, “o cara quer se espelhar no cara lá né, no patrão da favela (...) ele tem o dinheiro do tráfico todo da favela” (TTE 8 COM LÚCIO, 2020). Além do sonho, Lúcio, ainda criança, já estava inserido de fato naquela trajetória, assumindo um papel e um significado naquele contexto.

Quadro 18. TTE 7 – A boca: A vendedora de Sonhos

L. *Rapaz, quando criança, boa pergunta viu. Eu sempre pensei em comandar a favela quando criança.*

P. *Comandar a favela?*

L. *Siiim, a maioria dos pirralhas pensam isso na favela, que cresce na favela.*

(...)

P. *Era esse o teu sonho?*

L. *Era, quando pirralha era. Eu já fazia "adiante" dos caras da boca, desde pequeno.*

P. *Como é fazer adiante?*

L. *É ir comprar almoço, comprar cigarro, essas coisas, botar um crédito no celular. Não tinha expectativa nenhuma não. Ver que o dinheiro tava todinho ali nas mãos dos caras. Os caras botavam o dinheiro assim no chão, assim e começava a contar meio mundo de dinheiro. "Oxen, pra que outra coisa, se o dinheiro tá aqui?"*

P. *Como esse sonho mudou?*

L. *Depois que eu fiquei mais velho, agora, que eu vi que o negócio não é tão fácil assim que nem se pensa não né. Depois de várias quedas de várias, várias vezes quebrando a cara. Aí o cara vai vendo que não é tão fácil como se pensa. Quando criança o cara fantasma idealiza tudo né, tudo dá certo na mente de uma criança.*

Fonte: a autora, 2020

Aquela ASD parecia ser suficiente para atender todas as suas necessidades, de acolhimento, valoração, pertencimento e poder de consumo:

(...)você ver "poxa, fulano com uma cordinha de prata ou uma roupa de veludo" aí você quer também, mas não tem condições. "Como foi que fulano conseguiu?", "Ah fulano tá vendendo uma droga aí". Aí a oportunidade que você ver também de consumir uma cordinha de prata, uma bermuda de veludo, um sapato Nike, tá lá né (TTE3 COM LÚCIO, 2020).

No decorrer da pesquisa, acumulando flagrantes, prisões e processos no judiciário, ao analisar seus prejuízos por conta do envolvimento com drogas, Lúcio chegou a lamentar, enquanto classificava e caracterizava cada prejuízo:

Familiar, bem, eu sempre tive o plano de ter uma esposa e ter criança e eu criar e hoje em dia eu não posso ter esse prazer de tá com minha filha perto de mim né, que devido à minha situação de uso de droga, enfim, de outras coisas mais ruins, a mãe não resistiu, foi embora, hoje em dia vive com outra pessoa, minha filha já é criada já pela mãe dela, nem por ela tá, que ela arrumou um cara, na verdade nem melhor do que eu, até eu acho que... também não existe pior, mas a mesma coisa, enfim... que agrediu ela um dia desse aí, tá até de tornozela por conta de Maria da Penha. E eu disse que não quero mais minha filha lá, aí a avó pegou, tá com a mãe dela. Tou até mais tranquilo devido isso. Minha filha conta tudinho, (...) Já teve um prejuízo familiar aí ne. Anteriormente, também, a minha irmã não queria contato comigo, hoje em dia já tá voltando, já tá tendo uma relação melhor. A minha mãe vivia bastante triste, fazendo uso de antidepressivos diariamente, devido ao aperreio também comigo, de eu sair, passar vários dias na rua, em constante uso, né, praticando delito. Mesmo tendo casa, passava vários dias, mesmo tendo comida, roupa lavada dentro de casa, eu preferia tá pela rua. Andava sujo, enfim... todo bagunçado, porque a droga que eu usava era crack né, crack bastante. (...) E o social é que já tirei cadeia, já perdi vários empregos, por causa de droga, de uso. Às vezes eu mesmo chegava e pedia minha demissão: "quero trabalhar mais não, tá acontecendo isso, isso aquilo outro na minha vida, num quero tá dando aperreio a vocês e nem prejuízo à firma aí". Às vezes faltava, às vezes chegava atrasado, quando tava lá ia pro banheiro cansado da noite toda dobrado de uso aí não aguentava, ficava lá no banheiro, cochilando, o pessoal batia na porta "Cadê Lúcio, tás aí? Tás vivo?"...Só prejuízo, entendeu? Sem contar né, que

às vezes você tá na calçada, a pessoa ia pro outro lado porque não quer passar perto de você né...eu também não tiro a razão de ninguém não né, quem é que quer tá... infelizmente a pessoa é que tá procurando aquilo pra si próprio (...) Pelo uso, pelo constante uso. Eu, são, na minha consciência, não tenho coragem de pegar nada de ninguém não. Mas depois que eu uso a droga e graça a Deus que eu tou liberto, mas quando eu tava em uso, fumava uma, pirava a cabeça, você não podia, esse celular aí, a demora era você dá uma voltinha ali, minha bênção. Isso já tirei da minha irmã, já tirei de dentro de casa, de amigos, enfim. Já perdi o social também, amigos, por disso aí. O pessoal né, "oxe já vem fulano ali", o pessoal "oxe, não deixa ele chegar não" fala logo assim né, eu não tiro a razão deles não... (TTE 1 COM LÚCIO, 2020).

Quando questiono como ele se sentia ao perceber as pessoas apreensivas com sua aproximação, o participante explicou sua maneira de conceber aquela vivência: "Bem, a pessoa se sente... sei lá... desprezado né, mas enfim, é por conta da pessoa mesmo. Tá naquela situação porque a pessoa quer(...)" (TTE 1 COM LÚCIO, 2020).

De todos os prejuízos vividos, o que parece mais ter impactado Lúcio, a ponto de instigá-lo a arquitetar uma mobilização por mudança, foi o prejuízo referente aos significados de si mesmo, construídos através de interações permeadas de estigma social que terminou sendo internalizado pelo sujeito.

Ronzani, Noto e Silveira (2015) aborda o estigma entre usuários de drogas, o descrevendo como "uma construção social que representa uma marca a qual atribui ao seu portador um status desvalorizado em relação aos outros membros da sociedade" (p.07). De acordo com os autores, o estigma é sustentado por um ciclo vicioso pelo qual há o estímulo ao preconceito e à discriminação, os quais atuam no distanciamento social e culpabilização do usuário pela problemática, incentivando a ocorrência do estigma. Também segundo eles, uma vez internalizado, o estigma atua no indivíduo impulsionando uma baixa autoestima e baixa autoeficácia, que constituem um entrave para o processo terapêutico do dependente químico.

Quadro 19. TTE 3 com Lúcio. O estigma do noiado – A vida do sujeito sem o sujeito

L. Bem, eu já ouvia falar né, de outros lugares, como São Paulo, há muitos mais anos antes que aqui. E outros países né, inclusive Nova Iorque, já existia, bem há mais tempo. Aí eu ouvia falar, não o crack, o crack, mas aqui, então, nada né, não tinha vestígio. Quem tinha deveria ter bastante dinheiro. Mas aí chegou, infelizmente, na comunidade. Nessa questão de ser novo e querer experimentar tudo e... influência a mais, teve até um cantor que fez uma música a respeito do tráfico também. Aí eu achei que era legal, não sabia a devastação que causava. Não sabia o poder tão potente que ela tinha de aviciar.

P. Como era essa música que o cantor fez e te influenciou?

L. "E fumar um mesclado e ficar bem noiadão," [Lúcio cantarola essa parte]. Nessa época era febre, a gente ouvia, fumava a todo momento. Começamos pelo mesclado, que era a mistura do crack com a maconha. Daí eu não tinha conhecido ainda o tiro que se chama tiro que é fumar o crack no cachimbo ou na lata, que é mais potente ainda. Potencializa bem mais que...infelizmente, de qualquer forma ela é potente, mas dessa forma, é ela pura mesmo. Alucina mais, a vontade de querer mais é bem mais potente, entendeu? Aí foi o que aconteceu. Influência musical, influência de amizades, questão de querer... de não querer ouvir os familiares dentro de casa, de não, se juntar com pessoas erradas, de ...e também já tá envolvido né muito e querer...tudo, saber como é, experimentar mesmo. "Nooossa né, deve ser legal". Mas na verdade não é. Até, então, não existia isso de "olha o noiado passando ali". Existia só o viciado, viciado em maconha, viciado em cola, mas hoje em dia usaram esse termo aí, um termo bem feio pra quem tá numa situação dessas, pela rua, não tem dignidade alguma, não tem valor algum; pras pessoas né, pra Deus sim. Mas pras pessoas não tem né, infelizmente.

P. Pra tu, quem é o noiado?

L. Bem, na verdade, ninguém quer ser chamado de noiado né, mesmo sendo, não ser chamado. Noiado é um termo bem abaixo de...pronto é mesmo que a pessoa ser gay, mas não quer ser chamado de veado, de frango, hoje em dia já tá mais...mas eu mesmo não gostava quando passava e alguém "oh, já vem o noiado", eu ficava bravo, mas não podia fazer nada né. Tava ali debilitado, com poucas forças e na verdade não podia reagir de forma alguma né, muitas pessoas na hora, enfim. Você fica chateado, fica aquele rancor, aquela mágoa, mas ninguém quer ser chamado de noiado né. Um termo bem rebaixante.

P. Como tu te sentia sobre isso?

L. Me sentia mal, mas o vício, a dependência, tava bem mais enraizado enfim, como eu tou dizendo a você, tou caminhando pra 5 meses, mas foi um longo período aí então. E vai ser uma luta constante o resto minha vida, disso eu tenho certeza. Por isso que eu não posso mais desapegar de Cristo mais de forma alguma, porque eu sei que eu desapegando de Cristo, certamente eu vou voltar pra mesma situação de antes ou bem pior. Eu conheço o cheiro dela, eu conheço o gosto, a potência que ela tem de alucinar...enfim...tá tudo arquivado na cabeça, sendo que fica lá né, o importante é que eu não chegue perto, não fique com pessoas que usam (...)

P. Sobre essas vozes que falavam "lá vem o noiado, deixa ele chegar não", quem eram essas pessoas, como foram essas situações?

L. Foi onde moro mesmo, no convívio, porque infelizmente por conta situação do crack, eu passei um tempo fora de "X". Eu sai de lá com 17 anos, foi na época que eu adquiri uma dívida. Uma só não, várias, devido ao uso. Passei 10 anos fora de "X". Mas, ali, já tava já dos 15 pra 17, já 3 anos bem afundado mesmo. Ainda mais que eu era de menor, fazia tudo que pensava que não dava em nada. Com sinceridade, realmente pra de menor não dá muita coisa. Aí que que acontece, você percebe quando chega num lugar e é rejeitado, não é bem quisto, infelizmente, mas é opção sua mesmo que ninguém quer tá perto de uma pessoa que a todo momento ou pode pegar algo seu ou pode tá lhe pedindo dinheiro emprestado "me dá, me dá", sempre me dá, nunca chega com nada. Se tão bebendo, o cara chega só pra beber, não chega nem com a intera, nem com uma garrafa de nada, hoje em dia quem bebe sempre tem uma cotinha depois, mas o cara nunca chega com nada, aí quem é que quer... infelizmente ninguém quer né. Também tem a questão de ver roubando aí sempre tem

aquele pensamento "oh, se chegarem pra coubrar dele, quem tiver perto na hora, vai também". A questão é essa também.

(...)

quando tava usando, pronto, eu preferia não ver ela [refere-se à filha], pelo fato de eu ficar magro, bastante magro, desfigurado, cabelo grande, enfim todo feioso, aí já pensava nisso. Não era nem questão de não... porque não queria dar nada, não, era mais por essa questão, que eu não queria que minha filha me visse daquela forma.

(....)

TTE 4

P. Como é querer ser o noiadão da música, mas não querer ser o noiado?

L. É que naquele momento ninguém conhecia o noiado, o que ele poderia fazer né. Hoje em dia todo mundo conhece, sabe quando vem o noiado lá na esquina ali. A forma que ele se veste, a forma que ele se movimenta, pra onde ele olha que é sempre pro chão. Vê que vida nojenta, o cara tá olhando sempre pro chão. Sem olhar pras pessoas que tá a seu redor, sem olhar pro céu, é sempre pro chão, catando alguma coisa. Não pode ver nada assim que quer bulir. Eu me via assim várias vezes. Eu tentava olhar pra frente, mas não conseguia não. É questão da vergonha também. Esse pensamento é péssimo, péssimo. Noossa, não quero sentir isso mais nunca.

P. Quem era você nessa época?

L. Quem era Lúcio? Isso se existia uma identidade ainda né. A pessoa... se desfigura, perde a identidade, meu irmão. Não tem Lúcio mais não. É noiado, noiado, "olha o noiado que vem ali, oh". "Nossa, que nojento!". "Nossa, que tudo!" Mas menos... menos a pessoa. Não vejo Lúcio nesse momento. Lúcio é ladrão, é noiado, é nojento, é enfim..., mas não é a pessoa não. Só depois, nessa noite aí que me converti, que não mais.

Fonte: a autora, 2020.

Os significados de si construídos a partir da estrutura Lúcio – Outros (familiares e amigos da comunidade) – Drogas, terminaram servindo de matéria para o desenvolvimento do momento sublime de Lúcio, aquele relevante momento que citamos anteriormente. O dado momento ocorreu em uma certa noite com Lúcio isolado em seu quarto, mas acompanhado de diversas vozes [do eu rejeitado por familiares e pela comunidade (**em negrito**), do outro internalizado Dona Lana (sublinhado), do eu rendido às drogas incapaz de mudar por si só (*em itálico*)]. Essas vozes entraram em conferência no self dialógico pela supremacia de posição, enquanto o corpo fitava a si no espelho:

Ahhh...eu olhei pra mim... e ... vi eu muito feio, bem feio mesmo. Olhei lá pra onde minha mãe guarda as minhas roupas e não vi uma peça legal... Sabendo né que eu ainda tenho capacidade, saúde e ainda juventude pra poder conseguir o que eu quero. Aí foi quando eu fui me tocando aí na hora eu decidi "eu vou pra igreja". Nesse mesmo dia já fui com certeza e convicção. (...)E isso aí depois veio a refletir, porque eu fiquei imaginando essas coisas: "Até quando eu vou tá tendo livramento?" Tem que parar. Ou para ou vai morrer logo cedo". (...) A pessoa 2X anos aparentando ter uns 50 ou mais. Tem gente de 50 aí que tava dando de 1000 a 0 em mim. Não dava pra continuar naquela situação né. Sem possuir nada, ninguém dá nenhuma possibilidade, ninguém tem confiança, enfim, eu fui fazer algo pra ... pra isso ser refletido e ... sozinho eu não consigo nunca eu conseguia. (...) Porque... tipo assim, não que eu queira se exaltar, entendeu? Não é isso, não é isso. Mas eu sei que eu tenho potencial, tanto fisicamente como psicologicamente, assim na mente, tudo, eu sei que

eu tenho potencial. Mas se eu olhei e me vi daquela forma, não gostei, não me agradei, de forma nenhuma. Entendeu? E tava acabando comigo, me destruindo (...) esse dia eu já me acordei...quer dizer, eu já fui dormir querendo já me converter. A situação foi essa. Na verdade, eu já me sentia um convertido porque antes de dormir eu já orei 'Senhor, eu sou teu servo, eu tou aqui pra te servir, me ajude e tal' E falei. Porque eu quero, eu queria a mudança ali, eu não tava aguentando aquela situação não. (TTE 1 COM LÚCIO, 2020).

Lúcio diz que naquele instante se lembrou de uma outra noite quando depois de ter fumado tudo e já deitado, ouviu um cântico da casa do lado: “a cabeça já maquinando as coisas ruins né, sendo que a irmã Lana começou a louvar lá, isso era uma meia noite eu acho, eera, isso eu comecei a chorar ali no sofá, né tentando me trancar, aquilo me tocando”.

Desse modo, aquela parada diante do espelho e escuta das vozes do eu rendido às drogas com baixa autoeficácia, do eu rejeitado desvalorizado e do outro internalizado (Dona Lana evangelizadora) desencadearam mudanças significativas no sujeito.

O participante percebeu mudanças positivas nas interações com a filha, com a irmã e também nas relações de trabalho. “Confiança, uma coisa que eu nunca pensava mais em ter e eu tenho a confiança, hoje em dia, de cuidar das ferramentas e do material lá de onde eu trabalho” (TTE INICIAL COM LÚCIO, 2020). Também começava a sentir-se melhor inserido no sistema socioeconômico:

Essa semana cheguei numa loja e fiz um crediário, coisa que eu nem pensava mais em ter confiança de ter, cheguei e consegui esse sapato novo na loja. Fazia quanto tempo que eu não tinha um celular, velhinho, mas fazia muitos anos que eu não tinha, dinheiro guardado em conta, vê mesmo, Jesus (TTE INICIAL COM LÚCIO, 2020). Agora quando eu me vejo, já vejo algo diferente, me dá mais prazer de viver. Me dá prazer de comprar uma roupa nova, de comprar um perfume bom. Antes eu até queria mas não comprava por conta do vício, se comprava, comprava de péssima qualidade. Hoje em dia eu vou numa loja e compro roupa de marca, vou numa mulher lá que vende perfume, pego um perfume de cento e porrada, pra poder pagar, às vezes à vista. (...) É, passava vários dias sem cortar o cabelo, mas o vício tava acima. Agora, quase toda semana, eu quero tá cortando o cabelo pra deixar ele sempre alinhado. "Que negócio é esse?, rrsr". Não querendo me exaltar por que tudo é vaidade né, e não vem de Deus a vaidade. Mas sendo que Deus no quer ver a gente bem né, é isso que Ele quer ver (TTE 5 COM LÚCIO, 2020).

Daquela colisão de posições do eu diante do espelho, surgiu uma posição do eu repaginado, que apesar da baixa autoeficácia, tinha uma profunda confiança no processo transformativo através da religião. Entretanto, a reduzida autoeficácia, a expectativa centralizada no outro institucional igreja, somada ao afrouxamento do vínculo com essa instituição, por conta da agenda de Lúcio intencionalmente lotada de atividades, tudo isso nos acendia um alerta para o risco de recaída iminente. Além do mais, a confiança do eu totalmente direcionada a um outro, pode levar à delegação do controle ao outro. E se a voz desse outro é reduzida no eu, o retorno à posição anterior fica bem provável.

Estudos como o de Rigotto e Gomes (2002), sobre ‘contextos de abstinência e de recaída na recuperação da dependência química’, têm observado no retorno ao uso de drogas após um determinado período de abstinência, a ausência de certos elementos e contextos que estavam antes presentes na experiência de abstinência.

Dos encontros iniciais até o que antecedeu a recaída, Lúcio parecia bastante motivado. Estava até bem implicado com o restabelecimento de um primo que também enfrentava problemas com drogas. Indicou esse parente para emprego e assim como Dona Lana fez com ele, passava momentos com o primo lendo a bíblia e cantando hinos.

Até mesmo no programa, na interação com a psicóloga pesquisadora e nas rodas com os demais participantes, Lúcio buscava atuar na posição de um facilitador do processo terapêutico. Diferente dos demais participantes, que geralmente chamam por doutora, a senhora e não raras vezes, tia, Lúcio chama pelo meu nome e trata a mim como um tu (ver quadro 20). Intencionalmente, durante as entrevistas, costumava fazer uma análise crítica de instituições, presídio ou Centro de Atendimento Socioeducativo - CASE pelo qual já passou, ponderando algumas questões e fazendo sugestões ao outro (psicóloga pesquisadora, que naquele momento era vista por ele como uma representante do ineficaz sistema).

É que a gente já tem aquilo na cabeça, que de menor não dá em nada, pronto aí já fica com isso aí, que de menor não dá em nada. Aí de menor trafiquei, de menor roubei, roubei bem mais do que quando fiquei de maior, pois eu já tinha já aquele receio "poxa, de maior o negócio é bem mais pesado! COTEL, Aníbal Bruno" de menor tem aquele pensamento, "vai comer bom, num sei o quê!". E realmente de menor é uma mãe. Tem seus altos e baixos, mas em comparação com o de maior, é mais sofrimento, é claro né. A cadeia de maior é... quando cheguei em "CASE X", eu cheguei a morar só, eu sozinho numa cela. a turma "não, é um tumulto arretado", eu morei sozinho em uma cela. Eu, "oxen!". Depois morei eu e mais dois. (...) Aí tinha período que tinha menos gente, que ia sendo liberado, aí não sei. O comer era bom, não tinha o que reclamar do comer. Comia bastante, sai de lá bem mais dobrado do que eu sou hoje em dia. Não trabalhava, não batia um prego numa barra de sabão lá. Era só comer e fazer exercício, comer e fazer exercício e dormir e assistir, pronto. Deveria ter mais algumas coisas lá, algum...tinha umas oficinas lá. Eu fiz curso de garçom, tenho diploma de curso de garçom que eu fiz lá. Mas deveria ter bem mais coisas lá como estudar pra terminar os estudos lá. (...) Deveria ter. Aí tinha curso de jardinagem, mas muito vago, deixava a desejar, era só aquele negócio insosso, não era de se aprofundar não, agora o curso de garçom, ele se empenhou mais, o curso que ele tinha ali, ele trazia coisas dele, entendeu? Isso me ajudou bastante, eu aprendi um monte de coisa com ele. Já arrumei emprego já na área de garçom, entendeu? Tenho lá um diploma, através desse curso eu arrumei também com barman, auxiliar de cozinha, passador, enfim, na área de restaurante eu sei fazer umas coisinhas também. (TTE 2 COM LÚCIO, 2020).

De acordo com os pressupostos do programa CJT/TJPE e considerando a meta de abstinência estabelecia por Lúcio a si mesmo, começamos a trabalhar com ele o conceito de fatores protetivos e os de risco para favorecer ao participante a visualização desses elementos em sua trajetória e, assim, o sujeito escapar da recaída. Enquanto abordava essa temática, lembro de percebê-lo bem interessado na explanação do assunto, com um olhar de admiração

que foi reafirmado assim que pauso e Lúcio questiona: “Pra trabalhar aqui fez faculdade a senhora num foi?”. Continuou sua indagação: “Ééé. Aí teve que fazer o que? Concurso público, não?”. Em seguida, ficou em silêncio, pensativo, como se num diálogo interno com um possível Lúcio na posição definitivamente estabelecida de facilitador do processo terapêutico de outros (TTE 4 COM LÚCIO, 2020).

Ele realmente parecia motivado e entusiasmado com o desfrute de suas novas condições (trabalho digno, poder de compra, confiança de outros ...) e também com visualização de novas possibilidades de si (facilitador terapêutico para o primo e quem sabe também para outros) naquele contexto. Porém, na ânsia de assumir essa posição do eu de facilitador terapêutico para outros, Lúcio terminou arquitetando a própria recaída.

Outro fator que também pode ter mobilizado a recaída está associado a um estilo de comportamento ativado mais intensamente diante do cronotopo atual em meio ao contexto de pandemia: *o carpe diem*. A frase referente ao aproveitamento do momento pode levar a diferentes interpretações, como já observado no subcapítulo 6.1. No caso de Lúcio, voltando à análise do quadro 1 (que traz o TTE 7, ocorrida no segundo encontro após o episódio de uso abusivo de drogas), foi assinalado pelo participante o desfrute daquele momento, reconhecendo a visão imediatista e expressando frustração diante da falta de controle do amanhã e também de si.

Ao acaso, na época em que se dava a pesquisa, ele reencontrou uma mulher que tinha conhecido no início do ano. Marcaram um encontro, “(...) meu pensamento não tava em usar não. Eu tava querendo me aproximar pra tirar ela dessa”. Mas o que conseguiu foi sua versão de “um fim de semana muito louco”, conforme ele nomeou (TTE 6 COM LÚCIO, 2020). Após essa recaída, Lúcio assumiu outra posição no programa, o entusiasmo deu lugar à frustração, irritação consigo e desesperança.

Quadro 20. TTE6 – Lúcio depois de um fim de semana muito louco

L. *Hoje, eu tou, tou com a cabeça meio, tou meio atribulado.*

P. *O que houve?*

L. *O que foi que houve? [risos irônicos]. Ah! Aconteceu um monte de coisa. Eu não queria falar não. [fala sem olhar para mim, fixando o olhar para além da janela e depois, em silêncio, volta a mexer na tranca quebrada da janela, como fez durante toda a roda 6]*

P. *É importante falar sobre essas coisas. [Pela raiva e frustração que ele expressava, já pensava que estava lidando com uma recaída]*

L. *É importante falar né. [Lúcio continua a mexer na tranca quebrada da janela, o que provocava um barulho irritante para mim]. Isso tá me agoniando. Toda vez ele se solta, eu fico agoniado, fico querendo ajeitar.*

P. *Está quebrado. E você?*

L. *Vanessa, Vanessa, eu fiz um monte de coisa, Vanessa. [continua persistindo na tranca quebrada, seja em silêncio, seja falando]. Eu não queria falar não, fala da águia aí, da águia, do processo da águia aí [refere-se ao conteúdo da roda 6 que aborda os necessários e dolorosos processos de mudança na vida].*

P. *O seu processo como está? Suas decisões? Algo foi quebrado nas suas decisões?*

L. *Aconteceu um monte de coisa aí nesse fim de semana muito louco.*

P. *O que aconteceu nesse final de semana?*

L. *Eu... eu vou dizer a tu. Tu fica perguntando aí. É que eu conheci uma menininha aí, um dia desse aí. Faz uns dias já né. Desde o começo do ano, eu tinha conhecido ela né, sendo que eu não mais visto ela. Aí encontrei ela esses dias aí. Sendo que aí é que tá ne, a gente já tinha até falado já sobre isso, que é a respeito de como na maioria das minhas quedas veio através de mulher. E aí mais uma vez. Se bem que de domingo pra cá eu já consegui me restabelecer de novo né.*

P. *Como foi dessa vez?*

L. *Oxe, complicado vice. Eu não tou nem querendo ir em casa ainda. Que eu tou até envergonhado de chegar em casa vice.*

P. *Vergonha de quem?*

L. *Ahhhhh, do... sei lá, sei não... da...da minha mãe não que minha mãe ela já tá lá, já ela já se a... sei lá... ela infelizmente ela já tá encaijada já, ela já fica já na expectativa. Ela não quer que aconteça, mas fica na expectativa né. Foi isso.*

P. *Lúcio, pode acontecer da recaída fazer parte do processo.*

L. *Oxe, mas eu não quero que aconteça né.*

P. *Ninguém quer, mas pode acontecer a recaída. E o que fazemos em seguida é muito importante (...). Conversamos sobre gatilhos, a importância de identifica-los. Você falou aqui “meu gatilho é esse”. Só que uma vez percebido o gatilho, o evitamos, não acionamos.*

L. *Néeee, parece que eu gosto de louquinha vice, eu gosto, parece uma coisa. Se fosse da igreja eu não teria embarcado nessa. Tem que ter paciência. A lição da águia aí, abandonar velhos hábitos. Tu tava falando e eu “éé, realmente, porque esses meus velhos hábitos pra mim é...” Ainda bem que o emprego tá mantido né. (...)*

P. *Mas é muito importante o que se decide fazer agora, depois da recaída.*

L. *Foi encarrilhado.*

P. *Como?*

L. *Não, encarrilhado, foi quinta, sexta, sábado até o domingo de madrugada. No domingo de manhã aí foi que eu parei né. Esses 4 dias com ela. (...) Nisso eu peguei até a poupança que eu tinha da minha, de comprar a minha moto. Sei não, viu. Eu tou aqui a com a cabeça a, pensativo, virada, chega a cabeça dói às vezes.*

P. Vocês usaram o quê?

L. Ah um bocado de coisa, bebida, maconha, tudo o que tinha direito. Cheirou, fumou, fez tudo. Eu não queria ter feito isso não né. Sem contar que isso me entristece, complicado. Uma luta de 5 meses vai simhora em alguns dias, 4 dias, três dias. Tá com a bexiga!

P. Nada do que você viveu, suas escolhas nesses 5 meses, nada do que você passou, inclusive os programas de atendimento que você já passou, (...) nada foi em vão. Tudo isso, todas essas tentativas, todos os seus momentos te trouxeram a esse momento atual. E o crescimento geralmente não ocorre como uma escada e sim em espiral. Agora essa espiral precisa ser ascendente. Não dá pra achar que tem o controle dos gatilhos e ficar arroteando, brincando de ‘nem me pega’, achando ou querendo provar que detém definitivamente o controle total.

Fonte: a autora, 2020.

Ao menos a vivência desse fim de semana parecia ter despertado Lúcio para uma visualização mais próxima de seu estado na problemática que envolvia questões referentes a drogas. Afinal, a tão desejada libertação que ele falava, pode não ocorrer de maneira instantânea e sim processual mesmo. E ainda que não haja o controle total e definitivo de tudo, inclusive do amanhã, há o controle de escolhas. Na roda 7 trabalhamos com a metáfora da casa, em que cada escolha é um tijolo que usamos na construção da vida que será vivenciada. O que ele parece entender:

Agora é que eu tou tentando construir algo bom, mas às vezes dá uma empenada. Agora, agora, agora, depois desse tempo todinho. Eu 2X anos de existência, da minha existência, eu tou vendo agora que eu tou construindo algo meio torto ainda, mas tá saindo. Tava saindo bem alinhadozinho, daqui a pouco dá esse deslize [referência à recaída] aí, aí já dá uma empenada né. Mas agora já tou tentando botar no prumo de novo (TTE8 COM LÚCIO, 2020).

Assim, em meio ao embate com a posição do eu ainda sem controle, em meio aos sentimentos de frustração e irritação, foi trabalhado o significado de si como construtor da própria vida. Um construtor que precisava distanciar-se de cometer deslizes. Mas, ao perceber falhas, poderia lidar com elas, corrigindo-as, retornando ao prumo.

6.3.2 Trajetórias de vida (re)construídas com Lúcio

Através de atividades rememorativas com Lúcio, ficou bem evidente o quanto os significados de si construídos através de suas interações com outros e o mundo, sob orientação de um cronotopo atuante no contexto em que estava inserido, provocaram o desenvolvimento das trajetórias de vida trilhadas pelo nosso participante.

Dessa maneira, ainda criança, refletindo sobre suas interações com mãe, suposto pai e padrastos, Lúcio se percebia na posição de “rejeitado” e negligenciado em seu ambiente

familiar. Porém, encontrava na comunidade “opções”, mais especificamente, através da *boca* ele adquiriu o acolhimento, o senso de pertencimento e se sentiu “abraçado”.

Assim, através das posições do eu assumidas no ambiente familiar, Lúcio iniciou seu envolvimento com a droga e se rendeu a ela. Enxergava nas ofertas pela comunidade/boca todo um trajeto de significados pelo qual poderia atingir suas metas de ascensão socioeconômica, status e reconhecimento.

“Afoito” no crime, habituado na ilicitude desde criança, foi imerso na dependência química e isso aí impediu sua escalada na boca. Desse modo, a família (mãe e irmã) e até os próprios amigos da comunidade, passaram a ver não mais Lúcio, mas o noiado. Assim, a posição do eu negligenciado, rejeitado, desprezado foi fortalecida, perante o ciclo vicioso do estigma, que conseqüentemente prejudicava ainda mais o senso de autoeficácia e autoestima do sujeito. Diante dessa reduzida falta de confiança em si, como produto de suas interações com outros, ele tinha na voz de Dona Lana sua única chance de “libertação”, uma vez que sozinho, não acreditava mais ser possível.

Logo, em um momento em que esteve “incubado”, houve uma conferência entre estas vozes no self dialógico (voz do eu rejeitado, feio, desvalorizado; voz do eu rendido às drogas incapaz de mudar por si só; voz do outro Dona Lana). Daí, Lúcio teve seu momento sublime, em que decidiu mudar e para isso traçou uma estratégia (vinculação a uma igreja) no intuito de “repaginar” a sua vida e seguir uma nova ASD.

Por consequência da posição do eu “liberto das drogas”, “repaginado”, Lúcio ingressou numa arriscada trajetória, em que assumiu a posição do eu facilitador terapêutico, que foi evidenciada em suas interações no CJT, na relação com um primo e também com a mulher que lhe acompanhou em seu “fim de semana muito louco”.

Apesar da determinação e toda a afetividade que envolveu aquele momento sublime, a trajetória de um dependente com meta à reabilitação pode ser de “luta constante”, como o próprio participante descreveu. Mas a vivência da recaída e reflexões a partir da interação L-P favoreceram a emergência do significado de si de alguém que está em construção. E, se no decorrer da trajetória em constante construção, é percebida uma “empenada”, se põe “no prumo de novo”.

Quadro 21. Síntese das posições do eu assumidas nas interações de Lúcio, os significados de si delas emergentes e percursos traçados a partir desses

Interações	Posições do eu	Significados de si	Percursos traçados
Lúcio – Família	Negligenciado	Rejeitado, desprezado	Envolvimento com drogas
Lúcio – Boca	Acolhido	Inserido, afoito	Envolvimento com tráfico, crimes e delitos
Lúcio – Vizinhança e amigos	Distanciado	Noiado, feio, nojento, inconveniente	Fortalecimento da dependência química
Lúcio – Dona Lana	Acolhido	Liberto	Ingresso na Religião
Tensões	Repaginado	Senso de baixa autoeficácia, Confiante na libertação através da igreja	Vinculação à igreja
Lúcio – Primo; Mulher em reencontro; Instituições	Facilitador Terapêutico	Entusiasmado e afoito	Aproxima-se de gatilhos na busca por ajudar outras pessoas e instituições no processo de reabilitação. Aciona gatilhos.
Lúcio – Psicóloga pesquisadora	Comprometido com o processo	Determinado	Envolve-se na construção de algo novo, ciente dos riscos de “empenar” e dos prejuízos se isso acontece.
	Mas muda a posição com a recaída, atuando na posição do eu frustrado.	Desesperançoso	
	Com as intervenções após a recaída retoma a posição do eu comprometido com o processo	Construtor da vida através de suas escolhas	

Fonte: a autora, 2020

6.4 AS DIFERENTES INTERAÇÕES COM O OUTRO (P) E AS AVENIDAS DE SIGNIFICADOS DIRIGIDOS COM TITO, JONE E LÚCIO: INTERSECÇÕES E DISCUSSÕES

A reconstrução mnemônica com os três participantes permitiu a verificação de como diferentes significados de si emergiram nas diversas interações com outros e possibilitou a observação de como, a partir desses significados, as avenidas de significados dirigidos foram delineadas, levando ao envolvimento com as drogas e depois ao desenvolvimento de fatores protetivos nessa relação problemática. Também através da rememoração acessada na conversa com o outro psicóloga pesquisadora, foi possível a produção de novos significados e consequente reconstrução de outras trajetórias. De maneira que ficou evidente a relevância dos significados de si construídos com outros para a mobilização das trajetórias de vida com os sujeitos.

O acesso a esses significados ocorreu através da análise dialógica da conversa. Uma análise que não se concentrou no discurso observado e nas interações específicas dentro do texto, mas que utilizou referências para além dos textos, atentando para o discurso social vigente, para o cronotopo atuante. Logo, a análise das conversas ocorreu em um sentido mais amplo, considerando fenômenos que transcendiam a situação específica, examinando o contexto social, histórico e cultural que envolvia cada participante.

Nesse sentido, foi constatado o quanto o cronotopo ativado pelo contexto pandêmico provocou nos participantes o desenvolvimento de avenidas de significados dirigidos ao aproveitamento da vida, assinalando para a atuação do coletivo no modo ‘carpe diem’. Porém, vimos que houve variações na compreensão do sentido de aproveitamento da vida. Enquanto Tito, embalado nesse estilo de comportamento, reconstruiu o significado de aproveitar a vida e traçou uma ASD direcionada ao aproveitamento de oportunidades para seu crescimento profissional e reconhecimento social, Lúcio, movido também pela perspectiva do carpe diem, sabotou seus planos a médio e longo prazos, gastando em um fim de semana o valor que seria destinado à compra de um bem.

Ainda sobre a pandemia, tanto com Tito como também com Jone, foi verificado um movimento defensivo de afastamento dos entendimentos referentes à doença por COVID-19. Tito que mesmo abordando a doença em diversos momentos, mas não a nomeava. Jone que mesmo admitindo ter sido vítima do vírus, mas “não era o alto não, não era o forte não”, assim como Tito também não o nomeava e referia à doença e ao vírus expressando distanciamento, apesar desses impactos em suas vidas.

Desdobramentos da COVID-19 influíram nos processos interacionais com o outro psicóloga pesquisadora nos três participantes. Por desdobramentos da pandemia:

- Tito passou a trabalhar em outra função, sofreu um acidente que demandou acompanhamento fisioterapêutico, ao qual não teve acesso. O que favoreceu no participante relevantes elaborações de significados de si, construídos na tríade T-P-Reflexões sobre suas relações com a avó, com amigos e consigo mesmo;
- Jone foi liberado da prisão e pôde iniciar no CJT, após ter sido infectado pela referida doença, ao compartilhar cigarros de maconha com colegas do presídio. O período de aprisionamento parece ter prejudicado a interação J-P, levando o participante a uma postura defensiva, em fuga e pouco disponível a reflexões;
- Lúcio, diante das medidas de isolamento e de fechamento temporário das atividades comerciais, ficou sem trabalhar em seus bicos e assim como sua mãe, que trabalhava como ambulante, entrou em estado depressivo em meio às restrições impostas pelo contexto. Essas

condições promoveram um processo de reflexão no participante que ficou mais sensível à escuta de diversas vozes que atuavam em seu self dialógico, mobilizando uma ASD determinada a uma “repaginada” do sujeito, que chegou ao CJT bastante motivado com o próprio processo terapêutico, pondo-se na posição de um facilitador junto ao outro (P).

Assim, conforme já defendido por Boesch (1991), nas relações eu-outro, o outro pode despertar diversos sentidos para o eu. Para Tito, o outro (P) foi gratificante, o participante se sentiu beneficiado por essa interação. Mas para Jone, o outro (P) pode ter o levado a lidar com frustrações e conteúdos dos quais preferia fugir, sendo esse outro, então, significado como inconveniente. Já com Lúcio, o outro (P) foi, inicialmente, uma colega facilitadora de seu processo e, portanto, significada como uma referência a imitar. Mas depois da recaída, P foi uma testemunha de sua falta de controle, passando a ser alguém a distanciar, a evitar. O que, após algumas intervenções, foi modificado e P passou a ser alguém que compreendia a construção processual.

Pode-se ainda ampliar o entendimento do lugar esperado para os eus dos participantes que o outro (P) assumisse. Um lugar muito além da pesquisadora e da psicóloga do CJT representante do judiciário, mas, por vezes, parecia que era demandado a esse outro do participante a personificação de todo o sistema judiciário e talvez até de todo o sistema governamental, que finalmente parava para o ver e ouvir. Assim, Tito demandou encaminhamento para fisioterapia, curso, emprego e exame de DNA da filha mais nova, além de instruções sobre pensão alimentícia. Enquanto Jone, também por significar esse outro como representante do sistema, o qual lhe encaminhou a reclusão, assumiu uma postura evitativa, porém chegou a solicitar oportunidade de emprego. Já Lúcio interagiu com P como representante do sistema, solicitando instrução sobre violência doméstica patrimonial (da qual acreditava que sua mãe era vítima) e a respeito de requisição de guarda da filha. Além dessas questões, Lúcio, assumindo a posição de quem foi cliente desse sistema de diversas maneiras, já tendo feito uso de diferentes equipamentos (CAPS-AD, ATITUDE, CASE e penitenciárias), põe-se, no decorrer das entrevistas, como um consultor facilitador que visava à efetividade desse sistema.

As diferentes perspectivas na relação eu-outro foram relatadas por Marková (2016). Ela sinalizou para o risco de distorção no triângulo epistemológico, quando o objeto a ser priorizado que seria o conhecimento (comum e científico) passa a ser uma meta, um desejo. Mas, apesar das divergentes perspectivas, foi possível um campo intersubjetivo de trabalho colaborativo, mesmo que em níveis de engajamento diferentes, com cada participante.

Nos três participantes foi evidenciado o papel do outro imediato (ambiente familiar e vizinhança) no trajeto até o consumo e posterior envolvimento no tráfico de drogas. Os três, ao apreciarem suas possibilidades na própria comunidade (seja em bicos, seja em bocas), não conseguiram, quando adolescentes, apreender o que a escola poderia agregar a eles dentro das perspectivas dos contextos em que estavam inseridos.

Outra semelhança nos participantes refere-se à relevância do corpo no processo de construção de significados de si que promoveram, em Tito e em Lúcio, uma ASD direcionada ao desenvolvimento de fatores protetivos quanto à relação problemática com as drogas. Tito, ao lidar com seu corpo tatuado e com movimentos limitados, elaborou significados de si que o direcionam a aproveitar melhor as oportunidades e, assim, ocupar sua posição de trabalhador com reconhecimento no meio social, buscando evitar o estigma por sentidos que outros viessem dar a seu corpo riscado. Já Lúcio, diante do espelho que refletia o seu corpo vitimado pelos efeitos do uso abusivo de drogas, não enxergou a si mesmo e nem a seus atributos potencias (de beleza e juventude). Viu em si a imagem do noiado estigmatizado por familiares e amigos. Tal momento de contemplação do corpo nessas condições levou o sujeito a construções de significados que o direcionaram a arquitetar uma mudança em sua vida, organizando toda uma estratégia de vinculação a uma doutrina e estruturação de uma rotina de atividades laborais, em busca de, assim, reconquistar sua dignidade e confiança perante os outros.

Logo, ficou perceptível que os significados de si emanam das interações com os outros e foram usadas para construir trajetórias que direcionavam a uma posição perante o outro. O eu é construído, assim, com o outro, a partir do outro e para o outro. Por consequência, há insistentemente, um grande foco no que é facilmente visto pelo outro, sendo verificada uma relevância do corpo nessas questões de significados de si.

Ainda sobre as relações eu-outro, foi observado que pode levar um tempo para certa interação ter maiores efeitos sobre um dado eu. No caso de T-Avó, através das atividades rememorativas do programa, foi verificada uma dinâmica relacional infinitamente aberta e perene que, após certo lapso temporal, promoveu produtivos diálogos no self dialógico do participante. Da mesma maneira ocorreu com Lúcio, ao rememorar a voz de Dona Lana e, sensível a ela, promover um momento de bifurcação em sua trajetória.

É essa natureza das tríades relacionais, que as anuncia como dinâmicas, infinitamente abertas e incompletas, que nos faz acreditar no potencial da interação eu-outro para a (re)construção do eu, considerando o diálogo perene que cada um outro pode provocar no eu.

7 CONSIDERAÇÕES, CONTRIBUIÇÕES E DIREÇÕES FUTURAS

Este estudo envolveu, em um contexto de exercício profissional da psicologia, questões teóricas pertinentes ao desenvolvimento humano na perspectiva sócio-histórica e cultural. Foi abordada a função psíquica da rememoração a partir da relação do sujeito com o outro e com o meio em um tempo irreversível, focando no dialogismo estabelecido em que os significados são compreendidos, partilhados, internalizados e ressignificados. Assim, o estudo se constituiu como uma pesquisa de intervenção, com achados importantes para a prática profissional no contexto do judiciário, no que se refere à atuação com sujeitos com problemas na Justiça por questões referentes a drogas.

Com atividades que objetivam cultivar informações e reflexões, no intuito de “construir novas alternativas de vida e investimentos benéficos a si e a sociedade” (TJPE, SOBRE O CJT, BRASIL, 2019), o CJT/TJPE tem por alvo desenvolver, com o sujeito atendido, considerações sobre si e suas relações, de maneira a impulsionar autoquestionamentos, desconstruções e novas construções. Logo, unindo à essa visão, a compreensão de que a mente do eu e a mente dos outros são interdependentes na criação de significados extraídos da interpretação do passado rememorado, a perspectiva dialógica demonstrou ser de grande relevância nesse contexto. Pois, como demonstrado, os significados de si emanam a partir das interações com outros internalizados e atuais. De acordo com esses significados, trajetórias de vida são delineadas e trilhadas pelos sujeitos, conformes são produzidas, nas relações eu-outro-objeto, as apreciações do passado, do presente e as perspectivas de futuro

Assim, usamos um método fundamentado na rememoração com foco nos significados de si construídos a partir de interações com outros. Por meio do estudo dos impactos desses significados nos delineamentos das trajetórias de vida, foi possível a identificação de sequências mais ou menos estáveis ou instáveis de diferentes posições do eu dos participantes, de padrões e processos de mudança. O que nos instrumentalizou no manejo preventivo/interventivo do processo terapêutico, facilitando a identificação prévia de riscos de recaídas iminentes e favorecendo a verificação/elaboração, junto com o participante, de fatores protetivos que promovessem o desenvolvimento do sujeito e o protegesse de estabelecer/manter um envolvimento problemático com drogas.

Além das atividades previstas pelo programa CJT/TJPE, houve a inserção, por conta da pesquisa, das entrevistas individuais sistemáticas posteriores à cada roda de conversa, as quais provaram ser de grande valia para a construção do processo terapêutico singular com os participantes.

Nas entrevistas individuais, questões subjetivas bem particulares, por vezes inoportunas para uma situação de grupo, podem emergir nas interações participante-psicóloga. No mais, é através de conversas reais (o que nem sempre acontece nas situações de grupo/rodas de conversa) que a interdependência eu-outro é intensificada (MARKOVÁ, 2016) e, portanto, fertilizada em seu papel de produzir significados e, através desses, trajetórias de vida. Já as rodas de conversa, em alguns momentos se estabelecem realmente tal como nomeadas. Mas não é incomum que os participantes, nesses momentos, atuem apenas como ouvintes, ou talvez nem isso.

Assim, por entendermos as necessidades de trabalharmos certas temáticas recorrentes que essas rodas contemplam, mas em atenção à necessária dinâmica interacional para o desenvolvimento de sujeitos autônomos em seus processos de significação, defendemos a regularidade de trabalhos em grupo e também de momentos individuais nos programas de justiça terapêutica. Sendo importante que esses não se limitem a ocorrer por solicitação do participante ou da(o) profissional, mas que sejam sistemáticos. Pois, conforme observado, mesmo quando o participante não demonstra interesse em desenvolver uma conversa/reflexão, em algum momento, aquela interação com a psicóloga que lhe atende, pode ajudá-lo a pensar sobre diferentes questões que precisam ser trabalhadas, de maneira a favorecer a travessia por certos entraves nas trajetórias de desenvolvimento e o vislumbre de novas possibilidades, mesmo que tardia e gradualmente.

Além de apontar para a importância de o programa não ser restrito a encontros em grupos, de ordem objetiva, a pesquisa também demonstrou a relevância de algumas medidas a serem discutidas e viabilizadas conforme possibilidades:

- Sendo autorizada pelo participante, a utilização da audiogravação com posterior transcrição, provou ser significativa para a aprimoração da escuta profissional, possibilitando ao profissional melhor reflexividade e compreensão do sujeito, potencializando o processo terapêutico;
- O interesse espontâneo dos participantes por questões referentes aos desdobramentos socioeconômicos da pandemia e a tensão que estas questões mobilizaram neles alertaram para a necessidade de que o programa CJT inclua em suas atividades uma roda de conversa com tema em aberto que seja pertinente àquele grupo específico, conforme cronotopo atuante nas circunstâncias espeçotemporais;

Outra questão elucidada pela pesquisa refere-se à necessidade de um programa de Justiça Terapêutica trabalhar na construção de parcerias, em comunicação com diversos equipamentos em uma rede de apoio a este indivíduo. As solicitações diversas demandadas pelos

participantes (encaminhamentos a cursos e empregos; orientações envolvendo direitos e deveres pela parentalidade e os desdobramentos por rupturas na conjugalidade; acessos a serviços socioassistenciais e de saúde) retratam a necessidade de equipamentos no sistema público que acompanhem e orientem as famílias em diversas demandas antes que desemboquem de alguma maneira no judiciário.

Porém, uma vez na instância do judiciário, continua havendo a necessidade de um funcionamento efetivo da Rede de Atenção Psicossocial – RAPS, mas conforme o modelo de cuidado de base territorial e do cuidado em liberdade, previsto na Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001, priorizando ações de desinstitucionalização e não segregação, de acordo com o defendido na “Moção de repúdio CES/PE à proposta de revisão da RAPS” (CONSELHO ESTADUAL DE SAÚDE PE, 2020). Assim, robustecemos uma discussão que vem protagonizando os debates na área de drogadição no que se refere ao funcionamento da Rede de Atenção Psicossocial – RAPS, defendendo que os fatores protetivos para a problemática das drogas sejam desenvolvidos no contexto em que o sujeito está inserido. Afinal, a observação empírica e estudos como os de Rigotto e Gomes (2002) sinalizam que uma vez não mais presentes esses fatores, as possibilidades de recaídas são aumentadas, daí esses autores destacam a importância de alterações concretas ambientais e a criação de “condições para que sentidos concretamente vividos obtivessem consolidação em projetos de vida realizáveis” (p.105).

No mais, conforme visto na experiência e na teoria do Self dialógico e da PCS, os significados de si emanam das interações com os outros e são usados para construir trajetórias que direcionem a uma posição perante o outro, sendo o eu construído, assim, com o outro, a partir do outro e para o outro. Logo, qual o sentido da segregação para o desenvolvimento do self? Se é na confrontação com o outro diferente do eu que surgem as possibilidades de construção do que o sujeito pode vir a ser, sendo a mutabilidade um resultado natural das interações, o que fazer diante da urgência em desenvolver sujeitos aptos ao meio? Expulsar o sujeito da escola uma vez e depois outra vez até que um dia seja expulso de vez do convívio relacional com seu meio? Qual o embasamento científico para esse tipo de intervenção por si só com um sujeito que está tendo suas funções psíquicas em formação na relação dialética com a cultura e a sociedade?

O trabalho com os sujeitos, com problemas no judiciário por questões referentes a drogas, tendo por foco os significados de si e de como a partir deles as trajetórias são delineadas, demonstrou poder favorecer o atendimento a esse campo historicamente demandado à psicologia, mas com novas perspectivas para esse exercício profissional. Possibilitando, então,

uma atuação profissional embasada no dialogismo, com procedimentos metodológicos e analíticos pertinentes com essa proposta. E, conforme já abordado e explicitado no decorrer do trabalho, essas escolhas teóricas e a proposta metodológica usadas neste estudo também podem ser integradas à prática profissional, o que caracteriza um posicionamento não apenas epistemológico, mas também ético, à medida que preza pelo estabelecimento de uma interação de interdependência com o atendido, que deve ser considerado pelo profissional como um sujeito ativo no processo.

Assim, utilizando a ótica da PCS no estudo sobre as mudanças e construções dos significados de si mesmo, nas trajetórias de vida (re)construídas através da rememoração, foi possível identificar possibilidades de atuações preventivas e interventivas no trabalho com os participantes do CJT/TJPE, que são geralmente adultos jovens, mas, em grande maioria, apresentando prejuízos no desenvolvimento emocional e cognitivo, considerando suas trajetórias. A aplicação do fundamento de que o desenvolvimento é dependente das condições oferecidas pelo meio e da apropriação dessas pelo sujeito (VIGOTSKI, 1998), indicou caminhos para atuação com os sujeitos atendidos nesse programa educativo.

Conforme demonstrado no estudo, através de atividades educativas, novos níveis de desenvolvimento podem ser provocados, uma vez que funções psíquicas como as de reflexão e memória, existentes no plano social, são convertidas para o plano individual através da internalização (VIGOTSKI, 1998). E, assim, na dialogicidade, os significados são compreendidos, partilhados, internalizados e ressignificados. Desta forma, é pertinente ao sistema, que prover equipamentos nos diversos âmbitos, atuar embasado na compreensão do dinamismo de significados entre sujeito e social em que o desenvolvimento e a educação interagem na construção do humano.

Nesse sentido, cabe ainda relatar que o estudo empírico e a experiência no CJT/TJPE apontam para o recorrente desinteresse escolar associado a uma defasagem entre o que é prescrito pelas atividades escolares e as práticas da realidade vivenciadas pelos sujeitos. Essa temática foi prioritariamente abordada por estudos como o de Freitas e Costa (2005) que assinalaram a importância de práticas pedagógicas mais condizentes com as experiências cotidianas das pessoas. Essa constatação também sinaliza para a conveniência da perspectiva dialógica para a escola e para outros instrumentos de educação que se proponham a fazer parte da construção de um sujeito, em um dado contexto espaço-temporal, mas com a visão para possíveis direções além de um envolvimento imediato e talvez limitante.

Neste estudo foi bem evidenciado o desenvolvimento através de processos dialógicos baseados no heterodiálogo (diálogo com os outros, incluindo outros imaginários) e no

autodiálogo entre as “partes” do self (VALSINER, 2012). De modo que, embasados no entendimento de que o self surge das e nas relações com os outros, de maneira que o outros são parte do self e em suas práticas cotidianas estão imbuídas as vozes de outros (AVELING; GILLESPIE; CORNISH, 2015), sendo refletidas nas notórias situações de responsividade e interdependência na relação eu-outro (MARKOVÁ; ZADEH; ZITTOUN, 2020), ressaltamos a importância do profissional se dispor como um outro ao eu do sujeito atendido.

Consideramos que é na interação e mediação de outras pessoas que o sujeito vai avançando em novas aquisições no seu desenvolvimento, de modo que o que era potencial, vai se tornando real (VIGOTSKI, 1998). Assim, ressaltamos como necessária a prontidão do profissional ou do pesquisador a ser o outro do participante, de maneira implicada nessa interação. Esse entendimento foi o que levou a opção por, em alguns momentos, até para mais legitimamente retratarmos o processo interacional, utilizarmos a primeira pessoa do singular, em determinadas ocasiões neste estudo, conforme explanado anteriormente.

Há, então, alguns desafios para o profissional/instituição que vai contribuir com a estruturação de equipamentos que visam atender essa população. É necessário que para esse profissional o participante ocupe a posição de um outro e não de um objeto. Assim, é possível o compromisso ético do profissional com o tornar-se de si e do outro, guiado por fundamentos teóricos, desenvolvendo práticas profissionais embasadas cientificamente e construídas dialogicamente entre profissional e sujeito atendido. A compreensão da característica de mutabilidade nas interações eu-outro leva a refletir sobre a responsabilidade epistêmica (SIMÃO, 2010; MARKOVÁ, 2016), atribuindo às partes envolvidas na interação, a responsabilidade pelas perspectivas assumidas intersubjetivamente. Ao tratar o outro como epistemicamente responsável é preciso perceber o outro em sua autonomia para pensar e ser sujeito autônomo de sua vida e não apenas objeto do sujeito indeterminado no sistema governamental.

Este estudo dialógico não teve o intuito de provar a importância do outro, através das vozes presentes no self dialógico, para as construções de significados de si que atuam nas produções das trajetórias de vida em um dado contexto. Mas já partindo dessa constatação, o intuito foi estudar como usar essa informação de maneira a contribuir para o sujeito e para a sociedade. Assumir a existência do fenômeno das possíveis construções a partir da tríade eu-outro-objeto, em diversos contextos institucionais reais concretos e conduzi-lo de maneira mais consciente, reflexiva e com responsabilidade ética, conforme descrito na pesquisa, é um desafio que ainda demanda novas discussões.

Esta pesquisa pode ter valor teórico e empírico para as ciências humanas, sociais e práticas profissionais. Mas, através da perspectiva dialógica com foco nos significados de si produzidos nas interações com outros, há margem para outras investigações que venham a favorecer o desenvolvimento de iniciativas mais preventivas que interventivas. A exemplo disso, um posterior aprofundamento sobre a estrutura educacional formal, atuante nos bairros em que estão inseridos esses jovens adultos, pode direcionar para caminhos que contribuam para a não evasão escolar dos adolescentes nessas localidades e, conseqüentemente, para uma otimização de fatores protetivos referentes à problemática com drogas nesses cenários dos bairros e comunidades da Região Metropolitana do Recife. Estudos com esses direcionamentos podem ajudar na equidade de grupos humanos historicamente subjugados e privados de direitos, conforme já relatado no capítulo 2, podendo ter importância em discussões que fomentem a formulação e o direcionamentos de políticas públicas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. B. “**Marcas (In)Visíveis**”: a dinâmica rememorativa-imaginativa na (re)construção do self dialógico dos adolescentes que praticaram autolesão. Dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva. Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

ARIEVITCH, I. M.; STETSENKO, A. Developmental trajectories and transformations of cultural mediation: From symbiotic action to psychological process. In: YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R; M. FERRARI, M. (Eds.). **The Cambridge Handbook of Cultural-Historical Psychology**. New York: Cambridge University Press, 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JUSTIÇA TERAPÊUTICA. Disponível em: <http://www.abjt.org.br/> Acesso em: 24 ago. 2019.

AVELING, E.; GILLESPIE, A.; CORNISH, F. A qualitative method for analysing multivoicedness. **Qualitative Research**. V.15. n. 6, p. 670-687, 2015.

BARTLETT, F. C. **Remembering: a study in experimental and social psychology**. New York: Cambridge Univ. Press, 1932.

BACELLAR, R. P. Mudança de cultura jurídica sobre drogas. In: ANDRADE, A. G. (coord). **Integração de competências no desempenho da atividade judiciária com usuários e dependentes de drogas** 2ª Edição. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2015.

BOESCH, E. E. **Symbolic action theory and cultural psychology**. Berlin: Springer-Verlag, 1991.

BOITEUX, L. Opinião pública, política de drogas e repressão penal: uma visão crítica. In: BOKANY, V. (org) **Drogas no Brasil : entre a saúde e a justiça: proximidades e opiniões**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13/ de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm Acesso em: 22 Ago. 2019

_____. **Lei 11.343, de 23 de agosto de 2006**. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111343.htm Acesso em: 22 Ago. 2019.

_____. **Banco Nacional de Monitoramento de Prisões – BNMP 2.0: Cadastro Nacional de Presos**, Conselho Nacional de Justiça, Brasília, agosto de 2018.

_____. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. **Atlas da Violência 2020**, Governo Federal, Ministério da Economia. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020> Acesso em: 27 Dez. 2020.

_____. Tribunal de Justiça de Pernambuco. **Centro de Justiça Terapêutica. Sobre o CJT.** Disponível em: <https://www.tjpe.jus.br/web/justica-terapeutica/sobre-o-cjt> Acesso em: 28 Set. 2019.

_____.Tribunal de Justiça do Amapá. **Notícias.** Disponível em: <https://www.tjap.jus.br/portal/publicacoes/noticias/9413>. Acesso em: 14 Dez. 2020.

_____. Tribunal de Justiça do Estado de Goiás. **Justiça Terapêutica.** Disponível em: <https://www.tjgo.jus.br/index.php/justica-terapeutica>. Acesso em: 14 Dez. 2020.

_____. Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. **Varas de Execuções Penais. Justiça Terapêutica.** Disponível em: <http://www.tjrj.jus.br/web/guest/justica-terapeutica>. Acesso em: 14 Dez. 2020.

_____.Tribunal de Justiça de São Paulo. **Notícias.** Disponível em: <https://tjsp.jus.br/Noticias/Noticia?codigoNoticia=3734>. Acesso em: 14 Dez 2020.

BRUNER, J. **Atos de significação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAREY, S. M.; FINIGAN, M. W.; PUKSTAS, K. **Exploring the key components of drug courts: A Comparative Study of 18 Adult Drug Courts on Practices, Outcomes and Costs.** Portland: NPC Research, 2008.

CARONE, I.; BENTO, M.A.S. (Org.) **Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 2002

CLEMMER, D. **Prision Community.** 2. ed. Nova Iorque: Holt, Rinehart And Winston, 1958.

CORNISH, F. Towards a dialogical methodology for single case studies. **Culture & Psychology**, v. 26, n 3, p. 139 – 152, 2020.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Provimento nº 4 de 2010.** Define medidas com vistas à eficácia e ao bom desempenho da atividade judiciária na implantação das atividades de atenção e de reinserção social de usuários ou dependentes de drogas, nos termos da Lei nº 11.343/2006, e dá outras providências.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Documento de referências técnicas para a atuação de psicólogas (os) em políticas públicas de álcool e outras drogas** 1ª edição. Brasília, 2013. Disponível: https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2014/01/CREPOP_REFERENCIA_S_ALCOOL_E_DROGAS_FINAL_10.01.13.pdf Acesso em: 22 Ago. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) em políticas públicas de álcool e outras drogas.** Edição revisada. Brasília, 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2019/09/AlcooleOutrasDrogas_web-.FINAL.pdf Acesso em: 30 Set. 2019.

COSTA, E. V.; LYRA, M.C.D.P. Como a mente se torna social para Barbara Rogoff ? A questão da centralidade do sujeito. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre v. 15, n. 3, p. 637-647, 2002

DRUG COURTS PROGRAM OFFICE. **Defining Drug Courts: The Key Components.** U.S. Department of Justice, 1997.

ESCOHOTADO, A. **História elementar das drogas**. Tradução de José C. Barreiros. Lisboa: Antígona, 2004.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca: v. 1. Ensaio de interpretação sociológica**. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.

FENSTERSEIFER, D. P. A política criminal americana e seu papel na criação das cortes de drogas: influências históricas sofridas pelo programa de justiça terapêutica. **Rev. Ciênc. Juríd. Soc. UNIPAR**. Umuarama. v. 17, n. 1, p. 27-42, jan./jun 2014.

FENSTERSEIFER, D. P. **Construção de um conceito de justiça terapêutica e cortes de drogas desde a ótica da therapeutic jurisprudence**. Tese de Doutorado em Ciências Criminais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.

FENSTERSEIFER, D. P. **Therapeutic Jurisprudence: lições e práticas que podem humanizar o Direito**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2018.

FENSTERSEIFER, D. P. Os dez componentes-chave para o desenvolvimento de uma corte de drogas e do programa de justiça terapêutica. **Interfaces Científicas - Direito**, Aracaju, v. 7, n. 2, p. 11-25, abr/mai/jun. 2019.

FERREIRA, V. S. Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência. **Etnográfica**, Lisboa, v. 11, n. 2, p. 291-326, nov. 2007.

FREITAS, M. T. A.; COSTA, S. R. (Orgs.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GILLESPIE, A.; CORNISH, F.; AVELING, E.; ZITTOUN, T. Conflicting community commitments: a dialogical analysis of a british woman's world war II diaries. **Journal of Community Psychology**. v. 36, n. 1, p. 35-52, 2007

GILLESPIE, A.; CORNISH, F. Intersubjectivity: towards a dialogical analysis. **Journal for the theory of social behaviour**, v. 40 n.1. p 19-46, 2010.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Curitiba: Editora Perspectiva, 2005

GUIMARÃES, D. S. Descending and ascending trajectories of dialogical analysis: seventh analytic interpretation on the short story "The guerrillero". **Psicol. USP**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 189-200, Aug. 2016.

HERMANS, H. The dialogical self: Towards a theory of personal and cultural positioning. **Culture & Psychology**, v. 7, p. 243-282, 2001.

HERMANS, H.; KEMPEN, H. **The dialogical self: Meaning as movement**. San Diego: Academic Press, 1993.

KERMAN, P. **Orange is the new black**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2014.

LAMARCK, S. **Análise do programa justiça terapêutica no município de goiânia nos anos de 2010-2013**. Dissertação de Mestrado em Direito, Relações Internacionais e Desenvolvimento. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2015.

LIMA, B.; CARDIM, M.E. Números de casos e mortes alertam para segunda onda da covid-19 no Brasil. **Correio Braziliense**, 2020. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2020/11/4889589-numeros-de-casos-e-mortes-alertam-para-segunda-onda-da-covid-19-no-brasil.html>. Acesso em: 06 Jan 2021

LIMA, Flávio Augusto Fontes de. **Justiça Terapêutica: em busca de um novo paradigma**. São Paulo: Scortecci, 2011.

LYRA, M. C. D. P.; BERTAU, M. Dialogical practices as basis for self. **Studia Psychologica**, v. 8, p. 173-193, 2008.

LYRA, M. C. D. P.; AGUIAR, M. B. Sublime Moments in the Light of Developmental Trajectory: An Exploration of the Unit of Analysis. In: LYRA, M. C. D. P.; PINHEIRO, M. (eds.). **Cultural Psychology as Basic Science: Dialogues with Jaan valsiner**. Springerbriefs Series Title: SpringerBriefs in Psychology and Cultural Developmental Sciences Series, 2018.

LYRA, M. C.; VALÉRIO, T. A. DE M.; WAGONER, B. Pathways to life course changes: Introducing the concept of Avenues of Directive Meaning. **Culture&Psychology**, p.1-17, 2018.

LOBOSCO, F. **Sobre um novo conceito de prisionização: o fenômeno da assimilação prisional de acordo com a realidade prisional brasileira** Tese de Doutorado apresentada a universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016.

MAKKAI, Toni. **Drug Courts: Issues and Prospects**. Canberra: Australian Institute of Criminology Trends & Issues, 1998.

MARKOVÁ, I.; LINELL, P.; GROSSEN, M.; SALAZAR ORVIG, A. **Dialogue in Focus Groups**. London: Equinox, 2007.

MARKOVÁ, I. **The dialogical mind: common sense and ethics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

MARKOVÁ, I. Case studies and dialogicality. **Journal of Deafblind studies on communication**. v. 3, p.28-45. University of Groningen Press, 2017

MARKOVÁ, I; NOVAES, A. Chronotopes. **Culture & Psychology**, v. 26, n 1, p. 117-138, 2020.

MARKOVÁ, I.; ZADEH, S.; ZITTOUN, T. Introduction to the special issue on generalisation from dialogical single case studies. **Culture & Psychology**, v. 26, n.3, p. 3 - 24, 2020.

MESSUTI, A. **O tempo como pena**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003.

MILLER, R. Introducing Vygotsky's cultural-historical psychology. In: YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R; M. FERRARI, M. (Eds.). **The Cambridge Handbook of Cultural-Historical Psychology**. New York: Cambridge University Press, 2014.

MOREIRA, J.O; TEIXEIRA, L.C.; NICOLAU, R.F. Inscrições corporais: tatuagens, piercings e escarificações à luz da psicanálise. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 585-598, dez. 2010.

MUSTO, D. F. **The American disease. Origins of narcotic control**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1987.

NUTT, D.; KING, L. A.; SAULSBURY, W.; BLAKEMORE, C. **Development of a rational scale to assess the harm of drugs of potential misuse**. The Lancet, v. 369, 2007.

OBAMA, B. **Conversa com Bial**. Rio de Janeiro: Rede Globo. Entrevista concedida em 17 de nov. de 2020. Programa de TV.

OLIVEIRA, P. M. **Políticas antidrogas e as governamentalidades modernas: implicações ético-políticas do projeto justiça terapêutica**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Neurociências: Consumo e dependência de substâncias psicoativas**. Genebra: OMS, 2004.

PAIVA, F. S.; RODRIGUES, M. C. **Habilidades de vida: uma estratégia preventiva ao consumo de substâncias psicoativas no context**. *Estud. pesqui. psicol.* v.8, n.3, 2008.

PINTO, A.R.R.L. **A construção da toxicodependência como doença através das práticas**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Coimbra, 2012.

RIBEIRO, M.M.; RIBEIRO, M. Política mundial de drogas: uma reflexão histórica. In: SILVEIRA-FILHO, D.X. **Drogas, dependência e sociedade**. São Paulo: Atheneu, 2014.

RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. (Orgs.). **Família em processos contemporâneos: Inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995.

RIGOTTO, S. D.; GOMES, W. B. Contextos de abstinência e de recaída na recuperação da dependência química. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 95-106, Apr. 2002 .

RONZANI, T. M; NOTO, A. R.; SILVEIRA, P. S. **Reduzindo o estigma entre usuários de drogas. Guia para profissionais e gestores**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2015.

SÁ, A. A. **Criminologia clínica e Psicologia Criminal**. 1. ed. São Paulo: RT, 2007.

SALGADO, C.; CUNHA, C.; BENTO, T. Positioning Microanalysis: Studying the Self Through the Exploration of Dialogical Processes. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 47, p. 325-353, September 2013.

SATO, T; YASUDA, Y; KIDO, A; ARAKAWA, A; MIZOGUCHI, H; VALSINER, J; Sampling Reconsidered: Idiographic Science and the Analysis of Personal Life Trajectories in VALSINER, J; ROSA, A (Eds.). **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. Cambridge University Press, 2007

SEDDON, T. **A history of drugs: drugs and freedom in the liberal age**. Oxfordshire e Nova Iorque: Routledge, 2010.

SENAD - SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS. **Glossário de álcool e drogas** / Tradução e notas: BERTOLOTE, J. M. Brasília, 2010.

_____. **Práticas Integrativas na aplicação da lei nº 11.343/2006: lei de drogas. Brasil**. Brasília, 2014.

SILVA, J. R. R. T.; LYRA, M.C.D.P. Rememoração: contribuições para a compreensão do processo de aprendizagem de conceitos científicos. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 33-40, Apr. 2017.

SIMÃO, Livia Mathias. **Ensaio dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro**. São Paulo: Hucitec, 2010.

SOARES, H. L. R.; GONCALVES, H. C. B.; WERNER JUNIOR, J. Projeto Justiça Terapêutica. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 237-238, Apr. 2010.

TRINDADE, J. **Manual de Psicologia Jurídica para operadores do Direito / Jorge Trindade**. 6. ed. rev. atual, e ampli. - Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2012.

- VALSINER, J. **Culture and the development of children's action**. New York: John Wiley & Sons, 1997.
- VALSINER, J. **The guided mind: a sociogenetic approach to personality**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.
- VALSINER, J. **Culture and human development: An introduction**. London: Sage, 2000.
- VALSINER, J. **Culture in minds and societies. Foundations of Cultural Psychology**, Sage, 2007
- VALSINER, J. **Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- VALSINER, J. **An invitation to cultural psychology**. London: Sage, 2014.
- VEGE, G. **Co-presence is a Gift: Co-presence as a Prerequisite for a Sustained and Shared Here and Now**. MSc. University of Groningen, Faculty of Behavioral and Social Sciences, 2009.
- VERGARA, A. J. S. Therapeutic Justice for lawbreaker's teenagers – the drug's court in the society of control. **Revista de Psicologia da Unesp**, 2009.
- VERGARA, A. J. S **Justiça terapêutica: o tribunal das drogas na sociedade de controle**. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade est. paulista Júlio de Mesquita Filho, 2011
- VIGOTSKI, L.S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, nº 71, p. 21-44, julho 2000.
- VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WAGONER, B. Meaning construction in remembering: A synthesis of Bartlett and Vygotsky. In: STENNER, P. et al (Eds.), **Theoretical Psychology: Global Transformations and Challenges**. Toronto: Captus Press, 2011.
- WAGONER, B. Bartlett's concept of schema in reconstruction. **Theory & Psychology**. v. 23, n. 5, p. 553-575, 2013.
- WAGONER, B.; GILLESPIE, A. Sociocultural mediators of remembering: An extension of Bartlett's method of repeated reproduction. **British Journal of Social Psychology**, v.53, p. 622-639, 2014.
- WERNECK, J. **Racismo Institucional – uma abordagem conceitual**. Texto produzido para o Projeto Mais Direitos e Mais Poder para as Mulheres Brasileiras (Mimeo), abril de 2013.
- WEXLER, David B.; WINICK, Bruce J. **Law in Therapeutic Key: Developments in Therapeutic Jurisprudence**. North Carolina: Carolina Academic Press, 1996.
- ZITTOUN, T. Trusting for learning. In: LINELL, P.; MARKOVÁ, I. (Ed.). **Dialogical approaches to trust in communication**. Charlotte: Information Age, p. 125-15, 2014.